

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES

V.43 N.70 JUL.-DEZ. 2023 ISSN 2359-0076



Revista
do
Centro de Estudos Portugueses

v. 43 n. 70 jul./dez. 2023

ISSN 2359-0076

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor: Georg Otte

CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES

Coordenadora: Silvana Maria Pessôa de Oliveira

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Silvana Maria P. de Oliveira (Coordenadora)

Ana Lúcia Esteves dos Santos	Mônica Valéria Costa Vitorino
Luiz Fernando Ferreira Sá	Raquel dos Santos Madanêlo Souza
Lyslei de Souza Nascimento	Roberta Guimarães Franco Faria de Assis
Matheus Trevizam	Viviane Cunha

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA

Ângela Vaz Leão, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte/MG, Brasil
Annabela de Carvalho Vicente Rita, Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa, Portugal
Annick Moreau, Universidade de Poitiers, Poitiers, França
Annie Gisele Fernandes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil
Bernardo Nascimento de Amorim, Universidade de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto/MG, Brasil
Cid Ottoni Bylaard, Universidade Federal do Ceará, (UFC), Fortaleza/CE, Brasil
Ida Maria Santos Ferreira Alves, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ, Brasil
Joana Matos Frias, Universidade do Porto (UPorto), Porto, Portugal
Lélia Maria P. Duarte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas), Belo Horizonte/MG, Brasil
Marcus Vinícius de Freitas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, Brasil
Maria Mercedes Brea, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, Espanha
Maria Zilda Ferreira Cury, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, Brasil
Paola Poma, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/ SP, Brasil
Paulo Cunha, Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã/ Portugal
Raquel Beatriz Junqueira Guimarães, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte/MG, Brasil
Raquel dos Santos Madanêlo Souza, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/ MG, Brasil
Renata Soares Junqueira, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, SP/ Brasil
Roberta Guimarães Franco Faria de Assis, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/ MG, Brasil
Sandro Ornellas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/ BA, Brasil
Silvana Pessoa Oliveira, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/ MG, Brasil
Sofia de Sousa Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), Rio de Janeiro/ RJ, Brasil
Viviane Cunha, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, Brasil

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Centro de Estudos Portugueses
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 3049 - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
Fone: (31) 3409-5134
e-mail: jmitraud.pessoa@ig.com.br

Revista *do* Centro de Estudos Portugueses

Revista do CESP	Belo Horizonte	v. 43	n. 70	182 p.	jul./dez. 2023
-----------------	----------------	-------	-------	--------	----------------

Direção:

Silvana Maria Pessôa de Oliveira

Organização deste número:

Jerónimo Pizarro (Universidad de los Andes)

Enrico Martines (Universitá de Parma)

Marcos Antônio de Moraes (Universidade de São Paulo)

Revisão: Autores e organizadores.

Diagramação: Camila Almeida, Gabriela Mendes Lira

Secretaria: Seção de Periódicos – FALE/UFMG – Sala 2017

Capa: Pedro Freitas

Ficha Catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca da FALE/UFMG

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES. - v. 1,
n. 1, (jun. 1979). - Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG,
1979 -
il. ; 22 cm.

Resumo bilíngue.

Semestral.

Continuação do Boletim do Centro de Estudos Portugueses, a partir
do v. 21, n. 28/29, (jan.-dez. 2001).

ISSN 1676-515X (impressa)

e-ISSN 2359-0076 (online)

1. Literatura portuguesa. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura afri-
cana (Português). 4. Língua portuguesa. 5. Lingüística.

CDD : 869

469

S u m á r i o

Correspondências modernistas: uma jornada pela epistolografia dos modernismos português e brasileiro	
Marcos Antônio de Moraes	
Jerónimo Pizarro	
Enrico Martines.....	7

DOSSIÊ: CORRESPONDÊNCIAS MODERNISTAS

As relações luso-brasileiras e a revista <i>presença</i> na correspondência entre Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto	
<i>The Portuguese-Brazilian Relations and the presença Magazine in Correspondence between Adolfo Casais Monteiro and Ribeiro Couto</i>	
Ingred Georgia de Sousa Silva	11
Manuel Bandeira e os escritores portugueses	
<i>Manuel Bandeira and the Portuguese Writers</i>	
Rui Moreira Leite.....	37
O ano de 1916 na correspondência de Fernando Pessoa	
<i>The Year of 1916 on Fernando Pessoa's Correspondence</i>	
Rodrigo Xavier.....	59
Correspondência entre José Lins do Rego e Alceu Amoroso Lima	
<i>Correspondence between José Lins do Rego and Alceu Amoroso Lima</i>	
Leandro Garcia Rodrigues	94
Cartas entre escritores e suas relações com o Estado Novo brasileiro e o português: Cecília Meireles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre e José Osório de Oliveira	
<i>Letters between writers and their relations with the Brazilian and Portuguese Estado Novo: Cecília Meireles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre and José Osório de Oliveira</i>	
Luís Antônio Contatori Romano	113

Quixotismo e saudosismo na era dos modernismos: um epistolário <i>sombroso por terras de Portugal e de Espanha</i> <i>Quixotism and saudosismo in the Era of Modernisms: A Shadowy</i> <i>Epistolary across the Lands of Portugal and Spain</i>	
Ana Clara Magalhães de Medeiros	131
Uma carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino e a sua resposta <i>A Letter from Clarice Lispector to Fernando Sabino and Her Reply</i>	
Cristina Gonçalves Ferreira de Souza.....	148

VARIA

A nota campestre na literatura portuguesa <i>The Country Note in Portuguese Literature</i>	
Edgard Pereira.....	164

TRADUÇÃO

O estilo tardio de Beethoven Theodor W. Adorno	
Roberto Bezerra de Menezes (tradutor).....	180

RESENHA

LOPES, Adília. <i>Pardais</i> . Porto: Assírio & Alvim, 2022.	
Maria Cristina Oliveira Fonte Boa.....	186



Correspondências modernistas: uma jornada pela epistolografia dos modernismos português e brasileiro

Em meio às efusivas celebrações dos centenários de movimentos, livros, periódicos e autores associados aos modernismos portugueses e brasileiros, emerge a relevância das correspondências modernistas como verdadeiros tesouros biográficos e literários, como reflexo da pulsante teia de sociabilidade no campo letrado. Estas trocas epistolares não apenas historiam e contextualizam amizades e acontecimentos, como também enriquecem nosso conhecimento sobre os diversos escritores e artistas que protagonizaram esse período de efervescência cultural e transformação, bem como sobre os seus processos criativos.

Este número da Revista do Centro de Estudos Portugueses será dedicado a explorar em profundidade essas correspondências. Nosso interesse reside em investigar minuciosamente as relações epistolares entre alguns dos principais modernistas e em reunir uma coletânea de trabalhos produzidos por pesquisadores dedicados ao tema. Vale ressaltar que esse campo de estudo não apenas aproxima a crítica literária da prática da edição, mas também é eminentemente interdisciplinar, cruzando fronteiras entre diferentes campos do conhecimento.

Nesse contexto, nosso chamado se estende a pesquisadores de diversas áreas e disciplinas, convidando-os a contribuir com seus estudos para expandir nosso entendimento sobre esse fascinante tema. O propósito deste número especial é duplo: por um lado, busca-se iluminar aspectos da complexa rede de sociabilidade que permeava o universo dos modernistas, tanto em sua dimensão nacional quanto transatlântica; por outro, pretende-se refletir sobre a significativa contribuição da epistolografia para o aprofundamento da história literária dos modernismos.

Nossa intenção é permitir que os leitores mergulhem no cerne do modernismo por meio das conversas particulares de seus protagonistas. Através das vozes diretas dos atores envolvidos, poderemos experimentar alguns dos momentos mais marcantes e significativos desse movimento cultural que deixou um legado indelével na literatura brasileira e portuguesa do século XX. As cartas, verdadeiros testemunhos da

intimidade e das relações entre os modernistas, registram não apenas contatos formais, mas também amizades, afinidades, interesses e posturas, proporcionando um retrato vívido e multifacetado dos seus atores principais.

Graças às correspondências entre intelectuais brasileiros e portugueses, podemos reconstruir o intrincado relacionamento entre esses dois mundos que compartilham a mesma língua e uma rica tradição cultural. As trocas epistolares revelam não apenas uma mútua admiração intelectual, mas também um desejo comum de renovação do panorama cultural de seus respectivos países, bem como influências mútuas que moldaram o desenvolvimento dos modernismos em ambos os lados do Atlântico.

Os artigos que compõem o dossiê “Correspondências modernistas”, trazem a colaboração de importantes estudiosas/os da epistolografia: Ingrid Georgia de Sousa Silva, Rui Moreira Leite, Rodrigo Xavier, Leandro Garcia Rodrigues, Luís Antônio Contatori Romano, Ana Clara Magalhães de Medeiros, Cristina Gonçalves Ferreira de Souza.

Os estudos exploram, paradigmaticamente, diversas facetas das interações modernistas, abordando uma gama variada de escritores, incluindo Alberto de Serpa, Alberto de Lacerda, Ribeiro Couto, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Fidelino de Figueiredo, Mário de Andrade, José Osório de Oliveira, Jaime Cortesão, Manuel Rodrigues Lapa e António Botto. Cada ensaio oferece uma perspectiva única sobre as relações epistolares desses modernistas, lançando luz sobre aspectos pouco explorados de suas vidas e obras. Mostram as linhas de força estéticas do modernismo, bem como ideários que restaram à margem do movimento. Iluminam aspectos do funcionamento das trocas culturais transnacionais, seus mais engajados agenciadores etc.

Além das relações luso-brasileiras, há estudos dedicados à correspondência entre escritores portugueses e brasileiros específicos, como Fernando Pessoa, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) e José Lins do Rego, Clarice Lispector e Fernando Sabino, entre outros. Essas análises aprofundam nossa compreensão sobre o processo criativo no âmbito da literatura, as discussões estéticas e as personae construídas nessa relação epistolar etc.

Em síntese, o estudo das correspondências entre os autores modernistas, colocando em prática a crítica epistolográfica, oferece uma rica tapeçaria de relações literárias, intercâmbios culturais e debates estéticos que transcendem fronteiras geográficas e temporais. Essas trocas

epistolares constituem uma valiosa fonte de conhecimento, contribuindo significativamente para uma compreensão mais ampla e profunda da literatura brasileira e portuguesa no contexto do modernismo.

Marcos Antônio de Moraes
Jerónimo Pizarro
Enrico Martines

DOSSIÊ:
CORRESPONDÊNCIAS
MODERNISTAS



As relações luso-brasileiras e a revista *presença* na correspondência entre Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto

The Portuguese-Brazilian Relations and the presença Magazine in Correspondence between Adolfo Casais Monteiro and Ribeiro Couto

Ingred Georgia de Sousa Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/ Brasil
ingredgsousa@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0002-6363-7933>

Resumo: Tendo como base de pesquisa a correspondência entre os escritores Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto, organizada, em 2016, por Rui Moreira Leite, este trabalho objetiva percorrer brevemente os registros da colaboração do poeta brasileiro na revista *presença*, dirigida por Casais Monteiro, evidenciando as discussões sobre as relações luso-brasileiras que se desdobram a partir dessas trocas. Tendo sido um encontro muito produtivo para os dois escritores e para a geração literária que fariam movimentar, a correspondência aponta também para um ambiente de reflexão sobre o fazer literário, afinidades, afastamentos e atravessamentos de outras esferas sociais no campo da literatura.

Palavras-chave: Correspondência; Casais Monteiro; Ribeiro Couto; relações luso-brasileiras.

Abstract: Based on the correspondence between the writers Adolfo Casais Monteiro and Ribeiro Couto, organized in 2016 by Rui Moreira Leite, this work aims to review the records of the collaboration of the Brazilian poet in the *presença* magazine, conducted by Casais Monteiro, highlighting the discussions about the Portuguese-Brazilian relations that

unfold from these exchanges. Having been a very productive meeting for the two writers and for the literary generation that would move, the correspondence also points to an environment of reflection on the literary production, affinities, disagreement and crossings of other social spheres in this context.

Keywords: Correspondence; Casais Monteiro; Ribeiro Couto; portuguese-brazilian sociability.

Após o processo de independência do Brasil, o pensamento que prevalecia para uma parte da sociedade brasileira era justamente o que buscava escapar a possíveis influências de Portugal em um processo de reconhecimento e afirmação da realidade nacional. No capítulo “As relações culturais ao longo do século XIX”, incluído em *Depois das Caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000* (2000), Tania Ferreira e Lúcia Neves apontam que haveria um “espírito de aversão recíproca”, segundo leituras do historiador Capistrano de Abreu, e, para os brasileiros “a presença portuguesa constituía uma ameaça à organização do novo País” (Ferreira; Neves, 2000, p. 227). Assim, o termo “brasileiro” toma força como marca de pertencimento, como “qualidade na esfera política”. Na ausência, porém, da tradição cultural própria, distinta da herança lusa, que emprestasse consistência a essa percepção, a única forma de definir o brasileiro era pelo o que o termo excluía” (Ferreira; Neves, 2000, p. 228), no caso, a distinção em relação ao português.

Ainda segundo Ferreira e Neves (2000), a relação entre Portugal e Brasil se estruturou entre tensões nas mais diversas áreas, ora mais acentuadas, ora menos. Vemos, por exemplo, o pensamento romântico de exaltação da natureza e do indígena junto da afirmação de um rompimento intelectual com os portugueses (Ferreira; Neves, 2000, p. 234); e, algum tempo depois, em 1880, as comemorações do tricentenário de morte de Luís de Camões voltavam “a irmanar portugueses e brasileiros nas celebrações” (Ferreira; Neves, 2000, p. 236). No setor econômico, o intenso fluxo de imigrantes marcava uma inevitável presença da circulação da cultura portuguesa e um aumento de concorrência no oferecimento de mão de obra no Brasil.

Essa situação tendeu a gerar duas imagens divergentes do imigrante português: de um lado, propalada pela imprensa antilusitana, a

do português ignorante, analfabeto, oportunista, adúltero de pesos e medidas; de outro, a do português obediente, trabalhador e apolítico, ideal para a ordem social vigente, cuja idealização foi elaborada, em parte, pela elite da própria colônia lusitana, que também destacava o papel do emigrante na manutenção dos laços econômicos, culturais e afetivos com o Brasil, considerado a maior obra realizada por Portugal (Ferreira; Neves, 2000, p. 245)¹.

Nesse mesmo contexto, a historiadora Lucia Maria Paschoal Guimarães, em “Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros” (2006), assinala que as propostas de formação de uma “comunidade luso-brasileira”, impulsionadas desde o início da Primeira Guerra, passaram por momentos em que, além do reforço de uma irmandade entre as nações, visava-se a formação de um bloco político, a instituição de uma “Confederação luso-brasileira”. Tais medidas partiam de aproximações fortemente políticas e estratégico-militares e que, ainda assim, não deixavam de envolver personagens da esfera literária – esses movimentando-se pelas publicações periódicas e encontros oficiais (Cf. Guimarães, 2006, p. 2). Ernesto Castro Leal em “A ideia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do século XX” (2009), conta que partiu do fundador da Academia Brasileira de Letras, Silvio Romero, a proposta de uma “aliança luso-brasileira”, quem sabe uma “nova e grande Lusitânia” (Cf. Leal, 2009, p. 242).

O seu ponto de partida era o de promover, no momento, uma redescoberta das origens e destino histórico do Brasil para os seus novos desafios no início do século XX, aí inserindo a conveniência do fortalecimento do elemento português (salientando a língua, os costumes, o direito e o caráter), sem que isso significasse uma oposição, de matriz nacionalista, aos outros elementos que estiveram na formação e evolução da grande nação brasileira.

¹ A. Gomes da Costa, em “Presença portuguesa no Brasil” (2002, p. 13-14), afirma que “Não há exagero em afirmar que se tirarmos a Língua, as heranças da colonização, as instituições, a religião cristã, os acervos artísticos, enfim, todos os elementos da nossa própria identidade, o que o Brasil tem ainda de português devemos-lo muito aos imigrantes, que souberam transplantar para a terra de acolhimento não apenas o seu sonho e o seu destino, mas também os valores que faziam parte de sua vida anterior à diáspora – a aventura e a saga de um povo, o culto mariano e as danças folclóricas, os costumes e as tradições”.

(...)

Propunha o fortalecimento das relações bilaterais entre Portugal e o Brasil, em torno de algumas políticas públicas comuns – tratados de comércio, convenções literárias, exposições de produtos, fomento da emigração, colaboração na marinha mercante, acordos militares –, reafirmando, a terminar, a importância de salvaguardar a língua portuguesa no Brasil (Leal, 2009, p. 237).

Ainda assim, segundo Guimarães (2006, p. 3), somente após a ascensão de Getúlio Vargas é que os laços com Portugal se estabeleceriam efetivamente.

Podemos, assim, falar em uma relação conflituosa nas trocas entre Portugal e Brasil e talvez acentuar o estabelecimento de duas principais correntes: uma que caminhava pelo afastamento e outra que propunha a convivência colaborativa.

De Varnhagen a Azevedo e de Ramos Paz a Malheiros Dias, são duas linhas de força que se destacam: de um lado, a busca de uma brasilidade por meio da rejeição, cada vez mais generalizada e intensa, da herança portuguesa por setores da elite, na tradição dos brasilienses da época da Independência; de outro, a constante presença do elemento português no cenário nacional, que se soube desdobrar, a partir de fins do século passado, em um espírito associativo, como estratégia para a reafirmação dos valores lusitanos e que ganhou força com as comemorações do centenário da Independência. De fato, foi sobretudo após 1922 que começou a ser gerada a política de relações fraternais entre Brasil e Portugal, que passaria a permear as relações oficiais luso-brasileiras daí em diante, fundada no sentimento de pertencimento a uma tradição histórica e cultural comum, visando à minimização dos conflitos e divergências. A partir de então, e apesar da reafirmação nacionalista que representou, nesse mesmo momento, o movimento modernista, Brasil e Portugal voltavam a se ver como pátrias irmãs, unidas pela língua, pelas tradições e representações comuns (...) (Ferreira; Neves, 2000, p. 232).

No que diz respeito ao campo cultural, no Brasil, antes e depois de 1922, observava-se a circulação de obras literárias portuguesas, viabilizada pela presença de intelectuais lusitanos, além da abertura do Real Gabinete Português de Leitura, em 1900, que “posto ao alcance do público brasileiro, constituiu, por si só, fator considerável para

manter vivo, no Brasil, o conhecimento da vida intelectual portuguesa” (Magalhães, 2000, 354). Os textos de Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, António Nobre e, um pouco mais tarde, Fernando Pessoa também não passariam em branco, sendo leituras presentes no repertório dos escritores brasileiros (Magalhães, 2000, p. 355). Por outra via, algumas movimentações conhecidas no chamado primeiro modernismo brasileiro, contribuía para acentuar o clima de tensão nas relações entre Portugal e Brasil, ao longo dos séculos XIX e XX, como o discurso de Graça Aranha proferido em 1924 e intitulado *O Espírito Moderno* que trazia afirmações polêmicas como no trecho destacado em que o intelectual afirmava: “não somos a câmara mortuária de Portugal”. (Aranha, 1924, p. 176). O crescente nacionalismo contribuiria ainda para acentuar o desejo de afirmação de uma ideia de identidade nacional, que levaria alguns escritores e intelectuais brasileiros a buscar “resgatar uma identidade perdida” (Oliveira, 2002, p. 101) metaforizada, por exemplo, na poesia de Oswald de Andrade em *Pau Brasil* (1925).

Nesse movimento de altos e baixos, como afirma a historiadora social Lucia Guimarães (2006, p. 2), “houve acentuado incremento nas relações literárias luso-brasileiras, com o surgimento de almanaques, jornais e magazines, nos quais participavam escritores das duas nacionalidades”. A cultura foi o eixo que abriu caminhos para a existência de um incremento nas relações luso-brasileiras.

Basta dizer que na *Águia*, editada na cidade do Porto (1910-1930), ao lado de Teixeira de Pascoaes e de Jaime Cortesão, escreviam Ronald de Carvalho, Coelho Neto, Vicente de Carvalho e Lima Barreto. A revista *Atlântica* (1915-1920), publicada em Lisboa, era dirigida pelo português João de Barros e pelo brasileiro Paulo Barreto, o popular João do Rio, e contava com a colaboração de Graça Aranha, Afrânio Peixoto e Tristão de Ataíde. No Rio de Janeiro, os principais diários editavam textos de Alberto d’Oliveira, de Carlos Malheiro Dias e de Jaime de Ségurier, que assinava, inclusive uma coluna no *Jornal do Comércio* (Guimarães, 2006, p. 2).

Em contraposição, no final do XIX e início do século XX, segundo (Magalhães, 2000, p. 356), “a literatura brasileira era escassamente conhecida nos meios intelectuais portugueses”.

Em um livro que publicou em Portugal, em 1896 o acadêmico brasileiro Valentim de Magalhães escrevia: “os livros brasileiros não são lidos em Portugal: o movimento literário transatlântico é completamente desconhecido cá. Ao passo que lá se lêem as mais insignificantes obras portuguesas e são familiares os nomes de todos os escritores portugueses, no país irmão desconhecem-se mesmo os mais importantes e os mais notáveis (escritores). (...) Os próprios homens de letras em Portugal pouco conhecem da literatura brasileira depois de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Alencar” (Magalhães, 2000, p. 356-357).

Também o crítico Enrico Martines (2018, p. 37), em “A presença do Brasil na *presença*: análise de uma atenção renovada”, trata de “uma geral ignorância quanto aos novos valores que se impunham no país sul-americano”, afirmando que, apesar de não serem nulas as iniciativas de contato entre Brasil e Portugal – podemos destacar, rapidamente, a revista *Orpheu*, de 1915, apresentando-se como luso-brasileira e as primeiras investigações de José Osório de Oliveira em *Literatura Brasileira*, publicado em 1926 –

só a partir dos anos Trinta verificou-se em Portugal uma renovada atenção para a cultura brasileira e foram lançadas as bases para que os escritores brasileiros pudessem influenciar os seus colegas europeus. Isto deu-se também graças à atividade de algumas publicações culturais portuguesas, sobretudo a *Descobrimento*, a *Revista de Portugal* e, não última, a *presença* (Martines, 2018, p. 37).

Acentua-se, neste âmbito, o papel dos periódicos literários e culturais no efetivo estabelecimento de uma comunicação entre os movimentos literários dos dois países. Compreendendo as revistas como suportes organizados coletivamente e como pontos de encontro da intelectualidade de então, destacamos o papel das publicações periódicas e redes de sociabilidade nos diálogos estabelecidos e na divulgação das literaturas de Portugal e Brasil, nas primeiras décadas do século XX.

Um retrato dessa convivência no meio literário é o que se evidencia no livro *Correspondência – Casais Monteiro e Ribeiro Couto*, organizado por Rui Moreira Leite e publicado em 2016, pela Editora Unesp. A publicação contempla a extensão do diálogo entre os dois escritores que se deu entre 1931 e 1962, considerando também as lacunas nessa troca epistolar. A busca por uma amizade colaborativa, ou

pelo estabelecimento dessa chamada relação luso-brasileira, a partir da aproximação de Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto, foi essencial para a manutenção de um contato tão complexo por tanto tempo. Tendo sido um encontro muito produtivo pessoalmente para os dois escritores e para a geração literária que fariam movimentar a partir dessas trocas, a correspondência aponta também para um ambiente de reflexão sobre o fazer literário, afinidades, afastamentos e atravessamentos de outras esferas sociais no campo da literatura.

O primeiro contato ocorre por iniciativa do jovem Adolfo Casais Monteiro, naquele momento com 23 anos, hoje reconhecido como um nome fundamental no campo das letras portuguesas, principalmente a partir de seu trabalho como um dos diretores da revista *presença* – “folha de arte e crítica”, inaugurada em 1927 por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, que com 56 números, estabeleceu-se como uma importante fonte para a literatura, artes plásticas e cinema, sendo até hoje um veículo relevante para pesquisas nessas áreas. Seu destinatário é Rui Ribeiro Couto, escritor brasileiro, articulador literário e que, à época, ocupava o cargo de vice-cônsul do Brasil, em Marselha. Na apresentação do livro, Moreira Leite conta-nos que com “apenas um primeiro livro de poemas, *Confusão* (1929), publicado” (Leite, 2016, p. 13), Casais Monteiro não esconde a admiração e a alegria por estabelecer contato com Ribeiro Couto, “dez anos mais velho” e “um escritor de certo renome, embora seus registros poéticos não o aproximem de seus companheiros de geração por seu tom de delicado intimismo e uma firme ligação à poesia portuguesa, notadamente Antônio Nobre” (Leite, 2016, p. 13).²

² Mário Hélio em “De poetas menores e Ribeiro Couto” (2002), aponta para a proximidade entre Couto, Cecília Meireles e Tasso da Silveira, sempre afastados dos modernismos, em razão da vinculação que comumente se faz destes poetas com vertentes tradicionais, da poesia: “Até recentemente, numa imaginária bolsa de valores da literatura, nomes como Cecília Meireles, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto, com suas evidentes ligações com o tradicionalismo de linguagem estavam em baixa cotação. Muitos historiadores e críticos fingiam não existir um vínculo do moderno com o passado. O fato de um dos primeiros ismos pronunciados pelos paulistas ter sido o futurismo diz muito de um movimento que era tão caótico quanto frágil em suas formulações teóricas. Mas o passado – inclusive aquele mais remoto do cancionário luso-brasileiro – sempre esteve ali rondando a excessiva confiança nos mitos do presente e do futuro” (Hélio, 2002, p. 2).

Ao longo da correspondência, além da intimidade aumentada com o tempo, que se torna visível nos modos de tratamento das cartas – passando de um inicial e recíproco “Meu querido camarada” (Leite, 2016, p. 27; 33) a outros como “Queridíssimo Couto” (Leite, 2016, p. 90), “Mais outro abraço do seu do coração Adolfo” (Leite, 2016, 2016, p. 91), “Grande, queridíssimo amigo” (Leite, 2016, p. 102) em referência a Couto, “um chi-coração do Adolfo” (Leite, 2016, p. 104), “Casalote” (Leite, 2016, p. 144), “Adolfito” (Leite, 2016, p. 158) – e da manifestação de compatibilidades pessoais e de escrita, destacamos, sobretudo, as reflexões sobre o intercâmbio literário luso-brasileiro, os comentários sobre a dificuldade de acesso aos livros publicados em ambos os países, as recorrentes publicações em outros periódicos e a tarefa de divulgação desempenhada por Ribeiro Couto desde muito antes desse contato. Para além dessas, vamos tomando conhecimento de questões familiares, divergências políticas, comentários críticos acerca de outras publicações e novidades sobre as próprias produções. O frutífero contato entre Couto e Casais rendeu ainda uma *plaquette* intitulada *Correspondência de Família*, com prefácio de José Osório de Oliveira – “um dos mais importantes e esforçados divulgadores da literatura brasileira em terras lusitanas” (Leite, 2016, 2015, p. 102) –, publicada em 1933, em edição fora do comércio³. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva percorrer brevemente os registros da colaboração do brasileiro Ribeiro Couto na revista *presença*, evidenciando as discussões sobre a cooperação luso-brasileira que se desdobram nessas trocas.

O primeiro contato entre os dois escritores se deu em 22 de junho de 1931, por iniciativa de Adolfo Casais Monteiro. Como se pode deduzir a partir do conteúdo da epístola, já havia um interesse do escritor

³ *Correspondência de Família*, publicada em 1933, foi proposta por Ribeiro Couto em carta de 06 de novembro de 1932. Na ocasião, conta que compôs o poema homônimo à *plaquette* e começou a imaginar a sua publicação. “(...) a coisa nasceu de eu ter copiado os seus “Poemas da amizade” para dar a uma revista daqui. Depois veio o impulso de publicar também uma resposta. Meti as mãos dentro do peito e trouxe de lá todos esses ritmos” (Leite, 2016, p. 57). O poeta não deixa de apontar José Osório de Oliveira para os trabalhos gráficos e para o prefácio, além de indicar a publicação fora do comércio e em excelente papel e de se responsabilizar pelas despesas. Dois exemplares da *plaquette* constam na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, segundo registros disponíveis no site da Casa Fernando Pessoa: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-374_2. Acesso em setembro de 2023.

português em conhecer a produção do poeta brasileiro, apresentado a ele por intermédio de João Gaspar Simões, crítico e ensaísta português que foi um dos fundadores da revista *presença* e correspondente de Ribeiro Couto. A motivação teria sido justamente esta: em carta a Simões, Couto elogiava o único livro então publicado por Casais, o *Confusão* (1929), e recomendava a divulgação do mesmo. Assim, de maneira agradecida, escreve o português:

Meu querido Camarada,

Porto

22-VI-1931

Devia ter-lhe escrito há muito tempo, já. E tanto mais que esta carta não é daquelas que se escrevem por obrigação, e sem entusiasmo. Eu dir-lhe-ei mesmo que tenho demorado a escrever-lhe em parte devido ao entusiasmo com que o descobri. Receei, e receio, não saber exprimir-lhe toda a admiração (mas admiração é uma palavra tão baça!) que em mim despertou a leitura dos teus dois livros. Antes de os receber, já sabia, por uma carta ao João Gaspar Simões, na qual me citava algumas linhas duma carta sua, o que tinha dito de meu livro. (...) Que o Ribeiro Couto me perdoe, mas eu queria agradecer-lhe como se agradece o livro dum velho amigo que já sabe que nós o admiramos, o que nos dispensa desse formulário ridículo que me custaria usar, precisamente porque a sua poesia foi para mim uma revelação imensa, mas ao mesmo tempo como que o encontro de alguém que era familiar à nossa vida. (...) Sabe outra das minhas alegrias ao lê-lo? Desde muito que eu me inquietava pela minha ignorância das novas gerações do Brasil. Bem sabe a dificuldade, aqui em Portugal, de tomar contacto com os verdadeiros artistas do Brasil! Por uma crítica de Marcel Brion, conheci Tristão de Ataíde, do qual consegui comprar um volume dos *Estudos*. Isto quanto à crítica! Quanto a poetas é (sic) verdade é que a todos ignoro, e é com o maior prazer que mandarei o meu livro aos que indicou ao Gaspar Simões. (...) Poderei esperar uma grande carta de si? O Ribeiro Couto tem a sua vida. Eu, este ano, concluindo a minha Licenciatura em Letras, nada faço de preciso, leio, escrevo, vivo, nada que me prenda a um trabalho constante. Todavia, tudo o que vier de si, por pouco que seja, o espero ansiosamente.

Toda a indizível amizade e admiração do Adolfo Casais Monteiro P.S. Envio-lhe o meu livro, porque não quero que o tenha num exemplar anônimo. E se tiver mais algum livro seu, agradeço-

lhe se me quiser mandar. A. C. M. R. Miguel Bombarda, 516 – PORTO (Leite, 2016, p. 27-32).

O mencionado contato prévio entre Gaspar Simões e Ribeiro Couto é também citado por Casais Monteiro. O jovem faz questão de explicitar sua admiração pelo poeta brasileiro e, desde o início, marcar a quebra de uma formalidade, chamando-o já “camarada” e estendendo-lhe agradecimentos que seriam mais apropriados a um “velho amigo”. O tom familiar e próximo, nesse sentido, talvez se configure como um dos fatores que colaboraram para a imediata, e interessada, afinidade estabelecida entre os dois escritores.

Quando avançamos na leitura do documento, vemos Casais tratando de uma “ignorância” em relação às “novas gerações do Brasil”. Diz também que Couto “Bem sabe a dificuldade, aqui em Portugal, de tomar contacto com os verdadeiros artistas do Brasil!” e que “Quanto a poetas é verdade é que a todos ignoro”, ainda que mencione o fato de haver tomado conhecimento de Tristão de Ataíde através de um texto do crítico francês Marcel Brion. De maneira clara, a carta aponta para a dificuldade de trânsito da literatura brasileira em Portugal, o que no Brasil não era diferente. Arnaldo Saraiva, em *Modernismo brasileiro e modernismo português*, afirma que “uma página de *A Águia* de 1920 (janeiro-julho) falava numa literatura brasileira ‘enriquecida’ que no entanto não tinha em Portugal quem procurasse ‘espalhá-la’ ou ‘torná-la conhecida’” (Saraiva, 2004, p. 40). Ainda segundo Saraiva, o já referido José Osório de Oliveira, “juntamente com Ribeiro Couto, que no final da década de 20 esteve em Portugal, e com Adolfo Casais Monteiro, foi o grande responsável pela popularização que a literatura brasileira moderna conheceria em Portugal nas décadas seguintes” (Saraiva, 2004, p. 40).

Sobre esse mesmo tópico, e ratificando o que lemos na carta de Casais Monteiro sobre o desconhecimento de livros do Brasil, João Gaspar Simões em “Ribeiro Couto e Portugal”, na edição portuguesa e póstuma, do livro *Sentimento Lusitano*, de Ribeiro Couto, trata da aproximação do poeta brasileiro com Portugal e seu trabalho de divulgador literário, a partir da Revista *presença*, apontando para a forma como isso refletiu no conhecimento de outros escritores brasileiros:

Através de Ribeiro Couto chegou até nós a moderna literatura brasileira. (...) Bem certo que à volta de 1930, quando Ribeiro Couto quis que fosse a *Presença* a editar um dos seus livros – *Província* -, algo se conhecia entre nós das letras do Brasil. João

de Barros e José Osório de Oliveira eram então os mais fiéis paladinos de um entendimento fraterno com os escritores do outro lado do Brasil. Os poetas do «modernismo» brasileiro eram quase desconhecidos entre nós. Por sua vez desconhecia-se no Brasil quer o primeiro quer o segundo modernismos, então em plena efervescência. E o gesto de Ribeiro Couto, aproximando-se da jovem revista coimbrã, foi o primeiro passo para o entendimento que faltava: atrás do poeta da *Provincia* vieram os maiores líricos da geração de 22. Jorge de Lima, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, todos os grandes poetas modernos do Brasil se tornaram familiares das letras portuguesas. Um verdadeiro entendimento inter-modernismos se verificou graças a Ribeiro Couto e à sua cordial aproximação dos jovens presencistas (Simões, 1963, p. 229).

A aproximação de Couto com intelectuais portugueses, como Gaspar Simões e, algum tempo depois, Casais Monteiro, e as atividades desenvolvidas em torno da revista *presença*, evidenciam-se como fatos importantes nas relações luso-brasileiras naquele momento. A atividade ainda aparece mencionada na mesma carta, em que Monteiro afirma que: “é com o maior prazer que mandarei o meu livro aos que indicou ao Gaspar Simões” (Leite, 2016, p. 31), sendo possível inferir que Couto já estaria articulando contatos para divulgação do livro de Monteiro, antes mesmo de conhecê-lo.

No encerramento da carta, o jovem Casais acentua a diferença entre ele e seu destinatário, colocando-se na posição de um humilde estudante em fins de curso, que nada fazia “de preciso” (Leite, 2016, p. 32), em comparação com o escritor mais experiente a quem se dirigia de maneira tão cordial. Assim, neste ponto, antes de passarmos à progressão deste diálogo, destacamos uma carta 5 de novembro de 31, cinco meses depois do primeiro contato, em que Monteiro relata o fato de ter sido convidado a dirigir a publicação coimbrã o que podemos interpretar como um indício da crescente aproximação entre os correspondentes. Em comparação com a primeira missiva remetida a Couto, notamos a insegurança do poeta diante das responsabilidades advindas da aceitação do novo encargo; suas preocupações adviriam tanto de sua pouca idade – “não sou demasiado criança?” –, quanto do significado atribuído por ele à revista *presença*, que tivera importante papel em sua própria formação intelectual, como se lê a seguir:

Eis-me, pela amizade de Régio e do Gaspar Simões, feito director da *presença*; isto que não podia deixar de me envaidecer, é todavia uma preocupação para mim. Se você soubesse o que a *presença* representa para mim! Fui assinante desde o primeiro número, quando eu ainda nada sabia dos rapazes que a iam fazer aparecer, convidado a assiná-la por um primo do Régio, um camarada do liceu. Assim, me iniciei; foi nela que aprendi a conhecer aqueles que são hoje uns dos meus mais queridos amigos, outros dos meus mais admirados companheiros – para não falar na revelação de Sá-Carneiro, do Fernando Pessoa, etc... ser agora director dela, compreende, é, por assim dizer, irreal, qualquer coisa a que ainda não me adaptei; além disso não sou eu demasiado criança? Não estou demasiado verde para isto? (Leite, 2016, p. 47)

Hoje, passados tantos anos, sabemos o quão sólida e valorosa foi a participação de Casais no corpo diretivo da revista que, juntamente de José Régio e João Gaspar Simões, conduziu as publicações a partir do nº 33. A entrada de Monteiro foi fundamental para o diálogo com o Brasil, como acentua Enrico Martines:

Os ensaios que reconstroem a história da *presença* – nomeadamente os que lhe dedicou João Gaspar Simões, protagonista direto dessa aventura – põem em relevo o facto de os contactos com o Brasil e os seus autores modernos se terem produzido sobretudo a partir de 1931, e principalmente graças a Adolfo Casais Monteiro, que nesse mesmo ano integrara a direção da revista substituindo, de facto, o dissidente Branquinho da Fonseca (Martines, 2018, p. 37-38).

A partir daquele momento, inicia-se a participação de escritores como o próprio Ribeiro Couto, Cecília Meirelles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Jorge de Lima, entre outros.⁴ Ainda que não tenhamos na correspondência a resposta sobre a nova posição assumida por Monteiro naquela publicação, é interessante perceber como há uma interrogação a Couto sobre uma possível

⁴ Martines fala ainda que “A leitura das páginas da coleção da *presença* mostra, aliás, que a situação é ligeiramente mais interessante: os contactos com o Brasil não foram mantidos sobretudo a partir de 1931, mas *só* desse momento para diante” (2018, p. 38), período que coincide, além da chegada de Casais Monteiro ao corpo diretor da revista, com o estabelecimento do contato com Ribeiro Couto.

imaturidade, reforçando a confiança e a espera, talvez, de uma aprovação ou incentivo por parte do poeta brasileiro.

Justificado o salto cronológico na leitura das cartas, voltamos a 07 de julho de 1931, a fim de refletirmos sobre a longa missiva de Ribeiro Couto, remetida do Consulado Brasileiro em Paris. Nela, Couto tece simpáticos agradecimentos e demonstra bastante interesse na amizade, aproveitando para elogiar diretamente o livro recém-publicado de Casais, que motivara o início do diálogo.

5, Avenue Friedland
Consulat Général du Brésil
Paris, 7 de Julho de 1931.

Meu querido camarada,

Poucas vezes um poeta terá recebido uma carta como aquela com que V. me honrou. Pois não é verdade que é a correspondência de almas que importa? Essa correspondência, entre nós, é tão perfeita (entre a sua realidade pessoal e a minha), que eu lamento estar a tão grande distância: senão iria correndo abraçá-lo. Já não posso compreender como estive duas vezes no Porto, em Outubro de 1928 e Novembro de 1929, e não estivemos juntos. É horrível a gente pensar que, num país que se atravessa há alguns homens que são talvez absolutamente como nós, e não sabemos quem são, nem onde estão. Dá vontade de sair gritando: ó irmãos!

(...)

Porém estou a dar-lhe a impressão de fazer literatura. Não tenho aqui, diante dos olhos, a sua carta, isto é, o seu retrato. Esta resposta não é, pois, uma resposta à carta, mas ao seu gesto, ao seu – olá. Bom dia, amigo. Está vendo? Vivemos assim espalhados pelo mundo, mas é talvez melhor esta dispersão da família: pelo gosto indizível de se encontrar, de se reconhecer. Só me aborrece que V. tenha só 23 anos. Eu tenho 10 a mais, e tenho medo de fazer figura de velho diante de V., que já é tão rico de experiência, de segurança e de orientação. (...) ainda que eu próprio seja para os mais velhos, um novo – tenho pelos mais novos que eu um profundo respeito: confio neles para me fornecerem, pelo resto da vida, matéria para admirar (fonte insaciável do meu ser). Seu livro, *Confusão*, é um desses mistérios atléticos de que falei acima. Será o campeão de amanhã? (Leite, 2016, p. 33-34)

Muito agradecido e respondendo à aproximação de Casais, e referindo-se a ele também como “camarada”, Ribeiro Couto inicia

acentuando sua gratidão pela carta recebida e seu encantamento diante da provável afinidade entre ambos, acentuada pelo “gosto indizível de se encontrar, de se reconhecer”. Na continuidade, aqui não reproduzida por conta da extensão da epístola, Couto aproveita o espaço para comentar demoradamente sobre conversas com Jules Supervielle, poeta franco-uruguaio, a respeito de publicações de Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, este último reconhecido como “um dos casos europeus mais notáveis”⁵; e também com Valéry Larbaud, poeta francês muito interessado na poesia de língua portuguesa, especialmente a brasileira, a quem apresentou versos de António Nobre, poeta de sua admiração⁶. Na sequência, conta sobre os textos enviados à *presença* e à Revista *Descobrimento*⁷, dirigida por Osório de Oliveira, da qual também se mostrou ativo colaborador.

⁵ Cabe destacar que nesta mesma carta Ribeiro Couto fala sobre algum contato com Pessoa e que “não lhe mandei livro nenhum porque fiquei a imaginar que ele não gostaria de que lhe batessem no ombro” (Leite, 2016, p. 37) e em nota do organizador lemos: “Na carta escrita a Casais Monteiro em 26 de dezembro de 1933, agradecendo o envio de *Correspondência de família*, Fernando Pessoa relata ter recebido por intermédio de Pierre Hourcade o último livro de Ribeiro Couto.”

⁶ “Valéry Larbaud, a quem tenho falado (desde muito) de Antonio Nobre, gostou imenso de uns versos que copiei das *Despedidas* (Não tenho o *Só!!!!!!!*). Em carta que me mandou de Valbois (onde ele fora passar uns dias, na propriedade que tem lá, perto de Vichy) dizia-me que se interessa; e depois, pessoalmente, confirmou o desejo de conhecer melhor a obra do (a meu juízo) maior poeta português depois de Camões. Ficou muito admirado de saber que o Nobre viveu aqui em Paris e escreveu a “Lusitânia no Bairro Latino”. V., Adolfo Casais Monteiro, se achar aí dois *Sós* num sebo, me mande: um para Larbaud, outro para mim. Não pretendo a comenda de Cristo, mas desejaria prestar a Portugal o serviço de interessar Valéry Larbaud pela obra de Antonio, Antoninho, Tónico – irmãozinho à altura do outro, o Santo Antonio de Lisboa. (Tenho a impressão, quando passo pelo Bairro Latino – e Larbaud mora lá, *en plein*, atrás da Sorbonne e do Panthéon, na rua do Cardinal Lemoine – que a cara pálida do lusíada (coitado!) me segue, triste, tristonha, e me diz: obrigado, meu amigo do Brasil!) (Leite, 2016, p. 37-38).

⁷ Em carta de 26 de outubro de 1931, Ribeiro Couto ainda apontaria também a Revista *A Águia* como possível destino de suas colaborações. Disse, “(...) Trabalho toda a tarde no consulado, de modo que só disponho de duas ou três horas de manhã para escrever. À noite tenho a cabeça zozna e preciso de arejá-la. À noite só leio, ao deitar. Eis as principais razões de andar atrasado com muitos artigos que desejo fazer para aí, *presença* ou *Descobrimento*, sobre a poesia moderna do Brasil. Em todo o caso, enviei ontem

Se v. estiver com o Simões em Coimbra, ou se escrever-lhe, diga-lhe por favor, que lhe mando mil agradecimentos pelos números da *presença* (segunda remessa), e que vou escrever-lhe. Aliás, há uns oito dias mandei-lhe dois poemas de poetas novos do Norte, como uma nota crítica, e uma carta – escrita ainda em Marselha, e que ficara perdida entre papéis, no atropelo da mudança. Recebi também dois exemplares do último número, onde vem quatro poemas meus. Que lhe estou grato pelo acolhimento.

V. viu o primeiro número do *Descobrimento*? O meu queridíssimo amigo Osório de Oliveira publicou ali uns poemas do livro *Província*, reflexos líricos de uma cidadola brasileira (reflexos de que há no *Homem na Multidão* um punhadinho, última parte do livro). Os poemas publicados agora em *presença* pertencem a outro livro.

A mim é que cabe dizer: tudo o que vier de v. será recebido com o espírito e o coração abertos.

Acompanho na *presença* os seus trabalhos críticos, mas ainda não li tudo, pois estou lendo aos poucos a coleção (infelizmente incompleta, devido a haver números esgotados; peço a V. assinalar-me pontos que deseje que sejam objeto de conversa por carta, etc.).

Minha correspondência, com espírito como o seu, nunca é regular, pois obedece ao ritmo caprichoso dos encontros de rua (Há dias em que me encontro com pessoas ausentes, v. não é assim? E nesses dias agarro-as para um canto, e vá de conversar; *allez*, desta vez é bastante!).

Seu muito admirador e amigo Ribeiro Couto (Leite, 2016, p. 38).

Tendo já publicado seus próprios poemas em *presença* no nº 31/32 (Mar./Jun. 1931) do periódico – “São Vicente”, “Padroeira”, “Mercado” e “Paquetá” (Cf. Couto, 1931a, p. 14) –, o primeiro brasileiro a figurar nas páginas da revista (Cf. Martines, 2018, p. 43), Ribeiro Couto parece seguir ativo no seu trabalho de colaboração e divulgação literária. Nessa carta, o autor sinaliza o envio de poemas e uma nota crítica sobre “poetas novos do Norte” do Brasil. O texto referido é “Dois poetas de Alagoas” (Cf. Couto, 1931b, p. 13) que vem a público no nº 33 (Jul./Out. 1931)

um para o 3º ou 4º número de *Descobrimento*. Mandarei também qualquer coisa para a Águia, se isso interessar à gente de lá. Em suma, havendo um pouquinho de tempo, bato máquina! Tomara poder escrever tudo que tenho a ferver sob o couro cabeludo” (Leite, 2016, p. 46).

e apresenta o crítico José Lins do Rego e os poetas Jorge de Lima e Aloysio Branco. Outro ponto que merece destaque é a menção a Osório de Oliveira, diversas vezes referido neste trabalho e que até certa altura dessa correspondência permanece como um outro membro importante nessa esfera de trocas de indicações.

Na já mencionada carta de 05 de novembro, dando prosseguimento às trocas epistolares, Adolfo Casais Monteiro também pontua a felicidade do encontro e do reconhecimento acentuados por Couto na carta anterior: “(...) e como é extraordinário, milagroso, o seu aparecimento, que nos veio ligar, que veio permitir o que, espero, será enfim o primeiro verdadeiro traço de união entre o Brasil e Portugal. O Portugal e o Brasil que as entidades oficiais ignoram” (Leite, 2016, p. 47). Essa face lusobrasileira é a que diria respeito a um diálogo entre as literaturas dos dois países, em oposição à inoperância dos órgãos oficiais, que ignorariam a importância da almejada aproximação cultural. A posição de Casais, bem como a de Couto, é essa que quer evidenciar e fazer movimentar um projeto de cooperação. Sem esconder a satisfação pela relação que ia se estabelecendo, o diretor de *presença* sinaliza, ainda, seu interesse pela poesia brasileira, que vinha conhecendo através dos livros enviados por Couto a Pierre Hourcade e a João Gaspar Simões, comentando também sobre os poetas “do Norte”, apresentados anteriormente, e acenando positivamente para a continuidade desse contato.

Se você pensa escrever sobre a poesia portuguesa de hoje, creia que eu, se desde já quero fazer uma tentativa de ensaio acerca dos seus poemas, desejo imenso conhecer melhor a poesia brasileira de hoje, da qual, através dos livros que deu ao Hourcade e ao Simões, eu tive duas revelações: Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Li ainda mal, e só folheando, os *Poemas* em casa do Gaspar Simões, o livro do Jorge de Lima. Mas a *Libertinagem* li-a e reli-a, tenho-a aqui ao meu lado e não me canso de absorver esta força poética de Manuel Bandeira, que é depois de si, e como irmão seu, a maior revelação que eu tenho tido em poesia. (...) Agora, quero avançar no reconhecimento destas regiões novas. Aqui lhe peço que me guie. Não quero pedir-lhe livros: quereria apenas que me desse as indicações necessárias de nomes, de livros, e, se possível, também de editores do Brasil, que eu mandarei vir de lá. (...) E livros seus, Ribeiro Couto? Li os poemas de Aloysio Branco e de Jorge de Lima que mandou para a *presença*. Gosto muito do primeiro, mas prefiro o de Jorge de Lima. É admirável, *sans plus*.

Excelente a sua nota. Cá esperamos mais. *A presença* foi já para a tipografia e em breve terá aí mais um número, no qual lhe anuncio especialmente admiráveis páginas de prosa de Fernando Pessoa (Leite, 2016, p. 47-48).

Conforme antecipamos na introdução deste estudo, conseguimos acompanhar nas cartas lidas o andamento desse trabalho de divulgação das letras brasileiras em Portugal, uma vez que verificamos as atualizações de leitura e comentários breves sobre o que pensam a respeito das obras lidas, a exemplo do entusiasmo evidenciado diante do livro de Manuel Bandeira, *Libertinagem*, que ainda seria tema de outra correspondência. Acentuamos que o diálogo entre ambos, assim como a intermediação de Osório e Simões, que se reflete diretamente nas publicações inseridas na revista *presença*, possibilitou que o diálogo em questão rompesse a esfera individual ou restrita apenas a um pequeno círculo de intelectuais, ao ampliar o acesso a um número maior de leitores, incentivando a internacionalização da produção literária do Brasil.

Ainda sobre a obra de Bandeira e divulgação de livros brasileiros, em carta datada de 15 de janeiro de 1932, Casais Monteiro agradece a Ribeiro Couto pelas obras recebidas – “Desde há muito que deveria ter-lhe agradecido a *Libertinagem* e os outros livros que por indicação sua tenho recebido de seus camaradas do Brasil.” (Leite, 2016, p. 50) – e reafirma seu interesse em compartilhar com seu interlocutor, algumas impressões sobre as suas leituras recentes das obras de escritores remetidas a ele.

Ora, o que eu sinto em Alcântara Machado, primeiro prosador do Brasil com quem travo contacto, é precisamente ele falar uma língua nada literária, uma língua viva, bem brasileira, bem enervada, sem retórica, sem literatura. Língua às vezes difícil para um estrangeiro de tão enraizada no verdadeiro dinamismo da expressão directa e sem enfeites. (...) O que acho extraordinário é como vocês são nacionalistas não sendo estreitos. Como o vosso nacionalismo é sólido, justificado, natural, em comparação dessas miseriazinhas daqueles que em Portugal se julgam a expressão da RAÇA (com muitos RRR!) (Leite, 2016, p. 50).

Para a estudiosa Mirhiane Mendes Abreu, em “Para além das fronteiras: o particular e o cultural nas cartas de Casais Monteiro e Ribeiro Couto” (2017), o que interessava aos dois escritores era a contemporaneidade. “De um lado, consideravam as respectivas produções

literárias; de outro, debatiam sobre os escritores identificados sob o signo da modernidade” (Abreu, 2017, p. 225). Assim, para além da pura movimentação de leituras e trocas de “encomendas”, através do fluido espaço epistolar, vamos acompanhando esse valoroso exercício de reflexão sobre o próprio fazer literário daquele momento.

Na mesma carta, ao encerrar os comentários sobre projetos e sobre a promessa de envio de uma cópia do *Só*, de António Nobre, solicitada por Couto no início desse diálogo, o português aponta para uma nova edição da *presença*.

Neste número da *presença* (a sair em princípios de fevereiro) devo publicar breves notas sobre seus dois livros de poemas, sobre a *Libertinagem*, sobre *Poesia* e talvez sobre Alcântara Machado, enquanto não posso fazer o longo estudo que quero dedicar à sua poesia, e o ensaio sobre “A nova literatura do Brasil” que farei quando mais profundamente a conhecer (Leite, 2016, p. 52).

O texto em questão é “Notas sobre poetas novos do Brasil – I – Ribeiro Couto” (Cf. Monteiro, 1932, p. 14-15), do nº 34 (Nov./Fev. 1932). A crítica de Casais Monteiro também se estende a Manuel Bandeira, em breve comentário, na parte II, dedicada ao livro *Libertinagem*, conforme sinalizado em carta anterior. Esse mesmo texto sobre Couto é reeditado em 1934 e publicado, anos mais tarde, no livro *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, sob o título “A poesia de Ribeiro Couto” (Monteiro, 1972, p. 145-170), junto de outras duas partes, escritas em 1963 e 1948, assim respectivamente dispostas na publicação.

Mantendo algum ritmo na correspondência, ainda que sob um silêncio de Ribeiro Couto que logo viria a se justificar, sempre a comentar seus trabalhos e empenhos, em 17 de junho de 1932, Monteiro pede por originais do poeta brasileiro.

(...) Você não tem nada – poesia ou prosa – que nos mande para o número 36 da *presença*? Como este último saiu atrasado, o seguinte sai já a seguir: e por isso lhe peço se nos pode e quer dar a sua colaboração que não a demore. Posso contar consigo. Um transatlântico abraço, com toda a admiração e a amizade do Adolfo Casais Monteiro (Leite, 2016, p. 56).

Cerca de quatro meses depois, em carta remetida do Rio de Janeiro, em 06 de novembro de 1932, Couto responde a Monteiro, apontando para

a inutilidade de justificar o longo intervalo que antecederia sua resposta: “Explicar porque passei tanto tempo sem lhe escrever seria longo e inútil. Os telegramas daqui devem informá-lo melhor... Somente agora estou recomeçando a minha verdadeira vida, a vida do espírito. Enviei ao Simões os originais de *Província*” (Leite, 2016, p. 56). O envio de Ribeiro Couto é o livro *Província* que desde o nº 36 (Nov. 1932) passou a ser anunciado em *presença* e seria oficialmente publicado em 1934, sob o selo “Edições Presença”.

Quanto ao livro de Couto, citamos um episódio referente a uma crítica de Albano Nogueira publicada no nº 43 da revista *coimbrã* (dez. 1934) (Cf. Nogueira, 1934, p. 11-12). No texto em questão, Nogueira aponta para o que considerava como a falta de definição de uma personalidade no poeta brasileiro, que estaria, segundo ele, muito inclinado a uma poesia confessional e fugidia: “Por isso a sua poesia, – farrapos esparsos, notas breves, apontamentos, indicações fugidias...” (Nogueira, 1934, p. 11)

Em carta de 22 de abril de 1935, após confirmar o envio de mais uma publicação à *presença*, Couto solicita a Monteiro:

(...) Mande-me o exemplar em que aquele menino precocemente ilustre achou que sou um poeta em formação, em vias de afirmar uma personalidade, etc. Deixei o meu (exemplar, dado por v.) na casa de jornais do Largo da Batalha, com o cinzeiro subtraído ao Escondidinho... Eu tinha jantado muito bem, e não estava com vontade de levar o artigo para casa, porque as linhas finais, lidas na mesa, me haviam produzido uma esquisita impressão de um veneno suave. Fiquei de mau humor (Leite, 2016, p. 86).

Apesar de não termos conhecimento de uma resposta formal de Couto a Nogueira, a correspondência evidencia a postura do poeta brasileiro diante da crítica ao seu trabalho poético. Ao definir Nogueira ironicamente como “menino precocemente ilustre”, Couto coloca-se numa posição de superioridade em relação ao autor da resenha. A carta, como se pode verificar no trecho a seguir, não caiu bem ao gênio forte de Couto que também parece haver experimentado “uma esquisita impressão de um veneno suave”.

A resposta de Casais Monteiro, datada de 30 de abril de 1935, refere-se à colaboração no periódico e detém-se, em certo momento, sobre o impasse com Nogueira.

Infelizmente, a *presença* já estava a imprimir quando chegou o seu belo poema; é do melhor “Couto”! Você não perderá com a demora: reserve-lhe a companhia do Supervielle e do Michaux, para o próximo número. Este (o 44) deve chegar ao Porto por estes dias. (...) Faz mal em levar a mal a crítica do Nogueira. O que v. devia levar a mal era nós ter-mo-la publicado; sabe, aquele Nogueira (que é muito novo, não o esqueçamos), muito fino analista, falha sempre na visão do conjunto. Sim, é talvez analista demais, falta-lhe... creio que lhe falta o afago do sentimento de comunhão poética. É áspero – é muito novo! (Leite, 2016, p. 88).

Tomando a responsabilidade da publicação do artigo para a direção da revista, Monteiro parece mostrar-se ciente do descontentamento de Couto, apesar de acentuar a capacidade crítica de Nogueira. A principal justificativa para apaziguar os ânimos seria a idade do crítico que, por ser “talvez analista demais”, falharia “sempre na visão do conjunto.” A rispidez do discurso empregado pelo autor da resenha decorreria de uma juventude ainda não dotada de um “sentimento de comunhão poética.” A posição do diretor do periódico, nesse sentido, parece indicar uma intenção de preservação da amizade com Ribeiro Couto, de modo a evitar um conflito maior entre os principais envolvidos.⁸

A última colaboração de Ribeiro Couto na *presença*, anunciada em abril de 1935, e que seria fruto do “melhor Couto”, segundo Monteiro, foi publicada no nº 45 (Jun. 1935) na sessão “Poetas Brasileiros”, junto

⁸ Sobre o mesmo episódio, conta Enrico Martines que “Menos entusiástica aparece a recensão que outro crítico, Albano Nogueira, dedica à coletânea poética *Província*, de Ribeiro Couto (n.º 43, dezembro de 1934). Nogueira mostra-se negativamente impressionado por aquela que define uma lenta, evidente e curiosa evolução no poeta brasileiro, um caminho em direção a um acentuado e rebuscado abandono dos atributos poéticos (tal como a riqueza de ritmo e de imagens) que Ribeiro Couto considera alheios à essencialidade da poesia. Porém, essa redução calculada dos próprios versos a um «esqueleto poético», de acordo com Albano Nogueira, acaba por produzir – nas realizações menos bem-sucedidas – um efeito de frieza e de incomunicabilidade, de mero capricho poético, com o resultado que «a poesia afoga-se em palavras e conceitos sem qualquer espécie de interesse poético». Essencialmente, se para Casais Monteiro o poeta santista conseguia harmonizar as suas mais típicas características brasileiras com os ecos de grandes poetas portugueses como Cesário e Nobre, agora Nogueira afirma que Couto está a afastar-se daquelas mesmas influências para afirmar-se como poeta verdadeiro ainda que inseguro” (Martines, 2018, p. 45).

de poemas de Cecília Meirelles. O poema “Carícia Noturna” (Cf. Couto, 1935, p. 5) manteria a tonalidade recolhida destacada na obra do poeta, o que, para Adolfo Casais Monteiro, seria visto positivamente como “uma poesia íntima, pudica, caminhando com pés de lã, uma poesia de intimidade” (Monteiro, 1972, p. 156).

Pensando na continuidade das trocas e a proposta de trabalho luso-brasileiro, a título de complemento, destacamos uma iniciativa interessante de Ribeiro Couto, abordado em determinado momento dessa correspondência, que foi a proposta do Serviço de Cooperação Intelectual, ligado ao Ministério de Relações Exteriores, e que parecemos a oficialização do que vimos funcionar como raiz do diálogo entre os dois escritores. Impulsionado pelos tantos contatos no Brasil e no exterior com escritores, críticos e editores, seu trabalho era motivado pela assiduidade e comprometimento em fazer com que as trocas se realizassem de maneira satisfatória.

A defesa desse projeto, argumentou Couto, residia no fato de que com tal iniciativa se buscava quebrar a barreira existente na América entre os três grandes blocos principais de cultura: segundo o autor, o anglo-saxônico, o hispânico e o lusitano, objetivando o fim do permanente isolamento doméstico das relações culturais brasileiras em relação às repúblicas-irmãs do continente (Neves, 2013, p. 122-123).

O projeto não foi aprovado de imediato, sendo somente em meados de 1937 que Couto receberia uma circular sobre a regulamentação provisória (Cf. Neves, 2013, p. 130). No ano anterior, em 14 de dezembro de 1936, o brasileiro respondia a uma carta de Adolfo Casais Monteiro referindo-se aos projetos literários deste e como ou quem poderia melhor ajudá-lo naquele momento de vida. Nela, explica sobre os objetivos do referido projeto e critica a postura de outros dirigentes envolvidos.

(...) Sobre os teus projetos literários, logo que saias daí nos escreveremos⁹. Quanto ao material (aos livros brasileiros) confesso-te que não tenho tudo de quanto necessitas. Creio que o José Osório de Oliveira tem muito mais livros, dos escritores modernos, do que eu. Em todo caso, logo que estabeleças a lista dos autores sobre os quais desejas te ocupar, posso encher os

⁹ Adolfo Casais Monteiro e sua esposa estavam presos pelo regime português.

buracos, encomendando os livros no Brasil. Um guia excelente para isso (quanto à poesia, somente) é a antologia publicada há meses, pelo Dante Milano (editada pela Ariel), Tens esse livro? Por ali poderás escolher os poetas de que desejas te ocupar. Já tens toda a lista de autores (para os teus ensaios) na cabeça, ou queres que eu te sugira os que podem interessar-te? Existe uma grande quantidade de autores novos, sobretudo romancistas. *Posso até comunicar oficialmente o teu projeto ao Serviço de Cooperação Intelectual, do meu Ministério, para que esse organismo te envie todo o material. Está claro: É bem capaz de não mandarem nada. Mas, pelo menos, fica constando em nossos arquivos que um autor português quis fazer um livro sobre autores brasileiros, e que o Serviço competente não se importou com isso.* Essa idéia me agrada. Por entre a cruz e a caldeirinha um serviço que fundei, e que, mau grado a má vontade de alguns cavalheiros oficiais (“Coisas de literatos” diziam), está vivendo. *Esse serviço destina-se exatamente a fornecer livros a escritores estrangeiros que se interessem por determinados assuntos, etc.* Responda-me se queres uma lista de autores organizada por mim e, sobretudo, de quantos poetas e quantos romancistas te desejas ocupar. Desde já te digo, quanto aos prosadores, não podes esquecer, não poder esquecer o Monteiro Lobato, novelista admirável em qualquer país (O nosso Aquilino¹⁰, penso eu) (Leite, 2016, p. 112-113, grifo nosso).

Esse recorte é esclarecedor para o entendimento do papel de cooperação intelectual assumido por Ribeiro Couto e tantas vezes ressaltado neste trabalho. No ofício encaminhado ao órgão, pede por livros de Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Matheus de Lima, Manuel Bandeira, Emílio Moura, Augusto Meyer, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Murilo de Araújo, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Raul Bopp, Ronald de Carvalho, Rodrigues de Abreu “e outros poetas vivos e mortos, mas que sejam, como esses exemplos citados de memória, representativos das diversas correntes modernistas” (LEITE, 2016, p. 288). Percebe-se por sua solicitação um interesse pautado pela diversidade de escritores, de diferentes poéticas. Tudo isso reforça um trabalho realmente preocupado com a dispersão da literatura brasileira e, no contexto de indicação de

¹⁰ Aquilino Ribeiro (1885-1963), importante romancista português.

Casais Monteiro como colaborador, sinaliza a confiança no crítico e “camarada” português.

Assim, sobre o teor geral da correspondência, Mirhiane Abreu aponta que,

Ressalvadas as particularidades críticas de cada um dos correspondentes, Ribeiro Couto e Casais Monteiro coincidem no exame estético do tempo que lhes era atual: “Gostaria de dedicar um livro inteiro à literatura actual do Brasil” (p. 75), afirma o português, privilegiando, assim, o momento presente. A convergência desses interesses indicia uma tendência forte nesse diálogo e na poética que produziram. Por caminhos pessoais ou mais gregários, ambos chegaram à fundamental perspectiva: tornar-se intelectual do próprio tempo equivalia a fazer o presente cultural conhecido por informações providas em cartas, estampadas em revistas e revolvidas em exames investigativos. Inversamente, divergem quanto aos posicionamentos políticos, os quais, por fim, acabam por afastá-los, embora o diálogo seja posteriormente retomado (Abreu, 2017, p. 226).

Como “poetas do tempo presente”, interessados na “contemporaneidade”, atentos ao seu meio literário, Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto “fizeram desse encontro epistolar um instrumento de aproximação e formulação do que os inquietava intelectualmente. Buscavam o atual, mas não deixaram de ser brasileiro e português, condição indispensável na manutenção e nos efeitos do vínculo” (Abreu, 2017, p. 226). O trabalho desenvolvido e acessado através dessa correspondência confirma exatamente a intensa movimentação realizada pelas figuras literárias do Brasil e Portugal aqui destacadas, bem como de outros países integrados a essa rede de sociabilidade, visando – na maioria das vezes – mais que um reconhecimento público e individual de sua tarefa, mas um verdadeiro projeto de convivência pela literatura. Projeto este que aparece fortemente ligado a questões políticas, debates sociais e teóricos que seguem atravessando as pesquisas na atualidade. O recorte voltado ao período de colaboração de Ribeiro Couto na revista *presença* serve também para elucidar como as revistas, entendidas como lugares de reflexão e disseminação de movimentos de arte, têm papel inegável na estruturação de acordos que extrapolam seu próprio momento. Do mesmo modo, é importante destacar a validade das cartas como ricas fontes de pesquisa

uma vez que permitem esse aprofundamento em questões que muito interessam à formação literária e que tantas vezes permanecem fora de circulação oficial, preenchendo lacunas historiográficas e atualizando debates. O estudo da correspondência entre Ribeiro Couto e Adolfo Casais Monteiro, como um exame de fontes primárias, é um material de investigação muito produtivo para compreender as relações luso-brasileiras, a circulação de ideias e esclarecer questões ainda pouco iluminadas nos estudos dos modernismos português e brasileiro.

Referências

ABREU, M. M. de. Para além das fronteiras: o particular e o cultural nas cartas de Casais Monteiro e Ribeiro Couto. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 67, p. 222-228, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i67p222-228. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/137576>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ARANHA, G. *O espírito moderno*. América Brasileira, Rio de Janeiro, ano 3, n. 30, p. 173-176, jun. 1924.

COSTA, A. G. Presença portuguesa no Brasil. In: *Relações Luso-Brasileiras*. Revista Convergência Lusíada, n. 19. Número Especial. Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Centro de Estudos. Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras. 2002.

COUTO, R. “Paquetá” e outros poemas. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 5, vol. 2, n 31/32 (Mar./Jun. 1931). 1931a. p. 14. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P354.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

COUTO, R. Dois poetas de Alagoas. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 5, vol. 2, nº 33 (Jul./Out. 1931). 1931b. p. 13. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P385.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

COUTO, R. Poetas Brasileiros – Carícia Noturna. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 9, vol. 2, nº 45 (Jun. 1935). 1935. p. 5. Disponível em: <<https://digitalis-dsp>.

uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P565.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FERREIRA, T. M. T. B. C.; NEVES, L. M. B. P. As relações culturais ao longo do século XIX. In.: CERVO, A. L.; MAGALHÃES, J. C.; ALVES, D. M. C. (org.). *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil: 1808-2000*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 225-252.

GUIMARÃES, L. M. P. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. In. *XII Encontro Regional de História – Usos do passado*. ANPUH-RJ, 2006. Disponível em: <<http://snh2013.anpuh.org/recursos/rj/Anais/2006/conferencias/Lucia%20Maria%20Paschoal%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2023.

HÉLIO, M. De poetas menores e de Ribeiro Couto. 2002. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/resenha/FCRB_MarioHelio_De_poetas_menores_RibeiroCouto.pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.

LEAL, E. C. A ideia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do século XX. In. *Revista Estudos Filosóficos UFSJ*, [S. l.], n. 3, 2009. p. 235-249. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2381>>. Acesso em: 07 set. 2023.

LEITE, R. M. (Org.). *Correspondência – Casais Monteiro e Ribeiro Couto*. 1a ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MAGALHÃES, J. C. As relações culturais recíprocas no século XX. In. CERVO, A. L.; MAGALHÃES, J. C.; ALVES, D. M. C. (org.). *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil: 1808-2000*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 353-375.

MARTINES, E. A presença do Brasil na *presença*: análise de uma atenção renovada. In. *Estudos Regianos*, n. 24-25, II série, junho-dezembro 2018, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, p. 37-49. 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/37477189/A_presen%C3%A7a_do_Brasil_na_presen%C3%A7a_an%C3%A1lise_de_uma_aten%C3%A7%C3%A3o_renovada>. Acesso em: 07 set. 2023.

MONTEIRO, A. C. A poesia de Ribeiro Couto. In: *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972. p. 145-170.

MONTEIRO, A. C. Notas sobre poetas novos do Brasil – I – Ribeiro Couto. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 5, vol. 2, nº 34 (Nov./Fev. 1932). 1932. p. 14-15. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P402.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

NEVES, L. L. *Pensamento da América: intelectualidade e estado novo em um projeto comungado (1941-1945)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2013. 281 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106851>>. Acesso em: 04 set. 2023.

NOGUEIRA, A. Crítica: Província. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 8, vol. 2, nº 43 (Dez. 1934). 1934. p. 11-12. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P539.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

OLIVEIRA, V. L. Oswald de Andrade: história e anti-história, uma releitura crítica do passado. In: *Poesia, mito e história do Modernismo brasileiro*. São Paulo: Editora UNESP; Blumenau, SC: FURB, 2002.

SARAIVA, A. *Modernismo brasileiro e Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SIMÕES, J. G. Ribeiro Couto e Portugal. In. COUTO, R. Sentimento lusitano. 1ª ed. Lisboa: Livros do Brasil, 1963. p. 229-230.

SOUZA, R. S. M. José Osório de Oliveira e suas reflexões sobre a “moderna” literatura brasileira. In. *Revista Desassossego*, v. 7, n. 13, p. 100-108. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/102859/101147>>. Acesso em: 07 set. 2023.

Data de submissão: 02/07/2023.

Data de aprovação: 19/09/2023.



Manuel Bandeira e os escritores portugueses

Manuel Bandeira and the Portuguese Writers

Rui Moreira Leite

miraleite@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-0686-3697>

Resumo: Este texto apresenta os contatos de Manuel Bandeira com escritores portugueses, reúne referências à divulgação de sua obra e do seu interesse pela literatura lusitana; e revela suas relações com os exilados portugueses no Brasil.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; literatura brasileira; literatura portuguesa; século XX.

Abstract: This text presents Manuel Bandeira's contacts with Portuguese writers, brings together references to the dissemination of his work and his interest in Lusitanian literature; and reveals his relations with Portuguese exiles in Brazil

Keywords: Manuel Bandeira; brazilian literature; portuguese literature; XXth century.

1 O contexto das relações iniciadas na década de 1930

Ao apresentar os contatos de Manuel Bandeira (1886-1968) com escritores portugueses¹, cabe situar a relação entre as literaturas

¹ As fontes da documentação original referidas neste artigo são as seguintes:

A correspondência passiva conservada de Bandeira se encontra no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa e está relacionada no volume *Inventário*

portuguesa e brasileira no período. Estes contatos sempre existiram entre escritores dos dois lados do Atlântico, mas a partir da década de trinta do século vinte surge um fenômeno novo. É quando as obras dos brasileiros passam a ser apresentadas aos leitores portugueses e editadas em Portugal a partir do esforço de divulgação realizado pelos animadores da revista *presença*, como sublinha o poeta e crítico Casais Monteiro (1908-1972) em sua “Saudação a José Lins do Rego” realizada em Lisboa em 1951 (Monteiro, 1964, p. 181-185).

A publicação de Coimbra, cuja duração se estendeu de 1927 a 1940, teve duas fases bem distintas. A primeira, quando contou com a participação de Branquinho da Fonseca (1905-1974), Edmundo Bettencourt (1899-1973) e Miguel Torga (1907-1995) – além de José Régio (1901-1969) e João Gaspar Simões (1903-1987) – e a segunda quando, diante do afastamento dos três primeiros, Casais Monteiro foi convidado a integrar a direção do periódico.

E, ainda que o modernismo português se manifeste anos antes do brasileiro, teve que aguardar esta geração identificada à revista para se impor. E nesse quadro é importante lembrar que a obra de Fernando Pessoa (1888-1935) só começa a ser publicada em livro em 1942, com a antologia organizada por Casais Monteiro (Monteiro, 1942) e com o primeiro volume das *Obras Completas* de responsabilidade de Luís de Montalvor (1891-1947) e João Gaspar Simões (Montalvor;

do Arquivo Manuel Bandeira. (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Centro de Literatura Brasileira, 1989). Algumas cartas avulsas se encontram no Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Suas cartas a Adolfo Casais Monteiro e Alberto de Serpa encontram-se respectivamente nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Municipal do Porto, que adquiriu toda a correspondência de Alberto de Serpa com escritores brasileiros. Os títulos conservados da biblioteca de Manuel Bandeira podem ser localizados na biblioteca da Academia Brasileira de Letras, as dedicatórias podem ser acessadas na ficha detalhada dos volumes.

A correspondência com Jorge de Sena encontra-se publicada: Gilda Santos; Eduardo dos Santos Coelho (2003); assim como as cartas de Bandeira a Alberto de Lacerda se encontram transcritas por Luís Amorim de Sousa (2012).

A correspondência de Bandeira com Fidelino de Figueiredo está arquivada no Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo.

Os cartões de Mário de Andrade e Manuel Bandeira dirigidos a Jaime Cortesão encontram-se nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal.

Simões, 1942). De Sá Carneiro (1890-1916) a *presença* publicaria o volume inédito *Indícios de Ouro* (1937) e reeditaria *Dispersão* (1939). A primeira edição dos escritos teóricos de Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, devida a Jorge de Sena (1919-1978), foi publicada apenas em 1946 (Sena, 1946).

Assim, a poesia brasileira moderna desempenha um papel importante em Portugal neste período (Sena, 1988, p. 125-153), e perdem relevância contatos anteriores como aquele realizado por Luís de Montalvor no Rio de Janeiro – que explica os nomes de Ronald de Carvalho (1893-1935) e Eduardo Guimaraens (1892-1928) no quadro dos organizadores da revista *Orpheu*. O no. 1 da *Orpheu*, no qual estão relacionados à publicação, é ainda um registro de poesia simbolista – o número moderno da revista é o segundo, com as contribuições de Pessoa e Sá Carneiro.

As relações dos portugueses com Bandeira se iniciam através de Ribeiro Couto (1898-1963). Ainda como auxiliar de consulado em Marselha – e estimulado por Pierre Hourcade (1908-1983), estudante universitário francês, anos mais tarde diretor do Instituto Francês em Lisboa – faz contato com a publicação e envia exemplares de dois títulos publicados em 1930: *Alguma Poesia* de Drummond (1902-1987) e *Libertinagem* de Manuel Bandeira. A partir daí, se firma seu longo relacionamento com Casais Monteiro, que atravessa os anos e conhece apenas um estremecimento, registrado no período em que Couto vive em Lisboa (Moreira Leite, 2016).

2 A aproximação de Bandeira a Casais Monteiro e Alberto de Serpa

É possível remontar ao início da relação de Manuel Bandeira com os escritores portugueses nas correspondências com Casais Monteiro e Alberto de Serpa (1906-1992), ainda inéditas.

Esta aproximação se inicia através de Ribeiro Couto, enquanto, em paralelo, outra se realiza a partir do vínculo entre José Osório de Oliveira (1900-1964) e Mário de Andrade (1893-1945). José Osório divulgava a literatura brasileira em Portugal já desde a década de 1920².

² As vinte e duas cartas de Mário de Andrade enviadas a José Osório de Oliveira e duas a Raquel Bastos acham-se reunidas (Saraiva, 1986). Trecho de uma carta dedicatória

Ribeiro Couto teria sido também fundamental para a aproximação de Bandeira com José Osório de Oliveira e o irmão João de Castro Osório (1899-1970), e o envio de dois poemas inéditos para a revista que publicaram na década de 1930, *Descobrimento* (1931-1932)³. Não há correspondências relativas a esta aproximação, nem os volumes de José Osório de Oliveira da biblioteca de Bandeira são dedicados – o que sugere um contato indireto.

Bandeira envia poemas à *Revista de Portugal* (1937-1940)⁴ dirigida por Vitorino Nemésio (1901-1978) no período em que esta tem como secretário a Alberto de Serpa, e estreitos vínculos com o grupo da *presença*⁵ – situação que se estende até o número quatro, de julho de 1938.

Casais Monteiro editará o semanário *Mundo Literário* (1946-1947), em momento pouco posterior àquele no qual José Osório esteve como secretário da revista *Atlântico* (1942-1945), durante a II Guerra. Todos eles seriam organizadores de antologias de poesia brasileira: Casais desenvolveria com Ribeiro Couto o projeto de uma *Antologia da Poesia Moderna Brasileira* que não seria concluída e cujos originais se encontram em seu espólio na Biblioteca Nacional de Portugal⁶. José Osório de Oliveira publica uma *Pequena Antologia da Moderna Poesia Brasileira* (1944) reunindo os poemas editados na revista *Atlântico* e o volume *Líricas Brasileiras séculos XIX e XX*⁷ (1954). A mesma editora dera à estampa o volume de Alberto de Serpa *As Melhores Poesias Brasileiras*⁸ (1943). Da antologia de poesia moderna organizada com Ribeiro Couto, Casais dá a conhecer as páginas dedicadas a Murilo Mendes (1901-1975), Alphonsus Guimaraens Filho (1918-2008) e Vinicius de Moraes (1913-1980), que publica no semanário *Mundo*

e duas das cartas foram publicadas pelo próprio José Osório de Oliveira pouco depois da morte de Mário de Andrade.

³ Os poemas são “A filha do rei” e “Marinheiro triste” (Bandeira, 1931).

⁴ Os poemas são: “Desafio” e “Canção” (Bandeira, 1938).

⁵ Para esta encaminha o “Soneto inglês” (Bandeira, 1939), publicado em seu penúltimo número.

⁶ *Antologia de poesia moderna brasileira*. 183 p. acrescidas de uma carta de Augusto Meyer a Ribeiro Couto de 19 de março de 1927.

⁷ No primeiro dos volumes os poemas de Bandeira são “Último Poema” e “Estrela da Manhã”; no segundo este último, “Momento num Café” e “Eu vi uma Rosa”.

⁸ Que traz de Bandeira os poemas “Boda Espiritual”, “Os Sapos”, “Evocação do Recife”, “Vou-me embora p’ra Pasárgada”, “Canção do Vento e da Minha vida”.

Literário e, no volume *A Poesia da Presença* (Monteiro, 1959), insere a seção contemporâneos brasileiros.

Casais Monteiro é o marco da ligação com os portugueses: registra num primeiro momento em nota na *presença* as obras de Ribeiro Couto e Bandeira. Escreve a seguir seu pequeno ensaio sobre Couto publicado como *plquette* pela *presença* (Monteiro, 1935) e, em 1938, aquele dedicado a Bandeira publicado na *Revista de Portugal* e depois, revisto e ampliado, convertido no pequeno volume (Monteiro, 1943), completado com uma antologia.

Em 1954, obtém o convite para participar do Congresso de Escritores e Encontros Intelectuais, eventos organizados por ocasião do IV Centenário da Cidade de São Paulo – ocasião em que escolhe permanecer no Brasil como exilado voluntário. Drummond deixou um registro da chegada de Casais Monteiro em diário⁹.

Reside, após um breve período de permanência em São Paulo, no Rio, passa por alguns meses pela Universidade da Bahia em 1959, até se instalar em 1962 em Araraquara, onde leciona Teoria da Literatura por indicação de Jorge de Sena. Neste período continua seus contatos com Bandeira, e registram juntos a morte de Ribeiro Couto e de suas companheiras. Casais organiza para a Portugalía uma nova antologia de Bandeira (Monteiro, 1968), para a qual escreve outra apresentação.

Em paralelo a este contato, Bandeira estabelece uma ligação que se estende pelos anos com Alberto de Serpa. Inicialmente como secretário da *Revista de Portugal*, depois como alguém a quem recorre para obter os títulos de que necessita para seu curso no Colégio Pedro II e aqueles que solicita para seu amigo, o filólogo e linguista Sousa da Silveira (1883-1967). Do mesmo modo, Alberto de Serpa pediria a Bandeira que procurasse junto a livreiros no Brasil publicações que faltam ao professor António Salgado Jr. (1904-1989)¹⁰.

Em alguns registros Bandeira expõe como depende de total concentração para escrever, qualquer perturbação impede a cristalização

⁹ “**Agosto, 2** De manhã, Manuel Bandeira me telefona convidando para ir ver em seu apartamento Adolfo Casais Monteiro, em trânsito para São Paulo.” Na ocasião Casais fala de Régio, Torga e da situação de Goa V. (Andrade, 1985, p. 106).

¹⁰ António Salgado Junior responsável pela reconstituição das conferências do Casino, pelo estudo de *Menina e Moça* no quadro da novela renascentista e pela edição do *Verdadeiro Método de Estudar* de Verney.

do poema – “não por mal, porque o melhor de mim creio que já dei”¹¹ e, em carta de 10 de dezembro de 1953, Bandeira conta a Casais como sua nova vista após a mudança de apartamento inspira o poema “Lua Nova”.

3 A divulgação dos portugueses no Brasil e o impacto da obra de Fernando Pessoa

No Brasil acontece a correspondente contraparte destes contatos na segunda metade da década de 1930. O *Boletim de Ariel* (1931-1939), publicação dirigida por Agripino Grieco (1888-1973) e Gastão Cruls (1888-1959), vinculada à editora deste nome do Rio de Janeiro, acolhe a colaboração de autores portugueses e o próprio Bandeira (1936) publica uma resenha dedicada a *20 poemas da noite* de Alberto de Serpa e *Desaparecido* de Carlos Queiroz (1907-1949). Casais tem republicado o artigo “O exemplo de Fernando Pessoa” (1938)¹² e José Osório de Oliveira registra títulos de Casais Monteiro (1936 a)¹³ e a partida para o exílio do romancista Rodrigues Miguéis (1901-1980) (1936 b).

O periódico tem a publicação interrompida, mas a *Revista do Brasil* em sua 3ª. fase (1938-1943), dirigida por Octávio Tarquínio de Souza (1889-1959), a substitui como espaço privilegiado de contribuição dos escritores portugueses. Casais Monteiro é o escritor com maior número de colaborações, com sete artigos. Lúcia Miguel Pereira (1901-1959), a partir do número treze, responde pela seção Letras Portuguesas.

Já então tem continuidade a inserção de textos relativos à obra de Fernando Pessoa; como o artigo de João Gaspar Simões “Apresentação de Fernando Pessoa” (1938). A partir de finais da década de 1950 alguns dos exilados portugueses, caso de Casais Monteiro (1958), Jorge de Sena¹⁴ e Agostinho da Silva (1906-1994) (1959) publicam textos acerca do poeta.

Este interesse que contribuem para despertar cristaliza-se na edição Aguilar, preparada por Maria Aliete Galhoz (1929-2020) (1960),

¹¹ Carta a Alberto de Serpa, 30 dez. 1941.

¹² Originalmente dado à estampa no *Diário de Lisboa*.

¹³ Referindo o volume de ensaios *Considerações Pessoaais* (1933) e os *Poemas do Tempo Incerto* (1934).

¹⁴ Em artigos para a seção “Letras Portuguesas” do Suplemento Literário d’*O Estado de S. Paulo*.

correspondente frequente de Bandeira, de quem se registram dezesseis itens no arquivo e dedicatórias na biblioteca.

Bandeira acompanha as publicações dedicadas ao poeta desde pelo menos a divulgação do número especial de homenagem póstuma da *presença*, com a apresentação de Carlos Queiroz dos “fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa”(1936). Este poeta era sobrinho de Ophélia, a destinatária da correspondência e, em colaboração com ela, organizou esta seção no número da revista.

No curta metragem de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988) – *O poeta do Castelo* (1959) – Bandeira aparece exibindo o volume de Jorge de Sena *Da Poesia Portuguesa*, que contém o texto da conferência “Fernando Pessoa, indisciplinador de almas” (1959, p. 171-92)¹⁵.

4 Fidelino de Figueiredo e a balada “Um retrato da morte”

Fidelino de Figueiredo (1888-1967) é dos primeiros portugueses a chegar ao Brasil, ainda na segunda metade da década de 1930, Integrado inicialmente à Universidade de São Paulo e, posteriormente, à Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, tem um papel notável nos estudos da área de letras, na qual atuou por cerca de quinze anos.

A correspondência de Bandeira com Fidelino é a mais volumosa no arquivo, com vinte e quatro itens, e terá sido a relação mais desenvolvida com as figuras desta geração, estendendo-se à família.

Bandeira proporia a candidatura de Fidelino à Academia Brasileira de Letras, quando foi derrotada – pelo que o poeta de Pasárgada não a reapresentou, o que coube a Alceu Amoroso Lima (1893-1983) – o que garantiu a eleição e deu a Bandeira oportunidade de divertir-se com as escaramuças levantadas contra a candidatura rival, em carta muito divertida.

Em missiva de 9 de abril de 1946 escreve Bandeira: “Meu querido amigo e mestre Fidelino, recebi este número de maio (só agora saiu) da revista *Província de São Pedro*. Lá está o nosso poema do “Homem e a Morte” (Bandeira, 1946). Nosso, mais do que meu, porque sua é a substância dele”.

Trata-se da *Província de São Pedro*, publicação da Livraria do Globo de Porto Alegre com direção de Moysés Vellinho (1902-1980), onde o poema é publicado com a nota que o acompanha na edição em

¹⁵ Conferência lida no Ateneu Comercial do Porto, 12 dez. 1946.

livro – integrado em *Belo Belo*, na nova edição das *Poesias Completas* (Bandeira, 1948) – e que esclarece ser um “romance desentranhado de ‘Um retrato da morte’ de Fidelino de Figueiredo”. No registro deixado por Fidelino: “Do segundo painel desse pequeno tríptico desentranhou Manuel Bandeira uma linda balada, “O homem e a morte”. Aqui lhe deixo um pensamento afetuosos” (Figueiredo, 1951, p. 192). Nenhuma das duas primeiras edições d’*Um colecionador de angústias* traz a indicação da publicação original dos ensaios reproduzidos.

[...]

“Como a velhice seria santa e sublimada, se fosse apenas a espera desta boa Morte, que nos olha com os olhos mais amados da vida e nos afaga com as mãos mais amadas, as que nos afagaram, abençoaram e adormeceram nos anos remotos do medo de viver! – comentava D. João no fim da sua confidência, como a extrair a moralidade de uma fábula obscura”.

[...]

“E o Anjo foi-se aproximando
A frente do homem tocou,
Com infinita doçura
As magras mãos lhe compôs.
Depois com o maior carinho
Os dois olhos lhe cerrou...
Era o carinho inefável
De quem ao peito o criou.
Era a doçura da amada
Que amara com mais amor”.

7 dezembro de 1945

5 Jaime Cortesão e o centenário de Antero de Quental

Jaime Cortesão (1884-1960) é das mais notáveis figuras da resistência em Portugal, e participa da tentativa de derrubada do regime que se impôs com o golpe militar em 1926 a partir da cidade do Porto já no ano seguinte. Derrotado, retira-se para a Espanha e depois para Paris – que deixa pelo Brasil quando a França é invadida pela Alemanha nazista em 1940.

Em seu exílio brasileiro o historiador organiza a documentação da Marinha e do Itamaraty, publicando e anotando conjuntos de documentos

e preparando a revisão da história do descobrimento do Brasil e da conquista territorial (Cortesão, 1944, 1952, 1958). Nas festividades do IV Centenário da Cidade de São Paulo em 1954 organiza a exposição *História de São Paulo no Quadro da História do Brasil* que combina a apresentação de documentos e objetos originais a modelos, réplicas e painéis criados especialmente para a ocasião por um notável conjunto de artistas portugueses e brasileiros.

Bandeira o apresenta a Mário de Andrade através de bilhete datado de 12 de abril de 1940 como se pode verificar pela *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* (Moraes, 2000, p. 653)

No espólio de Jaime Cortesão conserva-se um bilhete não datado de Mário de Andrade que podemos imaginar seria posterior a este primeiro contato¹⁶.

A correspondência de Jaime Cortesão no espólio de Mário é já uma carta de duas páginas, datada de 17 de setembro de 1943, para tratar de literatura e edições.

Bandeira e Fidelino organizariam volumes dedicados a Antero, no ano de seu centenário, para a coleção Clássicos e Contemporâneos da editora Livros de Portugal, dirigida por Jaime Cortesão: o primeiro dedicado à poesia (Bandeira, 1942), o segundo aos escritos do poeta (Figueiredo, 1942).

Em diferentes momentos Bandeira os saudará em versos de circunstância: o primeiro consta já da primeira coletânea de *Mafuá do Malungo* (Bandeira, 1954).

“Jaime Cortesão”

Honra ao que, bom português
Baniram do seu torrão:
Ninguém mais que ele cortês,
Ninguém menos cortesão.

E incorporado mais adiante o outro, vinculado a uma manifestação de Fidelino sobre Antero:

¹⁶ “Caro amigo Sr. Jaime Cortesão, o tratamento a que me sujeitei deixou-me fortemente traumatizado. Não tenho podido sair de casa, com grandes dores, muito abatido. Fiz questão, porém, de vir até o hotel, lhe dar o meu bom dia afetuoso. Prometo-lhe telefonarei cedo para saber de sua partida. Se não conseguir vê-lo mais, aqui lhe deixo a minha admiração grata e amiga. Mário de Andrade”.

“Fidelino Figueiredo”

Fidelino Figueiredo,
 Fidelíssimo e sincero,
 Ser-me-á prazer superfino
 Ler o retrato do Antero;
 Mas como é de bom ensino
 Desde já mandar eu quero
 Ao mestre que amo e venero
 Meu abraço manuelino.

O próprio Cortesão assinaria em 1943 com Bandeira um Caderno da *Seara Nova*: “Glória de Antero”, na verdade a transcrição das falas pronunciadas a 18 de abril de 1942 no início das comemorações do centenário de Antero de Quental na sessão solene no Palácio da Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro. Ocasão na qual Bandeira pronunciou a sua oração “Destino de Poeta”; seguido de Jaime Cortesão, com sua conferência “Remorso pela morte de Antero”.

Mais adiante encaminha o poema que integra a homenagem *A Teixeira de Pascoaes* (1877-1952) (AAVV, 1951) pela voz de escritores portugueses e brasileiros.

“Improviso”

Glória aos poetas de Portugal
 Glória a D. Dinis. Glória a Gil
 Vicente. Glória a Camões. Glória
 a Bocage, a Garrett, a João
 de Deus (mas todos são de Deus,
 e há um santo: Antero de Quental).
 Glória a Junqueiro. Glória ao sempre
 Verde Cesário. Glória a António
 Nobre. Glória a Eugênio de Castro.
 A Pessoa e seus heterônimos.
 A Camilo Pessanha. Glória
 a tantos mais, a todos mais.
 – Glória a Teixeira de Pascoaes.

Em 1953, na morte do poeta, os *Cadernos de Poesia* publicam um número especial, mas nesta ocasião com textos exclusivamente de escritores portugueses. No espólio de Jaime Cortesão é possível recuperar a única correspondência de Bandeira a ele endereçada que se conservou:

um cartão que acompanha a devolução dos volumes de Teixeira de Pascoaes que ele não entrega pessoalmente por estar de mudança para o apartamento da Av. Beira Mar que lhe inspira o poema “Lua Nova”, o que permite datar o bilhete de 1953¹⁷.

6 Rodrigues Lapa e *As cartas chilenas*

O medievalista Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989) se estabelece no Brasil em 1957 e desenvolve aqui sua pesquisa sobre os árcades mineiros. A correspondência conservada é uma carta de 27 de agosto de 1952 e reporta-se exclusivamente à identificação de Gonzaga (1744-1810) como autor d’*As Cartas Chilenas*, em resposta ao artigo de Bandeira sobre o tema publicado na *Revista do Brasil* (Bandeira, 1940).

A carta de Rodrigues Lapa trata de um pormenor de estilo: a construção *havia fazer* (havia de fazer) que Bandeira não encontrara nem em Gonzaga, nem em Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), e que Lapa registrara no *Direito Natural*, o tratado de Gonzaga, em “nada menos de 13 exemplos”. Anuncia pretender pronunciar-se sobre a questão das *Cartas Chilenas* e, sem resposta de amigos sobre o assunto, resolve “subir à fonte, em busca da verdade”.

Afinal, o resultado é a publicação do volume das obras completas – Tomás António Gonzaga (Lapa, 1957).

De outros poetas e intelectuais portugueses não há registro no arquivo – ou apenas um único documento, como António Quadros (1923-1993), que escreve para solicitar colaboração para o periódico *Acto*.

Contatos diretos Bandeira estabeleceu no Brasil com o poeta António Botto (1897-1959), que viveria aqui seus últimos doze anos – de 1947 a 1959 – e sobre quem Bandeira deixaria um depoimento em crônica e de quem sua biblioteca conserva dedicatórias. É a quem menciona nos versos de

¹⁷ “Caro amigo Jaime, aqui lhe devolvo com meus agradecimentos, os livros de Teixeira de Pascoaes. Pretendia levá-los pessoalmente, mas ando em preparativos de mudança (para outro apartamento no mesmo edifício) e por isso sem tempo para as devoluções. Irei muito breve vê-los. Receba com D. Carolina, as minhas saudades! Amigo velho, Manuel”.

“Balço de março de 1959”

Deixa Boto – última prova
Em sua terrena lida –
“Os movimentos da vida
Pelos silêncios da cova”.

Mas é também necessário verificar aqueles que teriam desenvolvido colaboração com o poeta, ainda que não constem de seu arquivo pessoal – tanto o da Casa de Rui Barbosa, quanto o da Academia – checando a biblioteca do poeta, incorporada à biblioteca da Academia Brasileira de Letras e com acesso direto.

Lá se encontra uma sequência de sete títulos de Miguel Torga dedicados, assim como ao acaso foi possível resgatar a dedicatória de Manuel Bandeira ao escritor português referente à sua passagem pelo Brasil em 1954, como um dos convidados para os encontros realizados por ocasião do IV Centenário de São Paulo em 1954¹⁸.

Outras dedicatórias registradas na biblioteca do poeta são a de Aquilino Ribeiro (1885-1963), Eugênio de Andrade (1923-2005) e aquelas de Sophia de Melo Breyner Andresen (1919-2004), que teve a oportunidade de vir ao Brasil em 1966 e encontrar-se com Bandeira e Drummond, encontro que registrou em sua correspondência com Jorge de Sena (Andresen; Sena, 2010).

7 Contatos com Jorge de Sena e Alberto de Lacerda iniciados nos anos de 1950

A estes contatos, acrescentam-se os dos poetas Jorge de Sena e Alberto de Lacerda (1928-2007). Jorge de Sena, a grande figura de intelectual português da segunda metade do século XX, era então engenheiro da Junta Autônoma de Estradas e um dos organizadores dos *Cadernos de Poesia* (1940-1953), publicação que lançou 15 fascículos de poesia e crítica dedicados a poetas consagrados e aos da nova geração. Alberto de Lacerda foi secretário e cofundador da publicação *Távola Redonda* (1949-1954)¹⁹, e a quem depois os *Cadernos de Poesia* dedicariam um número.

¹⁸ “Ao querido Torga com a admiração e amizade do Manuel Rio, 19. 8. 54” (1954a).

¹⁹ Publicação que recebeu para publicação o soneto inédito “Noturno do morro do encanto” (Bandeira, 1953), seguido de um número entono de “Vou me embora p’ra

A correspondência com Alberto de Lacerda no arquivo de Manuel Bandeira contém a carta comunicando a fixação de residência em Londres, onde se integrará à BBC (v. carta de 12 de setembro de 1952). Em resposta, Manuel Bandeira a 22 de novembro declara que gostaria de encontrá-lo lá, na companhia de Casais Monteiro. Solicita uma foto dos dois juntos. E anuncia a publicação das cartas que lhe foram endereçadas por Mário de Andrade, o que só sucederia seis anos depois. E cinco anos mais tarde o encontro se realiza – com Alberto de Serpa na companhia de Jorge de Sena, que realizava naquela ocasião um estágio sobre concreto armado. Visitam a poeta Edith Sitwell (1887-1964) e Manuel Bandeira é ciceroneado em Londres tanto por Alberto de Lacerda quanto por Jorge de Sena. Estas atenções recebidas de Alberto de Lacerda seriam retribuídas por Manuel Bandeira, que consegue para ele colaboração no *Jornal do Brasil*, comunicada em carta de 23 de dezembro de 1957. Obteve, além disso, que pudesse vir para um ciclo de conferências e leitura de poemas. Em carta de 17 de julho de 1959, Bandeira transfere para Alberto de Lacerda a tradução de um romance condensado, tarefa encomendada pelas *Seleções do Readers Digest*, com a hospedagem oferecida da casa de Maria de Lourdes Heitor de Souza e na sua, e o restante das despesas cobertas pela colaboração no *Jornal do Brasil*.

Manuel Bandeira registra suas andanças por Londres na companhia de Alberto de Lacerda em “Elegia de Londres” em primeira publicação de *Estrela da Tarde*, na sua edição de *Obras Completas* (Bandeira, 1958)²⁰. Assim como a visita à National Portrait Gallery e à Abadia de Westminster em companhia de Jorge de Sena na crônica “Eu vi a Rainha” (Bandeira, 1957).

Jorge de Sena se estabelece no Brasil como professor de Teoria de Literatura e depois como de Literatura Portuguesa nas faculdades do sistema isolado de ensino do estado de São Paulo – em Assis e em Araraquara. Como secretário do 2º Congresso de Crítica e História Literária, chega a insistir com Bandeira que participe do congresso. Além disso, mantém contato com ele durante as visitas que faz ao Rio de Janeiro e o homenageia com um poema pelos setenta e cinco anos,

Pasárgada” (Bandeira, 1950) comentado pelos colaboradores da revista.

²⁰ O poema é dirigido a Jayme Ovalle e a certa altura traz a observação: “Sentiste que para pedestre de Oxford Street é preciso ser gênio e andarilho como Rimbaud? / Ou então português/ – Como o poeta Alberto de Lacerda?”.

tal como já havia feito na ocasião dos setenta anos dele, altura em que ainda estava em Portugal. Voltaria a dedicar-lhe um poema²¹ um ano depois de sua morte, quando já deixara o Brasil pelos Estados Unidos.

8 A tradução de *Macbeth* de Shakespeare

Na sequência da montagem de sua tradução de *Maria Stuart* de Schiller (1955), pelo TBC, com direção de Ziembinsky (1908-1978) e Cacilda Becker (1921-1969) no papel título, Manuel Bandeira recebe naquele ano a encomenda da tradução de *Macbeth*, pela mesma companhia teatral. Na biblioteca do poeta encontra-se o texto da edição crítica *Four great tragedies: Hamlet, Romeo and Juliet, Julius Cesar, Macbeth* (Doren, 1948), mas Bandeira declara ter-se servido daquela preparada por Kenneth Muir (1951).

A tradução não é aproveitada de imediato²² em função da crise do Teatro Brasileiro de Comédia, mas é possível observar, pela consulta à sua biblioteca, que Bandeira acompanhava os trabalhos paralelamente desenvolvidos por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), que vertia *Hamlet* (1955), e Onestaldo de Pennafort (1902-1987). Este último, agora se empenhava em sua versão de *Othello* (1956) a pedido da companhia Tônia (Carrero) (1922-2018) – (Adolfo) Celi (1922-1986) – (Paulo) Autran (1922-2007), e já realizara anteriormente, em 1937, a tradução de *Romeu e Julieta* (Pennafort, 1940).

E podemos encontrar entre os títulos da biblioteca *A tragédia de Macbeth/Shakespeare*, (1956) tradução e encenação do artista e animador cultural português António Pedro (1909-1966).

Pela correspondência com Casais Monteiro é possível verificar a preocupação de Bandeira com o ritmo dos versos tanto em *Maria Stuart* quanto em *Macbeth*. Ao concluir a tradução de *Maria Stuart* escreve em 4 de maio de 1955: “continuo a viver no ritmo dos decassílabos brancos”. Ao iniciar a de *Macbeth* em carta de 27 de outubro daquele ano diz procurar “traduzir no metro e em esquema de rima do original o colóquio das bruxas”.

²¹ “Morte de Manuel Bandeira” (Sena, 1982, 1988).

²² Em agosto de 1962 a Escola de Arte Dramática de São Paulo realiza a primeira montagem desta tradução, em espetáculo dirigido por Alfredo Mesquita no Teatro Francisco Nunes em Belo Horizonte.

No centenário de Shakespeare em 1964, a Fundação Calouste Gulbenkian faria uma solicitação²³ para o uso de sua tradução (Bandeira (trad.), 1955) nas atividades da comemoração, exemplificando as alterações a realizar no texto para eliminar as diferenças de expressão entre o português de Portugal e o do Brasil. A montagem do espetáculo seria realizada através de um subsídio oferecido à Companhia Amélia Rey-Colaço (1898-1999) Robles Monteiro (1888-1958) e contrato com o diretor Michael Benthal (1919-1974) e com o cenógrafo Michael Annals (1938-1990), segundo registra Carlos Wallenstein (1967). A tradução seria publicada em Portugal naquele mesmo ano (Bandeira (trad.), 1964).

9 A manifestação política na visita de Craveiro Lopes

Craveiro Lopes (1894-1964), militar e político português, presidente da República no período de 1951 a 1958, esteve em visita ao Brasil em 1957²⁴. Nesta oportunidade, Manuel Bandeira manifestou sua oposição à ditadura de Salazar (1889-1970).

Agora, os versos de circunstância de Bandeira:

“Craveiro dá-me uma rosa”

Craveiro, dá-me uma rosa
Mas não qualquer, General:
Que eu quero, Craveiro, a rosa
Mais linda de Portugal!

Não me dê rosa de sal.
Não me dê rosa de azar.
Não me dê Craveiro, rosa
Dos jardins de Salazar!

A Portugal mando um cravo.
Mas não qualquer, General:
Mando o cravo mais bonito
Da minha terra natal!

Não cravo de Juscelino,

²³ Cartas de 6 ago. e 2 set. 1964.

²⁴ Nesta ocasião Casais Monteiro organiza um suplemento à edição do *Jornal do Brasil* de 13 jun. 1957, que registra duas participações de Bandeira: a reprodução do “Soneto a Camões” de *Cinza das Horas* e o artigo “Notas sobre a técnica poética de António Nobre”.

Nem de nenhum general!
 Não cravo (se há lá já cravos!)
 Da futura capital.

Mando o puro cravo branco
 Da pátria não oficial:
 Cravo de amor, – sem política,
 Só de amor, meu General.

Esta intervenção, quando da visita de Craveiro Lopes, por ter acompanhado as dificuldades de escritores portugueses amigos e conhecidos, deixa claro que Bandeira tinha uma consciência muito nítida acerca da natureza do regime de Salazar. Por isso, a carta dirigida a Casais Monteiro, na qual comunica o recebimento de um bilhete de Rodrigues Lapa preocupado com a sorte de Casais e Jorge de Sena quando do golpe militar de 1964, causa surpresa. Ele então aparentemente não se dava conta da gravidade dos acontecimentos.

Em sua biblioteca, Bandeira conservava um exemplar do texto integral da acusação e defesa no processo de Aquilino Ribeiro *Quando lobos julgam a justiça uiva* (1959) relativo aos desdobramentos da apreensão pela PIDE do romance *Quando os lobos uivam* (Ribeiro, 1958)²⁵. Esta edição, registrando o processo, é promovida pelo mensário *Portugal Democrático*, e tem prefácio de Casais Monteiro. Mas, mais interessante, acompanha o exemplar, impresso em página avulsa, o poema “Maldição” de Jaime Cortesão, originalmente dado à estampa no jornal clandestino *A Verdade*, em janeiro de 1934 – e que não conheceria edição em Portugal senão quando da Revolução dos Cravos, quarenta anos mais tarde. No verso da folha volante a conclamação: “Brasileiros! Vós que sois livres, ajudai-nos a libertar um povo que vive escravizado há 33 anos. Olhai com simpatia a nossa causa. *Portugal Democrático*”.

10 Os diálogos poéticos com Alberto de Serpa e Jorge de Sena

Como conclusão a estes registros das relações entre Bandeira e os escritores portugueses dois diálogos poéticos: o primeiro com a resposta de Manuel Bandeira a um poema de Alberto de Serpa, o outro a resposta de Jorge de Sena a um célebre poema de Bandeira.

²⁵ O romance foi publicado no Brasil com introdução de Casais Monteiro (Ribeiro, 1959).

Nos anos de 1950, Alberto de Serpa surpreende com seu *Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro* (Serpa, 1954), que recebe calorosa acolhida, tanto de Bandeira quanto de Drummond. Em versos de circunstância saúda os amigos portugueses e brasileiros em registros muito felizes, como este, no qual lamenta a impossibilidade de encontrar-se com o poeta de Pasárgada:

“Choro para Manuel Bandeira”

Vate Bandeira, Manú Bandeira,
- é dura, a vida. Que dura, a vida!
Não há maneira, de que maneira
Ir à viagem tão requerida?

A vida avança. Como ela avança
nesta paragem! Nesta paragem,
Uma esperança: só a esperança
para a mais certa, longa viagem.

Ai, há tanto ano! Ai, há quanto ano
quero este abraço! Jamais te abraço.
Mais desengano. Que desengano
me deixa a vida, sem este passo!

Tanto queria...Como queria
ver nesses sonhos realidade:
saber contigo como é Poesia,
saber contigo como é Bondade!

“Resposta a Alberto de Serpa”

Saber comigo como é Poesia?...
Saber comigo como é Bondade?...
Pois quem mais sabe como é Poesia,
pois quem mais sabe como é Bondade
do que tu mesmo, bom e grande Alberto
de Serpa, amigo de peito aberto
para os amigos de longe ou perto,
querido Alberto, fraterno Alberto?

E a resposta de Jorge de Sena ao poema de Bandeira

“Preparação para a Morte”

A vida é um milagre.

Cada flor,

Com sua forma, sua cor, seu aroma,

Cada flor é um milagre.

Cada pássaro,

Com sua plumagem, seu voo, seu canto,

Cada pássaro é um milagre.

O espaço, infinito,

O espaço é um milagre.

O tempo, infinito,

O tempo é um milagre.

A memória é um milagre.

A consciência é um milagre.

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

-Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

“Nos setenta e cinco anos do poeta”²⁶

Em teu último poema, tu dizias

da morte, que não é milagre algum,

e antes o fim de todos os milagres.

Olhava-la nos olhos, com coragem

de quem muito viveu com as palavras.

De um milagre, porém, porque escrevias,

tu te esqueceste, poeta de Pasárgada,

e que a morte nada contra ele pode.

Porque escrever é morte, mas o escrito,

se o foi por ti, Manuel, não morre mais.

15/5/1961

Referências

AA.VV. *A Teixeira de Pascoes*. Coimbra: Academia, 1951.

²⁶ Inserido em Sena (1982, 1988); e cujo recebimento Bandeira agradece em carta de 22 de maio de 1961.

- ANDRADE, C. D. de. *O observador do escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ANDRESEN, S. M. B.; SENA, J. de. *Correspondência 1959-1978*. 3 ed. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.
- BANDEIRA, M. (org.). *Sonetos completos e poemas escolhidos de Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- BANDEIRA, M. (trad.). *Macbeth*. Int. Ruben A. Lisboa: Presença, 1964.
- BANDEIRA, M. (trad.). *Macbeth*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- BANDEIRA, M. (trad.). *Maria Stuart*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.
- BANDEIRA, M. A autoria das Cartas Chilenas. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1-25, abr. 1940.
- BANDEIRA, M. *De poetas e de poesia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.
- BANDEIRA, M. Desafio. Canção. *Revista de Portugal*, Lisboa, v. I, n. 4, p. 511-512, jul. 1938.
- BANDEIRA, M. Dois poemas. *Descobrimento*, revista de cultura, Lisboa, v. I (4), p. 465-70, inverno 1931.
- BANDEIRA, M. Eu vi a Rainha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 out. 1957.
- BANDEIRA, M. *Mafuá do malungo*. 2. ed. Rio de Janeiro: São José, 1954.
- BANDEIRA, M. Noturno do morro do encanto. *Távola Redonda* – Folha de poesia, Lisboa n. 18, p. 1, 30 nov. 1953.
- BANDEIRA, M. O homem e a morte. *Província de São Pedro* – Revista de difusão literária e cultural, Porto Alegre, n. 4, p. 13-14, mar. 1946.
- BANDEIRA, M. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar. 1959. v. 2.
- BANDEIRA, M. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.
- BANDEIRA, M. Poetas portugueses. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 122, fev. 1936.
- BANDEIRA, M. Soneto inglês. *Presença* – Revista de arte e crítica, Lisboa, a. XII, série II (1), p. 42, nov. 1939.

BANDEIRA, M. Vou-me embora p'ra Pasárgada. *Távola Redonda* – Folha de poesia, Lisboa n. 9, p. 14, 13 dez. 1950.

CORTESÃO, J. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco, 1952.

CORTESÃO, J. *Cabral e as origens do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1944.

CORTESÃO, J. *Raposo Tavares e a expansão territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

DOREN, M. V. *Four great tragedies: Hamlet, Romeo and Juliet, Julius Cesar, Macbeth*. New York: Pocket Books, 1948.

FIGUEIREDO, F. de (org.). *Prosas escolhidas de Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal. 1942.

FIGUEIREDO, F. de. *Um colecionador de angústias*. São Paulo: Nacional. 1951.

GALHOZ, M. A. (org.). *Fernando Pessoa obra poética*. Rio de Janeiro: Liv. José Aguilar. 1960.

LAPA, M. R. (org.). *Tomás António Gonzaga poemas cartas chilenas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1957.

MONTALVOR, L. de; SIMÕES, J. G. (org.). *Poemas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática. 1942.

MONTEIRO, A. C. (org.). *A poesia da presença*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

MONTEIRO, A. C. (org.). *Fernando Pessoa Antologia*. Lisboa: Confluência, 1942. 2 v.

MONTEIRO, A. C. (org.). *Poesia de Manuel Bandeira*. Lisboa: Portugália, 1968.

MONTEIRO, A. C. *A poesia de Ribeiro Couto*. Coimbra: Presença, 1935.

MONTEIRO, A. C. *Estudos sobre a obra de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

MONTEIRO, A. C. *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética seguido de uma antologia*. Lisboa: Inquérito, 1943.

MONTEIRO, A. C. O exemplo de Fernando Pessoa. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. VII, n. 7, p. 215, abr. 1938.

MONTEIRO, A. C. *O Romance (Teoria e Crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1964.

MORAES, M. A. de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.

MOREIRALEITE, R. (org.). *Correspondência Casais Monteiro e Ribeiro Couto*. São Paulo: Unesp, 2016.

MUIR, K. (ed.). *Macbeth*. London: Arden, 1951.

OLIVEIRA, J. O. de. (org.) *Líricas brasileiras: séculos XIX e XX*. Lisboa: Portugália, 1954.

OLIVEIRA, J. O. de. (org.). *Pequena antologia da moderna poesia brasileira*. Lisboa: Atlântico/SNI, 1944.

OLIVEIRA, J. O. de. Balanço de um ano. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. V, n. 5, p. 132-3, fev. 1936a.

OLIVEIRA, J. O. de. Os escritores exilados. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. V, n. 7, p. 172-3, abr. 1936b.

PEDRO, A. (trad.). *A tragédia de Macbeth/Shakespeare*. Porto: Círculo de Cultura Teatral, 1956.

PENNAFORT, O. (trad.). *Othello*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

PENNAFORT, O. (trad.). *Romeu e Julieta*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

QUEIROZ, C. Fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa. *Presença – Folha de arte e crítica*, Coimbra, n. 48, p. 2-3, jul. 1936.

RAMOS, P. E. da S. (trad.). *Hamlet*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

RIBEIRO, A. *Quando os lobos julgam a justiça uiva*. São Paulo: Liberdade e Cultura, 1959a.

RIBEIRO, A. *Quando os lobos uivam*. Lisboa: Bertrand, 1958.

- RIBEIRO, A. *Quando os lobos uivam*. São Paulo: Anhambi, 1959b.
- SÁ-CARNEIRO, M. de. *Dispersão*. 2 ed. Coimbra: Presença, 1939.
- SÁ-CARNEIRO, M. de. *Indícios de ouro*. Porto: Presença, 1937.
- SANTOS, G.; COELHO, E. dos S. Seniana – Inéditos: Correspondência Jorge de Sena – Manuel Bandeira. *Metamorfozes*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 245-65, set. 2003.
- SARAIVA, A. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português: subsídio para o seu estudo e para a história de suas relações*. Porto: [s. n.], 1986.
- SENA, J. de (org.). *Páginas de doutrina estética*. Lisboa: Inquérito, 1946.
- SENA, J. de. *Da poesia portuguesa*. Lisboa: Ática, 1959.
- SENA, J. de. O Manuel Bandeira que conheci e que admiro. In: *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- SENA, J. de. *Visão perpétua*. Lisboa: IN-CM, 1982.
- SERPA, A. de (org.). *As melhores poesias brasileiras*. Lisboa: Portugália. 1943.
- SERPA, A. de. *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Lisboa: Inquérito, 1954.
- SILVA, A. da. *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. 1959.
- SIMÕES, J. G. Apresentação de Fernando Pessoa. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3ª série, a. I, n. 5, p. 447-460, nov. 1938.
- SOUSA, L. A. de. Alberto de Lacerda e o Brasil. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 180, p. 103-115, mai.-ago. 2012.
- WALLESTEIN. Quais os planos do serviço de Teatro da Fundação Gulbenkian? *O Tempo e o Modo*, Lisboa, n. 50-51-52-53, p. 604, jul.-out. 1967.

Data de submissão: 25/07/2023.

Data de aprovação: 27/09/2023.



O ano de 1916 na correspondência de Fernando Pessoa

The Year of 1916 on Fernando Pessoa's Correspondence

Rodrigo Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil

rodrigoaxavier@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-3801-8962>

Resumo: O presente contributo apresenta um panorama de documentos redescobertos da correspondência pessoal de Fernando Pessoa, dedicando-se mais detidamente aos papéis datados de 1916, ano marcado por tragédias familiares que exerceram importante influência na produção do poeta português.

Palavras-chave: Correspondência de Fernando Pessoa; Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro; “Aquele Outro”.

Abstract: This contribution presents an overview of rediscovered documents from Fernando Pessoa's personal correspondence, focusing more closely on the papers dating from 1916, an outstanding year distinct by family tragedies that exerted a considerable influence on the Portuguese poet's activity.

Keywords: Fernando Pessoa's correspondence; Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro; “Aquele Outro”.

O futuro é a aurora do passado

Teixeira de Pascoaes

A epígrafe que encima o presente contributo foi considerada por Eduardo Lourenço uma das mais profundas frases ouvidas por ele durante sua vida. A contundência da sentença, segundo o intelectual português, reside justamente na ideia de que, quanto mais avançamos no tempo, crescem as possibilidades de lançarmos luz sobre o passado, revisitarmos a história para reescrevê-la, evitando repetir os equívocos políticos, econômicos, sociais e humanitários, outrossim, compreender que, para tudo o que existe, há uma gênese, um percurso, um itinerário.

Transferindo essa preocupação genética ao trabalho com espólios literários, transforma-se a preocupação em método, e a tarefa deixa de ser eletiva para se tornar imprescindível. E quanto mais são descobertos (ou redescobertos) novos documentos, maiores as chances de se lançar a tal luz sobre o processo criativo do autor, sobre os diálogos deste com outros escritores, sobre o confronto de testemunhos do que se constituiria, no futuro, o texto em sua versão definitiva, publicada em periódico, livro, *plaque*, outros suportes. No caso do espólio de Fernando Pessoa, a constante é que essa revisitación aos testemunhos, na busca incessante pela gênese, encontre fragmentos inacabados, inconclusos, rasurados, em estado de latência, para que seus futuros editores desvelem – ainda que não completamente – aquilo que viria a ser a sua versão final.

No último número da *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, foram trazidos à luz novos documentos desse espólio infinito pessoano. Esse conjunto formado por correspondências trocadas no âmbito das relações familiares de Fernando Pessoa, incluindo a mãe, tios, padrasto, irmãos, algumas outras enviadas por parceiros intelectuais, outras por figuras descobertas na biografia do poeta mais recentemente (é o caso de Madge Anderson, por exemplo), e ainda, cartas de natureza comercial, constituem mais uma peça do imenso *puzzle* que é o espólio pessoano. Essa correspondência esclarece pontos ainda desconhecidos sobre as relações que Pessoa estabeleceu durante praticamente toda a sua vida, incluindo o trabalho nos escritórios, a atividade literária, as dificuldades financeiras, e outros aspectos biográficos que iluminam em certa medida o cidadão Fernando Pessoa.

As cartas do conjunto recentemente apresentado por mim, ao lado de Jerónimo Pizarro, Rui Sousa, Fernanda Vizcaíno e Enrico Martines é

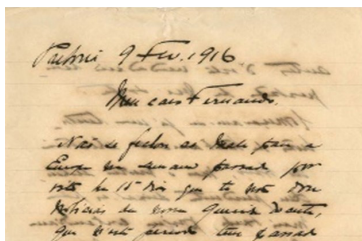
composto por 242 documentos, entre cartas, postais, poemas, bilhetes e outros materiais de natureza menos catalogável, escritos num intervalo de 55 anos, já que o documento mais antigo do conjunto data de 1880, oito anos antes de Pessoa nascer, e o último, de 1935, ano de morte do autor. Neste breve contributo apresentarei apenas cartas, essas datadas do ano de 1916, não apenas porque se faz necessário o recorte para os propósitos do texto, mas porque o conjunto completo das novas aquisições já está devidamente apresentado em versão comentada e de forma circunstanciada.

A escolha do ano de 1916 pode parecer aleatória num primeiro momento, mas me parece justificável considerando os acontecimentos que perpassam as missivas objeto deste contributo. Além disso, 1916 não é um ano explorado exaustivamente pela crítica pessoana, em comparação com outros, como, por exemplo, 1914, por ocasião do mítico “dia triunfal”, ou, ainda, 1915, o ano de *Orpheu*.

Volto alguns meses no tempo para fins de contextualização. Em novembro de 1915, a mãe de Fernando Pessoa, Maria Madalena Nogueira, sofre um terrível derrame, que a deixará com duradouras sequelas, o que fará com que Pessoa se sinta “totalmente atordoado” (Zenith, 2022, p. 553). Pode confirmar-se a observação de Zenith a partir de uma carta de João Miguel Rosa, padrasto de Pessoa, escrita em 9 de Fevereiro de 1916:

Chegou cá, em 3 do corrente, a tua carta de 3 de Janeiro, a primeira escripta depois de te chegarem as más noticias d’aqui. Pelo meu estado d’espírito, avalio bem a tua inquietação, e, como bem podes crêr, a minha alegria será bem intima se te puder dar em todas as cartas noticias que contribuam para te restabelecer o socêgo. (Martines; Vizcaíno; Xavier; Pizarro; Sousa, 2023).

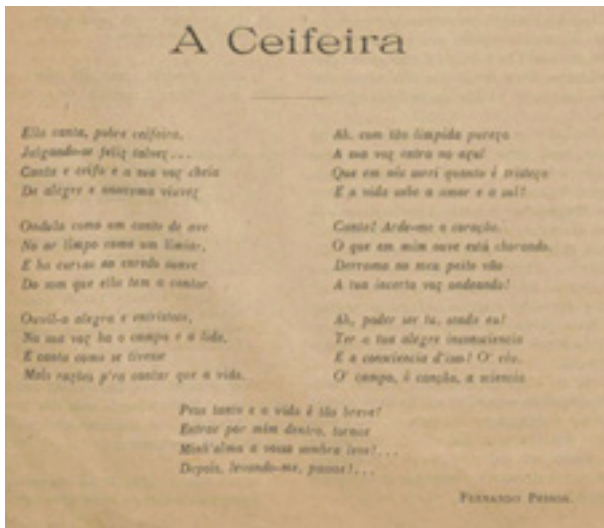
Figura 1 – Carta de 9-2-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Naquele ano, Pessoa contribui para três importantes revistas do cenário literário da ocasião, *Exílio*, *Terra Nossa* e *Centauro*, respectivamente, com “Movimento Sensacionista” (e “Hora Absurda”), “Ceifeira” e “Passos da Cruz”.¹

Figura 2 – “A Ceifeira” (detalhe) In. *Terra Nossa* – Nº 3 – Set. 1916

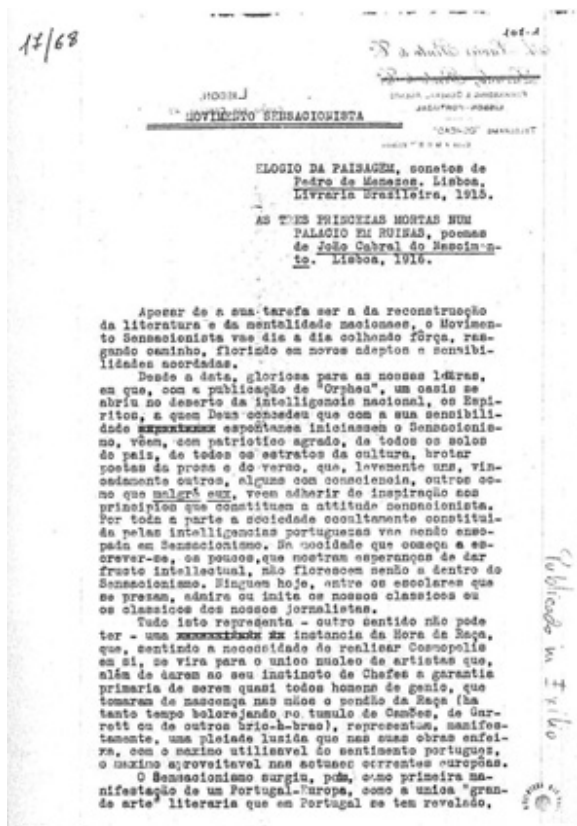


Fonte: https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Terra_nossa_3.pdf

Não se trata de apenas de poemas publicados a esmo. Alguns dos poemas publicados em 1916 fazem parte do conjunto de poemas mais publicados em vida pelo poeta. É o caso de “Ceifeira” e do Soneto XII de “Passos da Cruz” (“Ella ia, tranquila pastorinha”[...]). Não menos importante, “Hora Absurda” e “Movimento Sensacionista”, textos em certa medida complementares em importância para a teoria e a estética do Sensacionismo.

¹ Sobre a importância do ano de 1916 no contexto de produção das revistas literárias em Portugal ver: MARQUES, Ricardo. “1916: Um ano de revistas literárias”. In. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 38, n. 2, p. 199-209, jul/dez. 2016 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>.

Figura 3 – 107-1 a 4ª cópia dactilografada do artigo Movimento Sensacionista, publicado na revista *Exílio* em Abril de 1916 (detalhe)



Fonte: PESSOA, Fernando. *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, p. 203

É, também, em 1916 que Pessoa concebe doze de suas já catalogadas 136 personalidades fictícias: Hadji-Muhrad (autor do método secreto de ganhar nos jogos de azar e nas loterias); Sher Henay (compilador e prefaciador de uma antologia sensacionista); Padre Antonio de Seabra (que assina o panfleto periódico de crítica de ideias e costumes); Claude Pasteur (tradutor dos cadernos de reconstrução pagã); James L. Mason (tradutor dos cadernos de *Athena*); Henry More (autor da frase “a minha arte é instruir, não revelar”); Wardour (figura bilingue, muito presente na comunicação mediúnic de Pessoa); Voodooist (autor de um pequeno

poema, cujo primeiro verso é: “No ardor que não dista”); Joseph Balsamo (personalidade que tem por referência o alquimista siciliano Conde de Gagliostro); Henry Lovell (personalidade pouco criativa, que se refere em suas comunicações ao estado de desassossego de Pessoa); James Joseph (autor da frase “Nenhum homem é um deus salvo na limitação infinita da sua palavra”); J. H. Hyslop (dialogador mediúnico de Pessoa); e ainda, entre 1916-1917, George Henry Morse; Marnoco e Sousa (Pizarro; Ferrari, 2017, p. 491-542). São de 1916 trechos do *Livro do Desassossego*, como: “Diário Lúcido”; “Declaração de Diferença”; “Anteros – o amante visual”; “Marcha Fúnebre para o Rei Luís Segundo da Baviera”; “Nenhum problema tem solução”; e “Senhor Rei do desaparego” (Pessoa, 2014, p. 179-198). Em uma outra oportunidade, valeria a pena cruzar os textos escritos por Pessoa em 1916, como também aqueles escritos antes, mas publicados naquele ano, de modo que se pudesse, quem sabe, apontar em que medida essa produção apresenta pontos de contato ou, ao contrário, diverge entre si. Para o momento, concentro a apresentação dos documentos de 1916 pertencentes ao conjunto supracitado, de modo a pensar duas figuras centrais no espectro afetivo de Pessoa: Maria Madalena Pinheiro Nogueira, a mãe; Mario de Sá-Carneiro, o amigo.

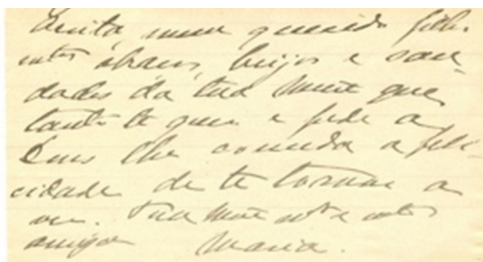
Maria Madalena Pinheiro Nogueira

As primeiras cartas recebidas por Fernando Pessoa no ano de 1916 têm por remetente o padrasto, João Miguel Rosa, e o principal assunto das mesmas é o estado de saúde da mãe e dos irmãos de Pessoa. O padrasto demonstra imensa preocupação com o tratamento que Maria Madalena Pinheiro Nogueira começa a receber depois do derrame, e entende que o estado no qual a esposa se encontra afeta diretamente o estado de saúde dos irmãos de Pessoa, sobretudo de Henriqueta (Teca) que, segundo o pai, sofre dos nervos desde o derrame da mãe.

A mãe também escreve neste ano, com alguma dificuldade, dada a paralisia parcial dos membros. Chega a dizer que não vê o dia em que vai poder estar mexendo todo o corpo, o que deveria ser coisa comum a todas as pessoas. Mas, apesar da doença grave que a deixa em condição muito frágil e temerária, o que mais chama à atenção é o carinho e a preocupação com Pessoa. Sempre se dirigindo ao filho como “mãe muito amiga”, sempre muito saudosa do filho, e esperançosa de que um dia,

que espera não estar muito distante, volte a ver o querido filho, o que só voltará a acontecer quatro anos mais tarde, em Março de 1920.

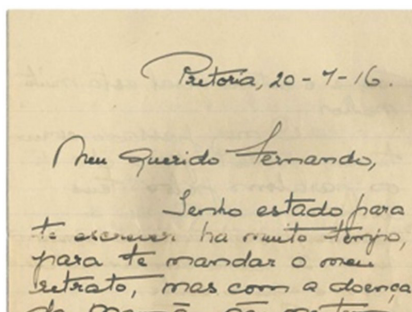
Figura 4 – Carta de 28-6-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Os irmãos João Maria e Henriqueta também escrevem a Pessoa, João, em inglês, porque afirma ser mais proficiente na língua materna, já que nascera na África do Sul, e Teca em português. Ambos lamentam o estado de saúde da mãe, mas acabam por falar de alguns interesses pessoais. João, começa a se apaixonar por filatelia com o outro irmão, Luiz. Já Teca se envolve com muitas atividades, incluindo piano, canto e tênis, o que acaba por lhe provocar dores demasiadas no braço, dificultando-lhe a caligrafia da missiva, “que vai mal escrita, porque os músculos do braço direito estão muito doridos” (Martines; Vizcaíno; Xavier; Pizarro; Sousa, 2023). Nesta altura Sá-Carneiro já estava morto há quase um mês.

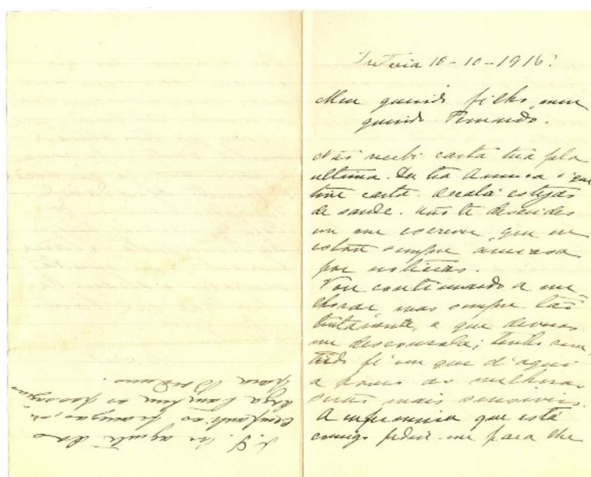
Figura 5 – Carta de 20-7-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Toda ambiência contribui para um certo silenciamento de Pessoa diante da família. A guerra, a doença da mãe, as demandas dos irmãos, nada faz com que Pessoa encontre forças para responder subsequentemente às cartas que se acumulam a partir de então. Não acontece apenas em âmbito familiar, como poderá ser notado na relação com Sá-Carneiro a partir daquele ano. As cartas de cariz familiar encerram com uma escrita pela mãe, na qual solicita a Pessoa que obtenha informações acerca do valor de passagens de navio, de Lisboa a Amsterdam, e também a passagem em 2ª classe de Lisboa a Boulogne, e 2ª classe de Lisboa a Paris, pelo caminho de ferro. Pede que para isso procure Orey, Antunes & C^a. A carta é datada de 10 de outubro, e não se terá mais notícias de correspondência naquele ano.

Figura 6 – Carta de 10-10-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Mário de Sá-Carneiro

Assim como o derrame da mãe começa por tirar Fernando Pessoa de um estado de sossego em fins de 1915, é também a partir de dezembro daquele ano que a correspondência entre ele e Mário de Sá-Carneiro começará a revelar o que estaria por vir. O diálogo entre os amigos e

parceiros editoriais se desenvolverá com certa tensão nos primeiros meses de 1916, até culminar com o suicídio de Mário em 26 de abril daquele ano.

Em carta enviada em 13 de Janeiro de 1916, Sá-Carneiro afirmava ao amigo estar louco.

Ao menos não sou só eu que estou doido. Porque creia, meu pobre Amigo: eu estou doido. Agora é que já não ha duvidas. Se lhe disser o contrario numa carta próxima e se lhe falar como dantes – você não acredite: O Sá-Carneiro está doido. Doidice que pode passear nas ruas – claro. Mas doidice. (Sá-Carneiro, 2015, p. 452)

A sequência de missivas vai demonstrando o ceticismo e a apatia crescentes de Sá-Carneiro em relação às atividades que envolviam a continuação da editoria do *Orpheu*, bem como o investimento em novas iniciativas literárias, o que o faria, logo em seguida, delegar a Fernando Pessoa a função testamentária de editor de todo o material que lhe fosse enviado a partir daquele momento.

Fala cada vez menos apaixonadamente de literatura, além de demonstrar desapontamento com o silêncio de Pessoa, e um crescente desequilíbrio emocional, o que fica evidenciado nas cartas de 21 e 26 de Janeiro de 1916, respectivamente. Nelas, Mário demanda do amigo as respostas “retardadas” às cartas já enviadas. “Por amor de Deus não se esqueça de mim – Escreva-me o mais breve possível” (Sá-Carneiro, 2015, p. 455). Na carta de 26 de janeiro constata que a postura de Pessoa é “inadmissível” (Sá-Carneiro, 2015, p. 456) e conclui: “Não se esqueça de [...] me ESCREVER” (Sá-Carneiro, 2015, p. 456). O suicídio foi a solução desesperada encontrada pelo poeta que não achava mais lugar num mundo em que o dinheiro do pai não sustentava o seu dandismo exagerado e luxuoso, tampouco lhe parecia possível abrandar a tortura de não conseguir harmonizar a convivência de sua alma e seu corpo.

No conjunto de correspondências, a que recentemente tivemos acesso, há apenas uma carta de Sá-Carneiro a Pessoa, enviada em Fevereiro de 1916², contendo um poema apenas, sem demais papéis

² Richard Zenith (Zenith, 2022, p. 555) aponta na sua biografia que a data exata desta carta é 3 de fevereiro de 1916, no entanto, não encontramos nenhuma materialidade no suporte que confirme essa afirmação. Já em *Poesia Completa de Mário de Sá-Carneiro*, edição de Ricardo de Vasconcelos, a data apontada para o envio da carta, que também continha o poema “Aquele Outro” é 16 de fevereiro de 1916.

anexados, carta esta originalmente apresentada na edição crítica da correspondência *Em Ouro e Alma* (2015), organizada por Ricardo Vasconcelos. A “redescoberta” desse original, nos aponta algumas curiosidades sobre o suporte, o conteúdo, e chama à atenção para eventos que se darão posteriormente ao suicídio de Mário de Sá-Carneiro

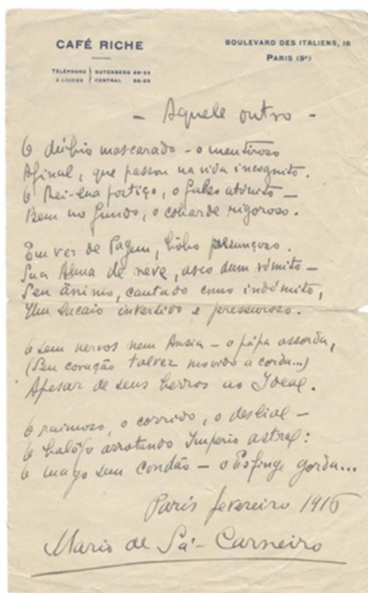
O poema “Aquele Outro” está manuscrito assinado e com data de Fevereiro de 1916, numa folha de papel carimbado do Café Riche, em Boulevard des Italiens. Trata-se, segundo Ricardo Vasconcelos, da segunda versão do poema, cujo original se encontra na Coleção Particular 2 (CP2)³, publicado pela primeira vez em *Mário de Sá-Carneiro: Fotobiografia* (1988), de Marina Tavares Dias, e que acompanharia carta de 16 de Fevereiro, na qual Sá-Carneiro apresenta entre outros assuntos o poema “Quando eu morrer batam em latas” e “Eu queria ser mulher para poder me estender”. “Aquele Outro” é referido como “soneto mau”.

Mas então p[ar]a fixar o instante desta minha vinda ao Café Riche onde agora já não entro com medo de encontrar o Mario – hoje felizmente êle não estava, estava só o *monsieur* do *Temps*. – envie-lhe esta carta inutil e riscada que você perdoará, hein? Aproveito para remeter um soneto mau. Agora porem o que estou é muito interessado na confecção dum poema irritantissimo, “Feminina” – que comecei ontem á noite, quando me roubaram o chapeu de chuva. (Sá-Carneiro, 2015, p. 470).

Já se mostra interessante o fato do presente testemunho ser a segunda de três versões do poema, o que já está devidamente pontuado por Vasconcelos em sua edição crítica, entretanto não deixa de interessar a quem agora toma conhecimento do testemunho enviado a Pessoa, não ter sido nem a primeira, nem esta a versão, a segunda, a figurar na pequena coletânea “Os Ultimos Poemas de Mario de Sá-Carneiro”, publicada em *Athena*, n.º 2, de Novembro de 1924. A versão lá publicada será, segundo Vasconcelos, a terceira, encontrada por Carlos Ferreira, amigo de Pessoa e Sá-Carneiro, que recentemente retornado da Primeira Grande Guerra foi ao quarto de Sá-Carneiro logo após seu suicídio, resgatando alguns papéis, dentre os quais, a versão do poema. (Sá-Carneiro, 2018, p. 625).

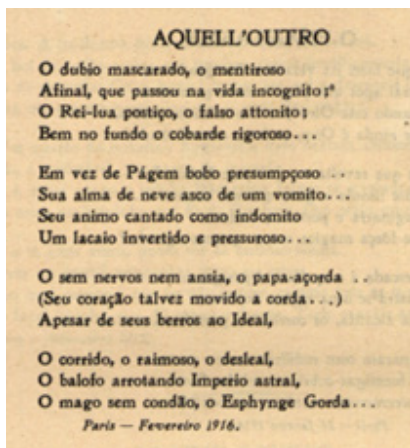
³ O espólio de Sá-Carneiro está dividido categoricamente em CP (Coleção Particular), CP1 (Coleção Particular 1), CP2 (Coleção Particular 2).

Figura 7 – Manuscrito de “Aquele Outro”. Paris – 16-02-1916



Fonte: Sá-Carneiro (2015, p. 245).

Figura 8 – Versão de “Aquele Outro” publicada em *Athena* I (2)



Fonte: https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Athena_2.pdf

Para além do título, que expõe uma das premissas centrais da poética sá-carneireana, mas também da poética de Pessoa: o outramento, o reconhecimento da fratura da subjetividade, da inexistência da unidade ou da centralidade, supostamente referentes a um sujeito empírico, os versos de “Aquele Outro” testemunham a assunção das máscaras, do fingimento, do fastio, do tédio, do cansaço e do falhanço diante da vida, por uma via que revela a angustiada e amargurada autoreferencialidade: “o balôfo arrotando Imperio astral: / O mago sem condão – o Esfinge gorda” (Sá-Carneiro, 2018, p. 151). Ricardo Vasconcelos, em recente conferência na Biblioteca Nacional de Portugal, por ocasião da *Semana de Eventos Pessoaanos 2023*, organizada pelo CLEPUL e pela Universidad de Los Andes, apontou ecos do referido poema de Sá-Carneiro na poesia de Fernando Pessoa. Transcrevo aqui um trecho da fala do crítico. A citação é longa, contudo oportuna:

Não será talvez a forma mais óbvia de terminar esta apresentação, mas gostaria de fazer uma comparação entre dois versos de Sá-Carneiro e Pessoa e daí extrair algumas consequências. No caso de Sá-Carneiro, refiro-me ainda a “Aquele Outro” um dos “últimos poemas” do escritor, nos quais, como vimos, Eduardo Lourenço diz haver uma “inversão” do estatuto de “realeza sob o modo de bobo que em dolorosa raiva pisa e destrói a sua imagem real em Esfinge Gorda.” Apresentando grotescamente esse “Aquele Outro” que é o eu, Sá-Carneiro tem um interessante *insight* que se intromete no poema sob a forma de um breve parênteses (novamente o parênteses a dar conta das ideias que fugazmente nos iluminam a existência). Na sequência de uma lista de imagens em que se contrastam a desejada grandeza e a mais vil realidade, ou simplesmente se exponencia esta última com múltiplas imagens de fracasso, Sá-Carneiro diz-nos neste poema de Fevereiro de 1916, sobre «Aquele Outro», que é o

“(Seu coração talvez movido a corda)”.

Pensemos agora em Pessoa, na sua “Autopsicografia” [118-46r], cujo rascunho data de 1 de Abril de 1931, e que termina com a quadra

“[...] E assim nas calhas de roda,
Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda
Que se chama coração.”
(p. 95 da *Antologia Mínima*).

Fugirei a uma análise de uma das passagens pessoais mais repisadas e cristalizadas, para sugerir apenas que na imagem em apreço podemos assistir à ideia da vida humana em circuito fechado que, alheia à sua própria finitude, entretém o pensamento e a consciência, ou talvez mais corretamente se entretém no seu próprio pensamento e na sua própria consciência. Até que um dia pare. (Vasconcelos, 2023).

Não se pode perder de vista que se trata de um dos vários poemas escritos por Sá-Carneiro muito próximo à data de sua morte. Ainda que não seja exatamente o caso de desenvolvermos aqui uma análise do poema, apontando para ecos em alguns tantos poemas de Fernando Pessoa, como fez Ricardo Vasconcelos, – o que seria um exercício dialógico interessante, por exemplo, para uma aula expositiva sobre os dois autores – creio ser importante ratificar o quanto a redescoberta deste testemunho, tomado em contexto com os acontecimentos de natureza familiar, permite que voltemos o olhar para o ano de 1916 na expectativa de estabelecer conexões entre a correspondência e a escrita literária de Fernando Pessoa. Há, certamente, aqui, uma porta aberta a trabalhos ainda por fazer.

Atentos às armadilhas que associam em relação causal biografia e obra, não é de se desconsiderar o efeito que os acontecimentos de 1916 tiveram sobre Fernando Pessoa, particularmente em se tratando de duas figuras de tamanha importância afetiva. De um lado, a Maria Madalena Nogueira, por quem Pessoa nutria um sentimento incomparável e amor e ancoragem. De outro, talvez seu mais constante interlocutor, colaborador e parceiro intelectual, amigo e confidente, Mário de Sá-Carneiro. Ambos transformaram-se em matéria poética para Pessoa, ao mesmo tempo que se tornaram, num intervalo de 9 anos (26 de Abril 1916 e a 17 de Março de 1925, respectivamente), ausências incontornáveis.

Referências

DIAS, M. T. *Mário de Sá-Carneiro*: Fotobiografia. Lisboa: Quimera, 1988.

MARQUES, R. “1916: Um ano de revistas literárias”. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 38, n. 2, p. 199-209, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>.

MARTINES, E.; VIZCAÍNO, F.; XAVIER, R.; PIZARRO, J. & SOUSA, R. “O espólio infinito: sobre algumas aquisições em falta”. In. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 23, Primavera, pp. 158-661. Brown Digital Repository, Brown University Library.

PESSOA, F. “Ceifeira”. *Terra Nossa*, n. 3, set. 1916. Disponível em: https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Terra_nossa_3.pdf

PESSOA, F. *136 pessoas de Pessoa*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Rio de Janeiro: Tinta-da-china, 2017.

PESSOA, F. *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

PESSOA, F. *Livro do desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2014.

PESSOA, F. *Sensacionismo e outros ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM, 2009.

SÁ-CARNEIRO, M. de. “Os últimos poemas de Mario de Sá-Carneiro”. *Athena – Revista de Arte*, Lisboa, vol. I, n. 2, nov. 1924.

SÁ-CARNEIRO, M. de. *Em ouro e alma: correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2015.

SÁ-CARNEIRO, M. de. *Poesia completa*. Edição de Ricardo Vasconcelos. Lisboa: Tinta-da-china, 2017.

SOUSA, R.; PIZARRO, J.; FERNANDES, M. P. (2022). “O espólio infinito: Sobre as novas aquisições, 390 a 829”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 21, Primavera, pp. 239-471. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/zg56-re52>.

VASCONCELOS, R. “Tropeçar no morto – Mário de Sá-Carneiro visto por Eduardo Lourenço”. In: *Colóquio Internacional: Labirintos Críticos*

de Eduardo Lourenço. Conferência proferida em 12 de junho de 2023, no Auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa. Programa: <https://www.semanadeventospessoanos.online/>

ZENITH, R. *Pessoa*. Uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

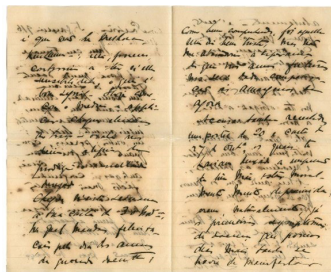
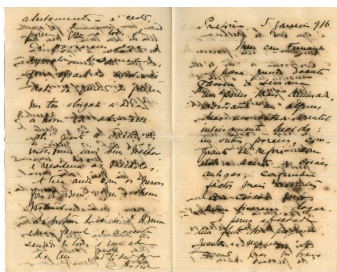
Data de submissão: 03/07/2023.

Data de aprovação: 28/08/2023.

ANEXO

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Documento 129

Registo: Cartas 1, 56-59.**Remetente:** João Miguel Rosa.**Destinatário:** Fernando Pessoa.**Local e data:** [Pretória], 05-01-1916.**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta em bifólio, de papel com pautas. Num *post-it* amarelo lê-se, a tinta azul: “Ñ há mais notícias de relevo”.**+ Info:** O padraço fala da impossibilidade de ir a Lisboa por conta da guerra e também fala da pouca estabilidade emocional que a doença de Maria causou em membros da família, particularmente na Henriqueta (Teca).

Pretoria, 5 Janeiro 916.

Meu caro Fernando.

A nossa querida doente passou a semana um pouco mais animada, mostrando em alguns dias um estado mental inteiramente lucido; em outros, porem, comquanto se refira com todo o acerto a coisas antigas, confunde factos mais recentes com coisas que nunca tiveram logar.

A perna affectada tem feito bons progressos quanto a recuperar a acção. Mas no braço é que não ha melhora nenhuma...; ella, porem, continúa a ter n'elle sensibilidade, o que é bom signal. Hoje começou o medico a applicar choques electricos ao braço – oxalá nos deem a alegria de produzir o resultado devagar.

Chegou n'esta semana a tua carta de 30 Nov[embro], na qual mandas felicitações pelo dia dos annos da querida doente; como bem comprehendes, foi aquelle um dia bem triste, mas não me abandona a esperanza de que nos annos futuros nos será dada compensação ás amarguras de agora.

Accusas tambem recebido um postal de 20 e carta de 27 de Out[ubr]o, os quaes te haviam deixado a impressão da tua mãe estar moralmente muito deprimida; eram, naturalmente, já os primeiros symptomas da doença que poucos dias mais tarde se havia de manifestar abertamente – é certo, porem, que a todos de cá passaram esses symptomas despercebidos, pois, aparte a contrariedade da questão da guerra nos ter obrigado a adiar a nossa ida ahi, ella até, quanto á doença os intestinos iam bem melhor, e reconhecia as melhoras.

A Teca anda com os nervos fôra de ordem, o que é bem natural.

Dá noticias de cá á D Annica e mais familia, e acceita saudades de todos e um abraço do teu Pad[ras]to m[ui]to amigo

João Rosa

Documento 130

Registo: Cartas 1, 60-61.

Remetente: João Miguel Rosa.

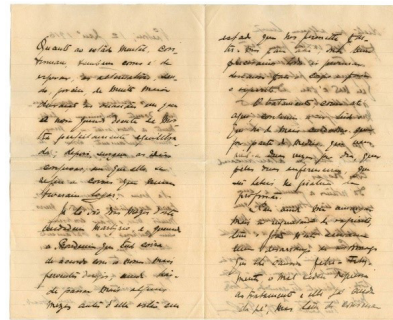
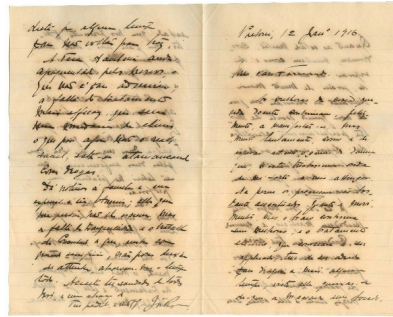
Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: [Pretória], 12-01-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: Carta manuscrita a tinta preta no rosto e no verso de um bifólio, com pautas. O reg. 60 traz o início da carta à direita e o final da mesma, escrito à esquerda. O reg. 61, traz a continuação da carta, da esquerda para a direita.

+ **Info:** João Miguel Rosa fala da saúde dos irmãos de Pessoa: João Maria, com problemas de estômago; Henriqueta, com problemas nervosos. Pede para dar notícias à família e, em especial, à tia Anica.



Pretoria, 12 de Jan[eir]o 1916.

Meu caro Fernando.

As melhoras da nossa querida doente continuam, felizmente, a manifestar-se, mas muito lentamente, como é de esperar attendendo o grau da doença que, n'esta tristissima onda de má sorte, a veio attingir.

Na perna os progressos são bastante accentuados quanto a movimentos, mas o braço continua sem melhoras, e o tratamento electrico, que começára a ser applicado, teve de ser adiado para d'aqui a mais algum tempo, visto ella queixar-se de que a magoava um bocado.

Quanto ao estado mental, continuam, tambem como é de esperar, as alternativas, sendo, por isso, de muito maior duração as occasiões em que a nossa querida doente se mostra perfeitamente equillibrada; depois, surgem as ideias confusas, em que ella se refere a coisas que nunca tiveram lugar.

Já lá vão dois mezes d'este verdadeiro martyrio, e, querendo a Providencia que tudo cõrra de accordo com os nossos mais ferventes desejos, ainda hão-de passar mais alguns mezes antes d'ella estar em estado que nos permitta partir-mos para ahi, antes disso precisamos todos de procurar descanso para o corpo e para o espirito.

O tratamento, como até aqui, continúa a ter sido o que ha de mais cuidadoso, quer por parte do medico, que vem vêl-a duas vezes por dia, quer pelas duas enfermeiras, que são habeis na pratica da profissão.

Para ainda me amargurar mais a inquietação do espirito, tem o João n'esta semana um desassocego de estomago que lhe causava febre. Felizmente, o mal cedeu depressa ao tratamento e elle já anda de pé, mas tem de conservar dieta por algum tempo para não voltar para traz.

A Teca tambem anda apoquentada pelos nervos, o que não é para admirar; á falta de tratamento mais efficaz, que seria uma mudança de clima, o que por agora não é realizavel, está-se atamancando com drogas.

Dá noticias á familia e, em especial á tia Annica; ella que me perdoe não lhe escrever, mas a falta de tranquillidade e o trabalho do Consulado a que, embora com grande sacrificio, não posso deixar de attender, absorvem-me o tempo todo. Acceita tu saudades de todos nós, e um abraço do

Teu pad[ras]to e amigo,

João Rosa.

Documento 131

Registo: Cartas 1, 62-65.

Remetente: João Miguel Rosa.

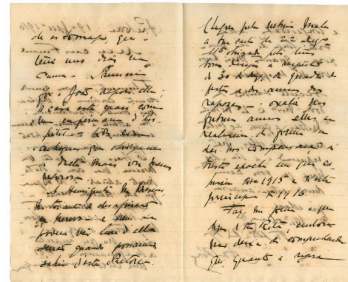
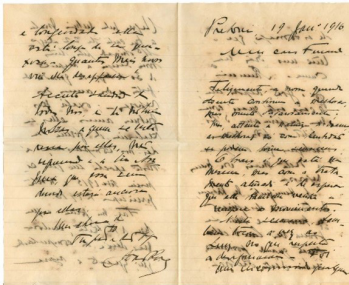
Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: [Pretória], 19-01-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: Carta manuscrita a tinta preta em bifólio, de papel com pautas. Existe um *post-it* amarelo com notas a tinta azul e o seguinte texto: “Do padraço para o Fernando. Dá notícias de todos. A mãe do F. está ligeiramente melhor”.

+ **Info:** Padraço fala da saúde dos irmãos de Pessoa: Luís, com problemas de estômago; João, com outros, que sugerem necessidade de dieta; e Henriqueta, com dificuldades nervosas, provenientes do estágio no qual as coisas se encontram em Pretoria.



Pretoria, 19 Jan[eir]o 1916.

Meu caro Fernando.

Felizmente, a nossa querida doente continua a melhorar, mas muito vagaro-samente; mas, attenta a natureza da doença, as melhoras só com lentidão se podem tornar sensíveis.

O braço é que está na mesma, mas com o tratamento aturado é de esperar que elle tambem venha a recuperar os movimentos.

N'esta semana, tambem tocou a vez ao Luiz, no que respeita a desafinações. Foi um incómodo qualquer de estomago, que o teve uns dias na cama. Primeiro foi o João, depois elle; a casa está quasi como uma enfermaria d'hospital – todos com achaques que obrigam a dieta mais ou menos rigorosa.

A Henriqueta so mexeu, no tocante a desafinação, nos nervos – e nem se poderá ver livre d'ella senão quando possámos sahir d'esta Pretoria.

Chegou pelo veleiro mala a tua carta de 22 Dez[embr]o. M[ui]to obrigado pelos teus bons desejos a respeito de 30 de Dez[embr]o da quadra de festas e dos annos dos rapazes – ; oxalá nos futuros annos ellas se realisem, de forma a dar-nos compensação á triste epocha em que anuncia fim 1915 e n'este principio de 1916.

Faz-me pena o que dizer da tia Rita, embora não deixe de comprehender que, quanto a rizeza e longevidade ella está longe de ser queixosa – quantos mais novos verá ella desaparecer!

Acceita saudades de todos nós, e dá noticias nossas a quem se interessa por ellas, não esquecendo a tia Annica, que essa sem duvida estará anciosa por ellas.

Um abraço do teu pa[dras]to e amigo

João Rosa

Documento 132

Registo: Cartas 1, 70-73.

Remetente: João Miguel Rosa.

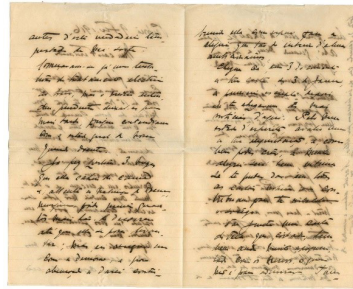
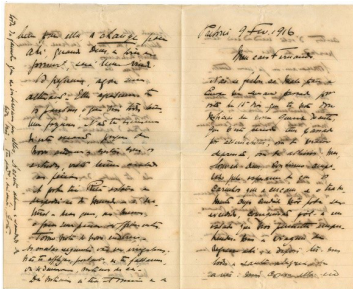
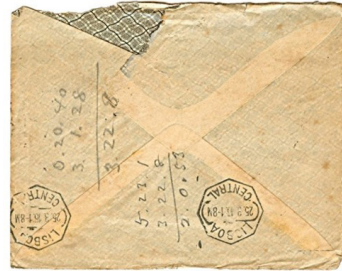
Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: [Pretória], 09-02-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: Carta manuscrita a tinta preta em bifólio de papel pautado. Conserva-se um *post-it* amarelo, em que se lê: “Carta do Padrasto para F.P. sem notícias especiais”.

+ **Info:** João Miguel Rosa fala do início da tentativa de tratamento com choque elétrico e das sequelas do derrame sofrido em 1915. Note-se que os selos, no verso do envelope, indicam que a carta chegou a Lisboa a 25 de Março de 1916; no verso do suporte, Pessoa fez algumas contas a lápis.



Pretoria, 9 Fev. 1916.

Meu caro Fernando.

Não se fechou cá Mala para a Europa na semana passada, por isto ha 15 dias que te não dou noticias da nossa querida doente, que n’este periodo tem passado por alternativas, ora de maior depressão, ora de allivios; mas, louvado Deus, continuo amparado pela esperança de que os carinhos que a cercam, e o tratamento cujo cuidado não pode ser excedido, conseguirão pô-la em estado que nos permita emprehender-

mos a viagem de regresso ahi, e depois ter-mos todos a santa alegria de a vêr-mos como ella era antes d'esta verdadeira tempestade de má sorte.

Começaram-se já umas tentativas de tratamento electrico ao braço, mas o medico entendeu prudente deixal-os para mais tarde, porque contendiam com o estado geral da nossa querida doente.

Já fez hontem 3 mezes que ella cahiu de cama, e, attenta a natureza da doença, ninguem pôde prevêr quantos mais hão-de decorrer até que ella se possa levantar; mas, eu resigno-me com a demora, e por abençoada a darei contribuindo ella, como espero, para a alegria que tão do intimo d'alma ambicionámos.

Chegou cá, em 3 do corrente, a tua carta de 3 de Janeiro, a primeira escripta depois de te chegarem as más noticias d'aqui. Pelo meu estado d'espírito, avalio bem a tua inquietação, e, como bem podes crêr, a minha alegria será bem intima se te puder dar em todas as cartas noticias que contribuam para te restabelecer o socêgo.

Vae junto uma carta da Teca, que, coitada, tambem anda muito apoquentada com os nervos, o que não é para admirar. Tambem para ella, a *change* para ahi, quando Deus a tiver en passant, será bem-vinda.

Os pequenos, agora sem alteração. Elles agradecem-te os parabens, o que nós todos tambem fazemos. Não te escrevemos n'estas semanas, porque de novo andam a cortar todas as estradas, visto terem acabado as feiras.

A pobre tia Rita estava a despedir-se do mundo – é natural – mas que, ao menos, o faça sem passar soffrimentos.

Tomo nota do novo endereço. As malas seguintes vão ser irregulares; não te afflijas, portanto, se te falharem, por 4 semanas, noticias de cá.

Dá noticias á tia Annica e a todos da familia que se interessam por ellas. Aceita abraços e saudades de todos nós.

Teu pa[dras]to m[ui]to amigo.

João

Documento 133

Registo: Cartas 2, 14-15, 308-309.

Remetente: Mário de Sá-Carneiro.

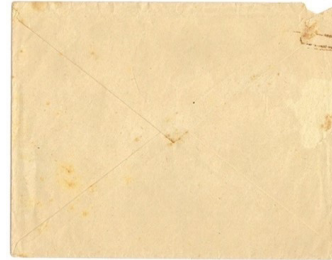
Destinatário: [Fernando Pessoa].

Local e data: Paris, 02-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: O reg. 14 mostra o manuscrito assinado e datado do poema “Aquele Outro”, escrito a tinta preta no rosto de uma folha de papel timbrado do Café Riche. Na parte superior esquerda da folha, lê-se: “CAFÉ RICHE”, seguido de: “Téléphone | 2 lignes” e “gutenberg 68-32 | central 86-29”. Na parte superior direita, lê-se: “boulevard des italiens, 16 | Paris (9e)”. O verso da folha (reg. 15) está em branco. Os regs. 308-309 mostram o que poderia ser o envelope que continha este manuscrito. No anverso, lê-se: “Monsieur Fernando Pessoa | escritórios A. Xavier Pinto & Cia | 101 Rua de S. Julião | *Lisbonne* | (Portugal)”. O documento foi, entretanto, adquirido pela Biblioteca Nacional de Portugal e hoje ostenta a cota BNP/E3, 811. Referido em Souza, Pizarro e Fernandes (2022: 459).

Monsieur Fernando Pessoa
 escritórios A. Xavier Pinto & Cia
 101 Rua de S. Julião
 Lisbonne
 (Portugal)



CAFÉ RICHE
 BOULEVARD DES ITALIENS, 16
 PARIS (9e)

- Aquele outro -

O lábio suscitado - o suscitado
 Afundado, que jazia na vida suscitado.
 O Pac-que-patete, o Pálio abstrato -
 Nam no plano, o exilado negro.

O que rei de fogos, todo plumeiro
 O que alma de neve, esse sem vento -
 Para dentro, dentro de uma existência,
 Uma única existência e existência.

O que nervos sem alma - o que acorda,
 (Um nervos, talvez, nervos e vida)
 Afundado de seus nervos no Pac-que-patete.

O que nervos, o nervos, o nervos -
 O lábio suscitado suscitado patete:
 O que lábio suscitado - o lábio suscitado...

Paris Janeiro 1916
 Mário de Sá-Carneiro

Documento 134

Registo: Cartas 1, 66-69.

Remetente: João Miguel Rosa.

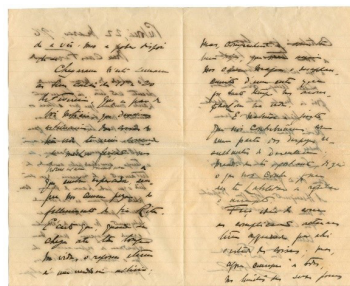
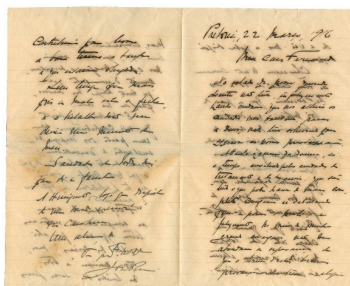
Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: [Pretória], 22-03-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: Carta manuscrita a tinta preta em bifólio, de papel pautado. O reg. 68 (rosto) traz o início da carta à direita e o final da mesma, à esquerda. O reg. 69 (verso), traz a continuação da carta, da esquerda para a direita. Num *post-it* lê-se: “Ñ parece trazer novidades assinaláveis”.

+ **Info:** Embora o *post-it* diz não haver novidades notáveis, João Miguel Rosa lamenta o falecimento da tia Rita (tia-avó de Pessoa), e se coloca à disposição para auxiliar no pagamento dos custos funerários.



Pretoria, 22 Março, 1916

Meu caro Fernando.

No estado da nossa querida doente, não tem, infelizmente, havido mudança que nos allivie os cuidados, mas tambem, graças a Deus, nada tem sobressaído para agravar as nossas preocupações.

Attento o grau da doença, só o tempo, auxiliado pelos cuidados do tratamento e de hygiene, que são tudo o que pode haver de mais completo, conseguirá ir debelando pouco a pouco o mal, e felizmente,

no meio da minha grande amargura, não me abandona a esperança de que o termo d'estas horriveis provações nos trará a alegria de a vêr-mos a poder dispor de si.

Chegaram n'esta semana as tuas cartas de 15 e 20 de Fevereiro, que, a par da bôa noticia, que diversas situações, das coisas da tua vida te irem correndo de melhor feição, nos trouxeram tambem a que, embora esperada, sempre nos causa pezar, do fallecimento da tia Rita.

É certo que, quando se chega até tão longe na vida, o repouso eterno é um verdadeiro allivio; mas, comprehendo-te, como tão bem dizes, que mesmo assim nos causa magoa o desaparecimento d'um ente que por tanto tempo nos acompanhou na vida.

É natural e justo que nós contribuâmos com uma parte das despezas resultantes do desenlace; manda-nos tu, portanto, dizer o que nos coube, para eu te habilitar a regular o montante.

Faço ideia de como as complicações actuaes terão aggravado por ahi o estado das coisas; mas, agora cumpre a todos, nos limites das suas posses contribuir para levar a bom termo o tempo a que estamos obrigados.

Sem tempo para mais, pois a mala está a fechar, e o trabalho não me deixa nem muito tambem.

Saudades de todos nós para ti e familia.

A Henriqueta, logo que disponha de umas horas, escreverá á tia Carolina.

Um abraço do

Teu pa[dras]to amigo

João Rosa.

Documento 135

Registo: Cartas 2, 334-335, 291.

Remetente: João Miguel Rosa.

Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: Pretória, 07-06-1916.

Reprodução: Do verso, em França (1987: 188).

Materiais: A parte superior do rosto do postal tem, impressas, as indicações seguintes: “UNION POSTALE

UNIVERSELLE | TRANSVAAL |

POST CARD CARTE POSTALE | THE

ADDRESS ONLY TO BE WRITTEN

ON THIS SIDE”. Também há dois carimbo

sobrepostos, um dos correios de

Pretória e outro dos correios de Lisboa.

No canto superior direito aparece o selo

do Transvaal (valor “ONE PENNY”),

também carimbado em Pretória. Na parte

inferior do rosto foi escrito, a tinta preta:

“Ex^{mo} Sr. Fernando Nogueira Pessoa. | Ao

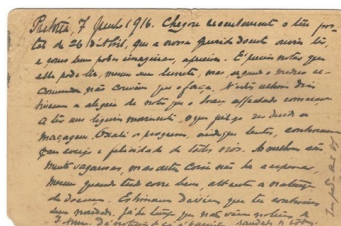
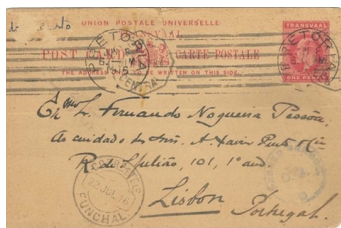
cuidado dos Snrs. A. Xavier Pinto & C^{ia}

| R. de S. Julião, 101, 1^o and. | Lisbon |

Portugal.”. Também aparece um carimbo

dos correios de Funchal.

+ **Info:** O reg. 291 – uma capa de plástico transparente com quatro bolsos para conter documentos dobrados – permite ver um postal, dentro do bolso inferior esquerdo, que se refere a esta unidade de correspondência. O postal foi escrito pelo padraço numa altura em que a mãe de Fernando estava doente. Richard Zenith, na sua biografia, comenta a preocupação constante de Fernando pela saúde da mãe, de que normalmente recebia uma carta por semana, até se dar o ataque que a adoeceu: “In the second week of November, his mother had suffered a stroke that paralyzed her left side. Only now did he learn the news, since mail from South Africa took as much as a month to reach Lisbon. [...] She was fifty-three years old, almost fifty-four – too young for a stroke. It had fortunately hit her left side rather than her right, but it hit very hard. For the next six months, João Miguel Rosa would send weekly reports to Fernando about his wife’s recovery, which was worryingly slow. The doctors experimented with electric shocks, but she found them unbearable” (2021: 498).



Pretoria, 7 Junho 1916.

Chegou recentemente o teu postal de 26 d’Abril, que a nossa querida doente ouviu lêr, e, como bem podes imaginar, apreciou. É preciso notar que ella pode lêr, mesmo sem luneta, mas, segundo o medico recommendou, não convém que o faça. N’estes ultimos dias

tivemos a alegria de notar que o braço affectado começou a ter um ligeiro movimento, o que julgo ser devido a maçagem. Oxalá os progressos, ainda que lentos, continuem para socego e felicidade de todos nós. As melhoras são muito vagarosas, mas outra coisa não ha a esperar, mesmo quando tudo corre bem, attenta a natureza da doença. Estimamos deveras que tu continues sem novidade. Já ha tempo que não vêem noticias de D. Anna. Dá noticias de cá à familia. Saudades de todos.

Teu padre m[ui]to amigo

João Miguel

Documento 136

Registo: Cartas 1, 74-79.

Remetente: Maria Magdalena Pinheiro Nogueira.

Destinatário: Fernando Pessoa.

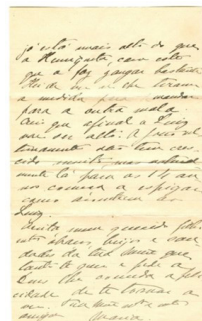
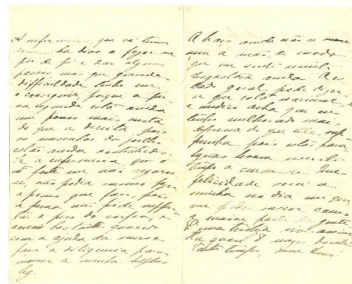
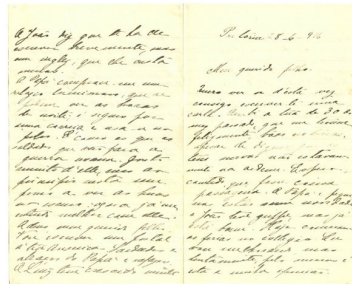
Local e data: [Pretória], 28-06-1916.

Local e data: [Pretória], 28-06-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: Carta manuscrita a tinta preta no rosto e no verso de um bifólio de papel sem pautas, e ainda em meia folha final. O envelope, que se conserva, tem selos de Pretória (28 jun 16) e Lisboa (27.7.16).

+ **Info:** O padraсто de Pessoa comprou um relógio luminoso para Maria Magdalena, no qual ela pode ver as horas à noite. Ela menciona que é semelhante aos que os soldados utilizam na guerra.



Pretoria 28 – 6 – 916

Meu querido filho.

Quero ver se d'esta vez consigo escrever-te uma carta. Recebi a tua de 30 do mez passado, que me trouxe, felizmente, boas noticias, apesar de dizeres que teus nervos não estavam muito na ordem. Espero, comtudo, que fosse cousa passageira. O Papá e pequenos estão sem novidade; o João teve grippe, mas já está bom. Hoje começam as ferias no collegio. Eu vou melhorando, mas lentamente, pelo menos é esta a minha opinião.

A enfermeira que cá temos começou ha dias a fazer-me pôr de pé e dar alguns passos, mas que grande difficuldade tenho em o conseguir, porque a perna esquerda está ainda um pouco mais curta do que a direita, pois os musculos do joelho estão ainda contrahidos. Se a enfermeira, que é m[ui]to forte me não segurasse, não podia mesmo fazer o pouco que faço, pois a perna não pôde supportar o peso do corpo, e coxeio bastante quando com a ajuda da nurse faço a diligencia parecer mexer a minha helpless leg.

O braço ainda não se mexe nem a mão, de modo que me sinto muito desgostosa ainda. O estado geral pode dizer-se que está normal, e o medico acha que eu tenho melhorado mais depressa do que elle suppunha, pois estas paralyisias levam muito tempo a curar-se. Que felicidade será a minha no dia em que me poder mexer como a maior parte da gente! É uma tristeza viver assim! Há quasi 8 mezes doente! Tanto tempo, meu Deus!

O João diz que te ha de escrever brevemente, mas em inglez, que lhe custa menos.

O Papá comprou-me um relógio luminoso, que se podem ver as horas de noite; é seguro por uma correia e usa-se no pulso. É como os que os soldados que vão para a guerra usam. Gosto muito d'elle, mas ao principio custa um pouco a ver as horas no escuro; agora já me entendo melhor com elle. Adeus, meu querido filho. Vou escrever um postal á tia Annica. Saudades e abraços do Papá e rapazes. O Luiz tem crescido muito[.] Já está mais alto do que a Henriqueta, caso este que a faz zangar bastante.

Hei de ver se lhe tiram a medida para te mandar para a outra mala. Creio que afinal o Luiz vae ser alto. O João ultimamente não tem crescido muito, mas naturalmente lá para os 14 anos começa a espigar como aconteceu ao Luiz.

Aceita, meu querido filho[,] m[ui]tos abraços, beijos e saudades da tua Mãe que tanto te quer e pede a Deus lhe conceda a felicidade de te tornar a ver. Tua Mãe m[ui]to e m[ui]to amiga

Maria.

Documento 137

Registro: Cartas 2, 351-354, 312-313.

Remetente: João Maria Nogueira Rosa.

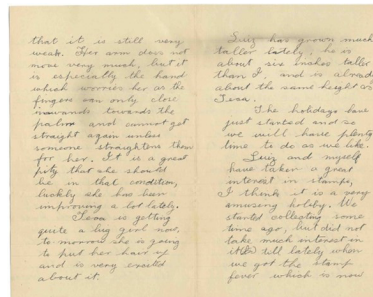
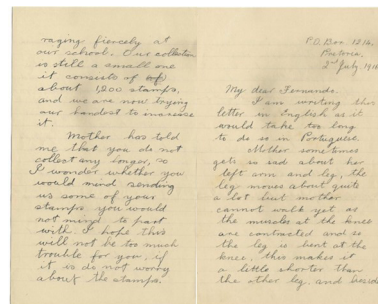
Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: Pretória, 02-07-1916.

Publicação: Parcial em NOGUEIRA (2005: 85).

Materiais: Carta escrita a tinta preta num bifólio (regs. 351-353) de papel pautado, mais meia folha do mesmo tipo de papel (reg. 354). Os regs. 312-313 mostram o envelope que continha a carta: o rosto (reg. 312) tem os carimbos postais e três selos; o endereço do destinatário, escrito a tinta preta, ocupa a grande parte dessa face: “Ex^{mo} Snr. | Fernando Pessoa. | R. de S. Julião 101-1º | Lisbon | (Portugal)”; em baixo, à esquerda, vê-se o carimbo da censura. O verso do envelope (reg. 313), além de carimbos postais na parte inferior, tem uma anotação não autógrafa, escrita a tinta preta: “carta do João | de Pretória | 2-7-1916”. Também existe um *post-it* amarelo em que se lê, escrito a lápis: “carta do João | para o F[ernando] em | 2/7/1916 | Descreve o estado da mãe | e o interesse em coleccionar selos”.

+ **Info:** João diz que escreve em inglês porque tardaria muito tempo para escrever em português. Fala dos problemas da mãe na perna e no braço e da tristeza que isso lhe provoca. Fala também da nova paixão que ele e o irmão Luiz têm por coleccionar selos e pede a Fernando se lhes pode enviar os que ele tem.



Pretoria.
2nd July 1916

My dear Fernando.

I am writing this letter in English as it would take too long to do so in Portuguese.

Mother sometimes gets so sad about her left arm and leg, the leg moves about quite a lot but mother cannot walk yet as the muscles at the knee are contracted and so the leg is bent at the knee, this makes it a little shorter than the other leg, and besides that it is still very weak. Her arm does not move very much, but it is especially the hand which worries her as the fingers can only close inwards towards the palm and cannot get straight again unless someone straightens them for her. It is a great pity that she should be in that condition, luckily she has been improving a lot lately.

Teca is getting quite a big girl now, to-morrow she is going to put her hair up and is very excited about it.

Luiz has grown much taller lately; he is about six inches taller than I, and is already about the same height as Teca.

The holidays have just started and so we will have plenty time to do as we like.

Luiz and myself have taken a great interest in stamps, I think it is a very amusing hobby. We started collecting some time ago, but did not take much interest in it till lately when we got the stamp fever which is now raging fiercely at our school. Our collection is still a small one it consists of about 1,200 stamps, and we are now trying our hardest to increase it.

Mother has told me that you do not collect any longer, so I wonder whether you would mind sending us some of your stamps you would not mind to part with. I hope this will not be too much trouble for you, if it is do not worry about the stamps.

Teca is going to write to you next week and is sending you some photographs.

Hoping that you are enjoying good health, and with love from all,
I remain,

Your affectionate brother,

João

A mamã tem feito muitos progressos ultimamente, e todos os dias se põe de pé durante uns minutos, ajudada pela en-fermeira, para fortificar as pernas. O braço também já tem alguns movimentos, e o estado geral está muito melhor.

O mez passado escrevi-te um postal para dar-te os parabens pelos teus annos mas não sei se o receberás porque não o dirigi bem, só uma semana depois é que o soube.

A mamã quiz que eu fosse tirar o retrato, antes de pôr o cabelo para cima mando-te dois para escolheres o que gostares mais e o outro manda-o à tia Annica.

Continuo com as lições de canto, de que muito gosto. De piano não temos tido desde que a mamã está doente, porque como eram em casa fazia muito barulho. As outras lições que tinha estão paradas agora, e creio que não as recomecerei, porque terei que ajudar a mamã, mesmo quando ela puder andar.

Uma vez por semana vou jogar o tennis com algumas das minhas amigas; é um jogo que me interessa muito. Ahi também jogam o tennis? Não me parece que se jogue tanto como nas terras inglezas. Voltei ha bocado de jogar, por isso é que esta carta vae tão mal escrita, porque os musculos do braço direito estão muito doridos.

Agora tenho estado muito interessada a fazer bolos, e se não estivesse tão longe mandava-te uns para provares. A mamã tem muito geito para fazer bolos, e antes de estar doente fazia uns muito bons.

Saudades de todos, e também um beijo e um abraço,

da tua irmã m[ui]to amiga

Henriqueta.

P.S. Peço-te que a carta que vae para a Maria a mandes com o retrato.

Documento 139

Registo: Cartas 1, 54-55.

Remetente: Maria Magdalena Pinheiro Nogueira.

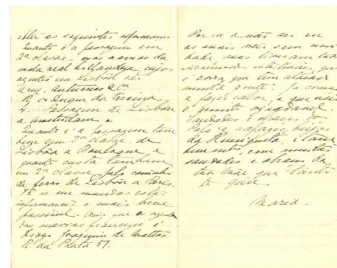
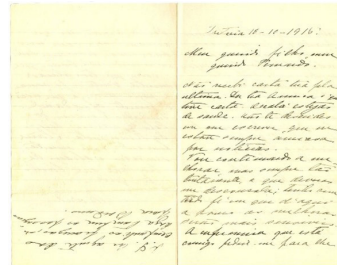
Destinatário: Fernando Pessoa.

Local e data: [Pretória], 10-10-1916.

Publicação: Inédito.

Materiais: Uma folha manuscrita à tinta preta em bifólio amarelado com pautas. O reg. 54 (rosto) traz o início da carta à direita e a parte final à esquerda, de ponta-cabeça. O reg. 55 (verso), traz a continuação da carta, da esquerda para a direita.

+ **Info:** Carta da mãe pedindo a Pessoa que obtenha informações acerca do valor de passagens de navio, de Lisboa a Amsterdam, e também a passagem em 2^a classe de Lisboa a Boulogne, e 2^a classe de Lisboa a Paris, pelo caminho de ferro. Pede que para isso procure Orey, Antunes & C^a.



Pretoria 10-10-1916?

Meu querido filho, meu querido Fernando.

Não recebi carta tua pela ultima. Da tia Annica é que tive carta. Oxalá estejas de saude. Não te descuides em me escrever, que eu estou sempre ansiosa por noticias.

Vou continuando a melhorar, mas sempre tão lentamente, o que deveras me desconsola; tenho comtudo fé em que d'aqui a pouco as melhoras serão mais sensiveis. A enfermeira que está comigo pediu-me para lhe obter as seguintes informações[.] Quanto é a passagem em 2^a classe nos navios da mala real hollandeza, cujos agentes em Lisbôa são

Orey, Antunes & C^a

R do Duque da Terceira 4.

Passagem de Lisboa a Amsterdam e

Quanto é a passagem também em 2^a classe de Lisboa a Boulogne e quanto custa também em 2^a classe pelo caminho de ferro de Lisboa a Paris.

Vê se me mandas estas informações o mais breve possível. Creio que o agente dos navios francezes é

Diogo Joaquim de Mattos

R. da Prata 51.

Por cá a não ser eu os mais vão sem novidade, mas tiveram todos incommodos intestinaes que é coisa que tem atacado muita gente. Já começa a fazer calor; o que não é muito agradável.

Saudades e abraços do Papá e rapazes, beijos da Henriqueta e também m[ui]tos, com muitas saudades e abraços da tua Mãe, que tanto te quer.

Maria.

P.S. No agente das companhias francezas, indaga também as passagens para Bordeaux.



Correspondência entre José Lins do Rego e Alceu Amoroso Lima

Correspondence between José Lins do Rego and Alceu Amoroso Lima

Leandro Garcia Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
teorialeandro2@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7316-890X>

Resumo: Toda correspondência apresenta um exercício dialógico de recebimento e envio de documentos: cartas, bilhetes, telegramas, fotografias, recortes e também outras realidades, como amizade, carinho, compromisso e relações. As cartas trocadas entre o crítico literário Alceu Amoroso Lima (o Tristão de Athayde) e o escritor José Lins do Rego não são em grande quantidade, porém apresentam uma das principais funções da epistolografia: o debate de ideias e o fomento de um verdadeiro laboratório de criação, no qual o romancista apresenta importantes questões críticas da sua produção literária, suas motivações e o impacto da mesma em sua vida pessoal e na vida literária brasileira como um todo, especialmente no nosso modernismo.

Palavras-chave: Alceu Amoroso Lima; José Lins do Rego; modernismo; Nordeste; crítica literária.

Abstract: All correspondence presents a dialogical exercise of receiving and sending documents: letters, tickets, telegrams, photographs, clippings and other realities, such as friendship, affection, commitment and relationships. The letters exchanged between the literary critic Alceu

Amoroso Lima (Tristão de Athayde) and the writer José Lins do Rego are not in great quantity, but they present one of the main functions of epistolography: the debate of ideas and the fostering of a true laboratory of creation, in which the novelist presents important critical issues of his literary production, its motivations and impact on his personal life and on Brazilian literary life as a whole, especially in our modernism.

Keywords: Alceu Amoroso Lima; José Lins do Rego; modernism; Northeast; literary criticism.

Há algumas décadas os estudos literários brasileiros têm tentado, nas mais diferentes perspectivas, consolidar a área dos estudos epistolográficos. Crítica textual, crítica genética, transcrição, arquivologia, história, (auto)biografismo são alguns dos saberes que se entrecruzam na investigação acerca de cartas e correspondências entre escritores.

Podemos dizer que cada correspondência possui um objetivo e uma natureza constitutiva, foi pensada e trocada com/para uma finalidade, quis ocupar um determinado espaço, cabendo ao pesquisador e, de forma particular, ao organizador de um epistolário, perceber e decifrar os meandros da troca missivista. Assim, amizades, intercâmbios, debates, criação etc. são alguns dos vários assuntos trocados entre remetente e destinatário, formando um sintomático vai e vem de documentos que, organizados e criticados sistematicamente, contribuem para uma maior compreensão da obra, do seu autor, do momento literário aquando da escrita e da própria literatura como um todo.

Neste sentido, a pequena e rápida correspondência trocada entre Alceu Amoroso Lima e José Lins do Rego é deveras interessante, pois – particularmente a carta escrita por Lins do Rego em 4 de fevereiro de 1935 – fornece um interessante ponto de vista crítico do escritor paraibano, que se desnuda e apresenta importantes detalhes do seu processo criativo. Infelizmente, José Lins do Rego não era muito afeito à escrita epistolar, não mantinha uma correspondência com o compromisso que este gênero requer, salvo em pouquíssimas exceções¹.

Contrariamente, Alceu Amoroso Lima gostava de mandar e de receber cartas, que o diga o seu arquivo pessoal, atualmente salvaguardado

¹ A julgar pelo seu volume de correspondência enviada, a maior parcela epistolar de José Lins do Rego foi aquela enviada a Jorge de Lima, num total de 41 cartas.

no Centro Alceu Amoroso para a Liberdade (CAALL), em Petrópolis (RJ), que possui 32.450 cartas da sua parcela passiva!² Na verdade, Alceu levava a sério a sua epistolografia, considerando esta como parte indissociável da sua obra, uma prática ensaística necessária para melhor compreender o seu pensamento e o seu mister de crítico literário. Pode-se afirmar que Alceu mantinha uma verdadeira “liturgia epistolar”, a qual era parte indelével do seu dia a dia e da sua rotina pessoal: levantava muito cedo, iniciava a escrita de cartas, às 7h da manhã sempre se dirigia a uma igreja para assistir sua missa, retornava à casa e mais uma vez às cartas, seguindo até perto do meio dia. Respondia uma média de dez cartas diariamente, alcançando os mais diferentes destinatários e discutindo os mais díspares assuntos³.

Aqui, neste ensaio, opto por trazer a correspondência integral entre o crítico e o romancista, no sentido de manter o conjunto textual e nos possibilitar uma noção ampla do que conversaram através das suas cartas.

Do ponto de vista metodológico, as notas explicativas de rodapé foram escritas no sentido de enriquecer a compreensão geral desses documentos; bem como as notas descritivas, no início de cada missiva, as quais objetivam a fornecer noções técnicas em relação ao documento original e suas particularidades físicas e constitutivas. Também utilizei as fórmulas “JLR” (para José Lins do Rego) e “AAL” (para Alceu Amoroso Lima), no sentido de proporcionar uma rápida identificação, por parte do leitor, sobre quem se lê e a quem pertence o respectivo documento.

Outro aspecto a ser informado diz respeito a algumas palavras e/ou expressões sublinhadas nos textos das cartas: são todos dos respectivos missivistas. Optei em manter o sublinhado original por respeito ao documento e também pois este recurso visava, em geral, fortalecer e destacar um determinado ponto de vista do remetente, o qual era ressaltado com tal recurso.

E vamos às cartas...

² Deste imenso conjunto de cartas, organizei (de forma recíproca) e publiquei as suas correspondências com Mário de Andrade, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Frei Betto, Leonardo Boff e Paulo Francis. Sua correspondência com Murilo Mendes, também por mim organizada, encontra-se no prelo para publicação.

³ Tal liturgia me foi confirmada pelos seus familiares em diferentes entrevistas e conversas informais.

[JLR – AAL]⁴

Meu caro Tristão de Athayde

Um forte abraço.

Mando-lhe umas notas que escrevi aqui abrindo uma série de crônicas sobre livros dos outros. Por que me obrigou a comprar a sua *Política*?⁵ Pelo que vejo, estou esquecido do meu grande amigo.

Sei que você entrou outra vez na literatura. Qual a sua opinião sobre o *Menino de Engenho*?⁶ Olívio Montenegro⁷ escreveu sobre ele um admirável artigo⁸. Escrevi-o como se estivesse com a fé de um padre. Oscar Mendes⁹ em Minas e o Padre Negromonte¹⁰

⁴ Carta manuscrita em tinta preta, 1 folha branca, frente e verso, papel seda, 15 cm X 22 cm, sem data, porém a considero de 1932, quando *Menino de Engenho* foi publicado. Estado de conservação: bom. Assinatura: “José Lins do Rego”.

⁵ *Política* foi publicado em 1932, pela Livraria Católica, do Rio de Janeiro.

⁶ *Menino de Engenho* foi publicado em 1932, pela Andersen Editores.

⁷ Olívio Montenegro (1896 – 1962) foi professor, crítico literário, jornalista e advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife. Teve uma brilhante carreira no magistério, lecionando na Escola Normal de Pernambuco e no Ginásio Pernambucano, do qual também foi diretor por vários anos. Colaborou muito com o Centro Dom Vital do Rio, publicando regularmente na revista *A Ordem*, sob a direção de Alceu Amoroso Lima. Amigo pessoal de José Lins do Rego e de Jorge de Lima, acompanhou com interesse a produção literária desses escritores, refletindo criticamente sobre ambas as suas crônicas literárias.

⁸ Infelizmente, a pesquisa não identificou qual seria este artigo escrito por Olívio Montenegro. Nos respectivos acervos – Museu José Lins do Rego (João Pessoa, PB) e Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (Petrópolis, RJ) – não encontrei nenhuma cópia e/ou recorte deste artigo de Montenegro. Nem mesmo no arquivo do Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro, onde se encontra o acervo da revista *A Ordem*, encontrei qualquer menção a este texto.

⁹ Oscar Mendes (1902-1983). Foi ensaísta, crítico literário, jornalista, tradutor e professor muito atuante no magistério mineiro, amigo de Carlos Drummond de Andrade no grupo de intelectuais da Rua Bahia, em Belo Horizonte. Foi responsável pela coluna “A Alma dos Livros” nos jornais *O Diário* (do qual também foi seu redator-chefe) e no *Estado de Minas*. Publicou *A Alma dos Livros* (1932), *José de Alencar, os romances urbanos* (1965), *José de Alencar, os romances indianistas* (1968), *Poetas de Minas* (1970) dentre outros títulos.

¹⁰ O Pe. Álvaro Negromonte (1901 - 1964) nasceu no Engenho Gameleira (PE) e se formou pelo Seminário de Olinda. Suas primeiras funções foram como diretor do

me compreenderam. Vou continuá-lo com outro volume sobre a adolescência. Por que se dizer que escrevi um livro memorável quando tudo o que quis foi fixar a desgraça de uma infância amarga, à solta, sem Deus? Não posso ficar sem a sua opinião. Não sei, apesar de tudo, meu caro Tristão, se fiz mal em publicar o meu livro. Talvez que eu tenha excedido, mas fique certo que o escrevi como se me aliviasse de um peso no coração. É por isto que todos sentiram soltar um gosto de vida. Bem amarga, é verdade. Vou ver se consigo na segunda parte salvar aquele pobre menino da sua degradação.

Tem estado com o Jorge?¹¹ Depois que se cariocou o nosso Jorge, me trata de longe. A província é muito longe e as glórias da metrópole não são para se desprezar.

Admirador. Um abraço do

José Lins do Rego

[AAL – JLR]¹²

Rio, 22 de dezembro de 1933.

Meu caro José Lins do Rego

Recebi por ocasião do meu aniversário o seu bondoso telegrama de felicitações¹³.

E hoje venho, com um abraço afetuoso, trazer-lhe o meu agradecimento muito sincero.

Colégio Diocesano e Capelão do Colégio Santa Cristina, em Nazaré da Mata (PE). Em 1927, foi transferido para Minas Gerais e incorporado na Arquidiocese de Belo Horizonte, onde foi capelão do Hospital Carlos Chagas e professor de catequética no Seminário de Belo Horizonte. Também foi fundador e reitor do Instituto Católico de Cultura e vice-diretor arquidiocesano de ensino religioso. Em 1945, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se inseriu na intelectualidade do Centro Dom Vital, aproximando-se de Alceu Amoroso Lima e outros pensadores católicos. Exerceu importante papel na crítica literária de orientação católica.

¹¹ Trata-se de Jorge de Lima, grande amigo de ambos, que recentemente deixara Maceió com destino definitivo ao Rio de Janeiro.

¹² Carta datiloscrita em tinta preta, cópia, 1 folha branca, formato officio, 15 cm X 20 cm. Estado de conservação: bom. Sem assinatura, por ser cópia em carbono.

¹³ Percebe-se claramente um vácuo, uma imensa lacuna nesta pequena correspondência, pois no arquivo de Lins do Rego não localizei a resposta de Alceu à primeira carta daquele; bem como no arquivo de Alceu não encontrei este telegrama aqui referido.

Sincero e amigo

[Alceu Amoroso Lima]

[JLR – AAL]¹⁴

Em 4-2-1935

Meu caro Tristão de Athayde

Um grande abraço. Li agora mesmo o seu artigo sobre *Moleque*¹⁵ e fiquei ansioso para ler o romance de que tanto você falou. Terá você um exemplar que me passe às mãos? A referência que você fez a mim nas suas admiráveis notas não me pareceram justas. Posso até afirmar que não visei nos meus livros qualquer espécie de escândalo ou preocupação de fazer exposições espetaculosas. O que neles possa existir de pequeno decorre de mim e das contingências do meu temperamento marcado pelas paixões. Você há de ter notado que a humanidade que fixo não é uma humanidade de nível alto, mas com problemas de consciência a resolver, temas de uma civilização superior de certos romances franceses; mas a gente que só sabe sofrer e goza nas medidas de suas forças e fala na língua que Deus lhe deu. Escrever romances como os homens da *Bagaceira*¹⁶ só se consegue assim, embora se chegue até a grosseria. Fazer o contrário seria abeirar-se do ridículo¹⁷. Teria coisa mais de encontro à vida que um senhor

¹⁴ Carta manuscrita em tinta preta, 3 folhas brancas, papel seda, 18 cm X 24 cm. Estado de conservação: regular, pois há inúmeros borrões de tinta e palimpsestos que dificultaram sobremaneira a transcrição, daí o fato de várias palavras não terem sido transcritas. Assinatura: “José Lins do Rego”.

¹⁵ *O Moleque Ricardo*, de autoria de José Lins do Rego, foi publicado em 1935, pela Livraria José Olympio e considerado o romance mais político e socialmente de denúncia deste autor. A pesquisa não localizou este texto crítico de Alceu, pois, infelizmente, no acervo deste crítico não se encontra a totalidade dos seus artigos publicados na imprensa do seu tempo. Muito de sua produção crítica de rodapé foi posteriormente compilada em algumas publicações, mas não todos os textos, o que provocou uma complicada elipse em relação à sua produção crítico-jornalística.

¹⁶ Referência ao romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, publicado em 1928, pela Livraria Castilho e considerado o primeiro romance do ciclo nordestino (Romance de 30).

¹⁷ Neste momento, o regionalismo literário – especialmente aquele de vertente nordestina – estava em pleno vapor na literatura brasileira, fazendo surgir determinadas obras que

de engenho cogitando da salvação de sua alma? Eles cogitam mais de suas sofras. Eles são todos como estão nos meus livros. E contê-los nas suas expressões seria mutilá-los. Há de convir você que o meio ambiente dos meus livros é um engenho! E para que eu fosse verdadeiro para comigo mesmo eu teria que me servir da linguagem e dos imbróglis dos homens de lá. Fugir dali seria mentir, dar tons rasos aonde a cor é mesmo crua. Pode ser que eu me tenha excedido, fique certo, porém que não fiz para chamar a atenção, fiz para manter-me fiel à vida. É verdade que esta fidelidade conhece os seus limites e que a arte não é um instrumento passivo. Ir de encontro à vida em um romance é o que não é possível. Se você algum dia tiver a oportunidade de reler os meus livros, verificará que não houve nenhuma submissão às contingências do nada. Escrevo-os com impulsos, sem cálculos, sem plano estabelecido, sem interesse algum de gratidão. Não lhe estou gabando: os meus filhos estão [em] apuros lhe dizendo que os seus defeitos e as suas feiúras são [...]¹⁸ defeitos do pai. O interessante, meu caro Tristão, é que os mais exaltados leitores que tenho são fortemente a gente sem [...]¹⁹, o povo que vive nos engenhos. Você não pode calcular a satisfação que eu sinto ao ouvir desta gente confissões desta natureza: “o que está escrito no seu livro é mesmo de verdade”. Eles não se escandalizaram, não se sentiram em choque com os meus palavões porque tudo isto é o seu natural. Eles não acham obsceno. Lawrence defendendo

hoje estão entre os nossos clássicos. Ao contrário de alguns críticos daquele momento, Alceu Amoroso Lima foi um entusiasta do regionalismo, vendo neste um importante vetor de mudança e transformação da nossa literatura, como se pode perceber na sua crônica “Regionalismo”, publicada em 27/12/1925, n’*O Jornal*, na qual afirmou: “O regionalismo é a predominância da terra sobre o homem; da nação sobre o continente; da aldeia sobre a nação. É a pequena pátria raiz da grande pátria. É o contato do escritor com o solo. A literatura moderna é cada vez mais uma literatura de capitais. E por isso mesmo confundindo, muitas vezes, humanismo e cosmopolitismo; sacrificando o seu caráter nativo a uma prematura ou artificial ilusão de universalidade. E isso talvez por uma estreita visão de regionalismo, tomado muitas vezes como simples pitoresco de linguagem e de costumes. Quando o verdadeiro regionalismo não precisa sacrificar o humano, pelo fato de considerá-lo em função de suas raízes no solo natal”. (Lima, 1966, p. 1.039).

¹⁸ Não foi possível compreender duas palavras, neste trecho.

¹⁹ Neste trecho, uma palavra não foi identificada.

o *Lady Chatterley*²⁰, num ensaio que é uma calorosa apologia da Igreja Católica, dizia: “[...]”²¹être capable d’employer les mots dits obscènes, parce que ceux-ci font intrigante de la conscience que l’esprit prend des corps”²².

Não sei se o francês está certo, mas o pensamento é este mesmo. Tenho a convicção de que não fui obsceno. Escrevi a vida de homens simples, os seus apanhos, as suas lutas, os seus desesperos. Tenho que me submeter à realidade falando de homens de carne e de osso e utilizei de sua língua, das suas maneiras, dos seus ódios e alegrias. Eu não poderia podar as errâncias e encobrir as fraquezas do meu povo. Criei-me na bagaceira do orgulho e nos meus livros me identifiquei bem, até a autobiografia com os meus [...]”²³. Posso ter feito livros inferiores, mas estou certo que não menti, não exagerei nada para cortejar simpatias safadas. Se eles revoltam, é porque a vida que se leva por aqui só pode conduzir à revolta, ao desespero. Não me serviria de um material tão ligado a mim mesmo para um disparate literário. Desta miséria eu tenho a consciência liberta. E esta justiça você me faça.

Adeus, meu caro Tristão, e me perdoe esta estirada tão longa. É que tenho você em conta de um dos grandes do Brasil.

Adeus,

José Lins do Rego

José Lins do Rego
Avenida da Paz, 1228
Maceió

²⁰ Trata-se de *O amante de Lady Chatterley*, de autoria de David Herbert Lawrence, publicado em 1928. Este romance causou um imenso escândalo por conta de suas passagens de sexo explícito e alta pornografia, tendo chocado a sociedade inglesa da época.

²¹ Não foi possível identificar este vocábulo.

²² Pelo próprio comentário de José Lins, parece que há erros neste trecho. Entretanto, faço uma tradução aproximada aos termos apresentados nesta sua citação: “Ser capaz de empregar as palavras ditas obscenas, pois essas tornam intrigante a consciência de que o espírito se prende ao corpo”.

²³ No documento original há um rasgo, nesta localização, que me impediu fazer a devida transcrição.

[JLR – AAL]²⁴

9 de fevereiro de 1942

Meu caro Tristão:
Um grande abraço.

Não pode você saber o quanto me agradou o seu telegrama. Muito obrigado. Sempre o tive como um dos grandes do nosso Brasil e a sua opinião sobre a minha obra literária me encheu de uns mimos e alegrias.

Do seu amigo

José Lins do Rego

[AAL – JLR]²⁵

30 de junho de 1952

Meu caro José Lins:

Esta é uma revista que acabamos de aqui lançar, em quatro idiomas, para levar a umas e outras nações alguma coisa do que do que se passa nelas de mais representativo em matéria cultural²⁶. É uma tentativa de vencer as barreiras do desconhecimento literário

²⁴ Carta manuscrita em tinta preta, 1 folha branca, formato ofício, 15 cm X 22 cm. Estado de conservação: bom. Assinatura: “José Lins do Rego”.

²⁵ Carta datiloscrita em tinta preta, 1 folha branca, formato ofício, 15 cm X 22 cm. Estado de conservação: ótimo. Timbre: “ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS/Secretaria Geral / União Pan-americana / Washington D.C / EUA”. Assinatura: “Alceu Amoroso Lima”.

²⁶ Trata-se da revista *Panorama*, criada por Alceu Amoroso Lima, em 1951, quando ele chefiava o Departamento Cultural da União Pan-Americana, futuro embrião da UNESCO, entre 1950-1952. Em seu livro *Memórias Improvisadas*, o crítico fornece algumas informações acerca deste periódico: “Uma de minhas pequenas realizações fora precisamente o de várias peregrinações pelas numerosas universidades onde havia departamento de estudos latino-americanos. Propusemos mesmo um plano geral de cultura interamericana que publiquei como um dos meus ensaios, editados pela *Agir*. Lançamos também uma revista cultural interamericana a que demos o nome de *Panorama*, não só por exprimir nossa intenção de dar uma visão global da cultura continental, mas ainda por ser a mesma palavra nas quatro línguas da publicação, português, espanhol, inglês e francês. Os artigos eram selecionados de diferentes revistas continentais e publicados na sua língua original e precedidos de uma pequena bibliografia do autor”. (Lima, 1973, p. 315-316)

que nos separam aqui na América. Vale a pena continuar? É o que lhe pergunta de público, e o confirma em particular, o seu velho amigo e admirador

Alceu Amoroso Lima

Muito se pode especular criticamente acerca deste conjunto missivista ora apresentado. Tais cartas apresentam os ingredientes próprios da epistolografia: revelações pessoais, intenções críticas da criação literária, discordância do autor em relação à exegese feita pelo crítico literário, defesa da própria obra e de sua configuração original e a boa e velha amizade entre remetente e destinatário, que ajuda a manter o compromisso do intercâmbio epistolar.

Sabe-se que foi Jorge de Lima quem “apresentou” Zé Lins e Alceu, já que o autor da *Nega Fulô* forneceu o endereço do crítico carioca ao amigo paraibano. Alceu Amoroso Lima iniciou sua vida de crítico literário publicando o livro *Affonso Arinos*, em 1919, para logo ser convidado a integrar a equipe de *O Jornal*, no qual ele assinou a coluna “Vida Literária”, a mesma que Mário de Andrade se sentia obrigado a ler, todos os domingos, nas tardes da sua pauliceia. Aliás, o autor de *Macunaíma* dizia que “ler a coluna do Tristão é uma obrigação”, ainda que fosse para discordar, para falar mal, para se informar ou mesmo para se acompanhar a produção da moderna literatura brasileira²⁷.

Certamente, eis uma das razões para se compreender a aproximação entre José Lins do Rego e Tristão de Athayde: ser lido pelo grande crítico literário da época, ter a sorte de ser analisado por ele num dos seus inúmeros textos publicados na imprensa, deixar um pouco o ambiente da província e aparecer na mídia impressa da então capital do Brasil, uma forma eficiente

²⁷ Sabe-se que Mário de Andrade acompanhou e se interessou pelas mais diferentes manifestações da nossa modernidade artística. A julgar pelo seu arquivo epistolar e, principalmente, pela sua biblioteca, Mário desenvolveu uma verdadeira cartografia modernista brasileira, já que recebeu cartas e livros dos mais diferentes escritores advindos dos mais diferentes locais do Brasil. Neste sentido, sua correspondência recíproca foi rica e buscou refletir lançamentos e autores daquele momento, buscando compreender a contribuição de cada um àquele momento literário, isso sem dizer no seu intenso trabalho crítico de divulgação de determinadas obras. Assim, o arquivo e a biblioteca de Mário de Andrade são complementares e sintomáticos para analisarmos o processo de recepção do polígrafo paulista à literatura então produzida, inclusive, da própria crítica literária, o caso de Alceu Amoroso Lima.

de “surgir” no cenário literário modernista. Tal movimento de aproximação de escritores ao crítico literário foi uma constante, com maior intensidade nas décadas de 20 e 30, período de afirmação do nosso modernismo, o que possibilitou a Alceu Amoroso Lima ter uma visão nacional de nossa literatura, seus altos e baixos, avanços e retrocessos, tradição e vanguarda se opondo ou até mesmo caminhando juntas, em alguns casos.

Mas trago Jorge de Lima e sua correspondência com Alceu, na qual José Lins do Rego aparece frequentemente e, às vezes, forma uma espécie de triângulo epistolar. Retiro alguns fragmentos:

“A imprensa daqui publicou alguma coisa a respeito de sua grande revista. Estive folheando o número do José Lins do Rêgo. Li também no *O Jornal* umas notas do Agripino”. (em 26/4/1929)

“Desejo receber notícias de você, meu amigo. José Lins do Rêgo seguiu para aí à semana passada levando os documentos sobre Proust de que falamos”. (em 22/8/1929)

Da parcela de Alceu a Jorge de Lima, Zé Lins é sempre citado, como nessas passagens:

“Fiz excelente amizade com o José Lins. Deixou-me a melhor das impressões, como talento, caráter, temperamento. Gostei muito dele. Se você lhe falar, lembre-lhe o artigo que me prometeu para a *Ordem* de dezembro”. (em 23/10/1929)

“E o José Lins? Nunca mais tive notícias dele e do seu prometido artigo sobre Lênin”. (em 18/12/1929)

“E o José Lins? Nunca me mandou umasó das linhas prometidas. Faça-lhe um bom sermão, para que apareça em nossas colunas”. (em 27/3/1930)

Ora, temos aqui as sempre lembradas redes de sociabilidade epistolar, algo tão comum na epistolografia e que sempre gerou bons frutos de relações, amizades, parcerias, desenvolvimento de projetos em comum, estreitamento de contatos, amenização das distâncias geográficas e a circulação da literatura.

Numa outra direção, quando José Lins escreve, na sua primeira carta “Não posso ficar sem a sua opinião. Não sei, apesar de tudo, meu caro

Tristão, se fiz mal em publicar o meu livro”, temos claramente a dimensão entre discípulo e mestre, outra dinâmica própria das trocas missivistas. Muito já se falou sobre essa complexa relação, e os exemplos recaem muito sobre Mário de Andrade, que foi mestre de uma série de novos escritores, com especial destaque a Pedro Nava, a Carlos Drummond de Andrade (que foi profundamente admoestado por Mário via cartas) e Fernando Sabino, que até teve o nome literário mudado de “Fernando Tavares Sabino” para “Fernando Sabino” por orientação expressa do autor de *Macunaíma*. Comentando a respeito dessa dimensão nem sempre harmoniosa entre remetente e destinatário, afirma Laura Taddei Brandini:

Isso pode parecer óbvio e antiquado, não há como não pensar em Flaubert, no século XIX, escrevendo, trabalhando e retrabalhando seu estilo como um artesão incansável. Mas, para um jovem que se inicia no metiê, não há lição mais preciosa do que a de ver o mestre trabalhando, pois nesse processo apreende-se mais do que uma técnica: é todo um ethos que é transmitido no cuidado com o registro das ideias, na atenção dada à escrita do texto, passado a limpo várias vezes à mão, depois à máquina de datilografia, até chegar ao estado definitivo. (Brandini, 2015, p. 14)

Em termos de idade, a diferença entre Alceu e José Lins não é tão grande, já que aquele nasceu em 1893 e este, em 1901. Todavia, a imensa diferença entre ambos é espiritual, é de formação e, de forma muito particular, o papel e o lugar ocupado por cada um aquando da troca missivista. No papel de exegeta literário respeitado, Alceu Amoroso Lima era visado e manter correspondência com ele era o desejo de muitos autores²⁸. Esses e outros fatores levavam os literatos iniciantes a se aproximarem dele, acatando os seus conselhos e até discordando das suas análises críticas, porém nunca as ignorando.

Como ilustração e já abrindo um sintomático parêntese, chamo ao debate um outro importante paraibano – José Américo de Almeida – autor do célebre romance *A Bagaceira*, considerado o primeiro romance regionalista do nosso modernismo. Movido pelo desejo de ser “lido e

²⁸ Havia mesmo uma espécie de “fê” na práxis crítica amorosiana, como se percebe na dedicatória que o poeta Raul de Leoni escreveu na folha de rosto do seu livro *Luz Mediterrânea*, enviado a Alceu em novembro de 1922: “a Tristão de Athayde, / a quem entrego este livro / com tranquila confiança / na lealdade da sua nobre / crítica construtiva.” (Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Biblioteca).

visto no sul do Brasil” (suas próprias palavras), escreve a Alceu Amoroso Lima para enviar-lhe um exemplar do seu novo livro. Eis a carta:

Tristão de Athayde:

Se nem mesmo a epopeia admirável de Euclides da Cunha pode ainda traduzir o “horror da realidade”, eu, bicho do mato, não alcançaria exprimi-lo. Mas senti-lo como ninguém.

No mais, invoco (em minha gíria forense) os doutos suplementos de sua crítica de adivinhão.

José Américo de Almeida

Paraíba do Norte, 1928²⁹.

Semanas após o recebimento e atenta leitura d’*A Bagaceira*, Alceu publicou, em 11/3/1928, em *O Jornal*, a crônica “Uma revelação”, na qual apresentava o lançamento de José Américo de Almeida. Tratou-se de uma análise deveras apaixonada feita pelo crítico, ocupando aproximadamente $\frac{3}{4}$ da página daquele periódico, fazendo inúmeras citações de fragmentos da obra, no sentido de corroborar as suas análises, deixando bem clara a sua admiração:

Pois esse livro é um romance da seca, e embora a considerando apenas em suas repercussões e não diretamente – talvez o grande romance do Nordeste pelo qual há tanto tempo eu esperava. Senão completo, ao menos intenso. [...] Nem apenas um romance social; nem apenas um romance de instintos, embora exagerando um pouco esta face em prejuízo daquela. Ambas as coisas, ao mesmo tempo, e ambas com tal originalidade, tal firmeza de traço, tal angústia de sentimentos profundos, bárbaros, primitivos, e ao mesmo tempo tal requinte de psicologia em recolher a cada passo gotas de verdade profunda, que acabei o livro sentindo que nascera realmente alguém para exprimir não apenas o horror do inexprimível daquela terra do Nordeste, mas um pouco de todo o homem brasileiro de hoje. E dizê-lo duramente, mas sem grosseria. Asperamente, mas sem brutalidade. Dizê-lo com o coração ferido e ao mesmo tempo com a alma apaixonada e uma inteligência extraordinariamente penetrante. [...] Há, portanto, nesse livro, a

²⁹ Esta pequena carta foi escrita na folha de rosto, em forma de dedicatória, do respectivo exemplar de *A Bagaceira* enviado a Alceu, que o leu e o refletiu criticamente em diversas crônicas publicadas na imprensa do seu tempo.

síntese em que eu vejo o que já pode haver de realmente nosso, de realmente novo em nossa arte literária: a inteligência e o instinto, a natureza bárbara da terra e dos homens do interior da terra, e a natureza civilizada, requintada do espírito que vai transformando essa terra, que se vai fundindo com ela e transfigurando-a para uma unidade futura. [...] (Lima, 1930, p. 138-140).

Não tardou a imprensa querer saber mais acerca do então autor desconhecido, que lançava um romance estranho e de uma realidade social e humana que não dialogava bem com o restante do país. Ou seja, quem era José Américo de Almeida? De onde vinha? Que tipo de literatura tão diferente produzia?

Tudo isso levou este romancista a escrever uma longa carta ao crítico, da qual retiro alguns parágrafos, na qual presta um verdadeiro tributo de agradecimento e de amizade em relação a Alceu Amoroso Lima:

Paraíba do Norte, 2 de abril de 1928³⁰

Meu generoso confrade e amigo:

Acabo de receber a sua carta que é mais um documento de estímulo para o obscuro escritor provinciano.

Eu escrevi o romance *A Bagaceira* do nordeste e para o nordeste. Certo de que somente as sensibilidades impregnadas das mesmas impressões imediatas poderiam compreendê-lo. E por aqui não houve quem não o sentisse, porque todos estavam acostumados a observá-lo na realidade de nossa vida dramática. Posso dizer que cheguei a criar a crítica indígena: não faltou homem de imprensa que não viesse dar o seu juízo comprobatório.

Mas sempre me pareceu que no sul o ambiente físico e a paisagem social da tragédia seriam considerados falsos. É tudo tão diverso por aí!

E eu tinha medo também da incompreensão cultural: seria recusada minha arte bárbara que reage em fórmulas novas contra o academicismo pé de boi...

Mas – digo-lhe com a maior sinceridade – sempre confiei no seu extraordinário discernimento crítico e, principalmente, na orientação da sua inteligência brasileira que não se desvirtua e, antes, se define com mais vigor pelo grande conhecimento comparativo das literaturas estrangeiras.

³⁰ Carta manuscrita em tinta preta, 5 folhas brancas, formato ofício, 15 cm X 22 cm. Estado de conservação: bom. Assinatura: “José Américo”.

Crítica de adivinhão – foi o que lhe disse na dedicatória, porque vinha surpreendendo em seus estudos essa agudíssima penetração de quem sente toda a obra antes de compreendê-la. Crítica de adivinhão – repito agora, depois que me virou a alma pelo avesso. Basta-me, pois, ter sido revelado pelo mais prestigioso dos paraninfos. É tamanha [a] sua autoridade, que de toda parte me chegam pedidos do romance, de literatos, de pessoas desconhecidas e de livrarias. [...]

Retorno a José Lins do Rego...

Deste epistolário, considero mais importante a carta que Zé Lins enviou a Alceu no dia 4/2/1935, a qual pode ser inserida na noção sempre defendida de um “laboratório de ideias”, isto é, trata-se de uma carta ensaística, na qual o remetente expõe suas motivações e etapas do seu processo de criação do romance *O moleque Ricardo*. Interessante que Zé Lins tem uma postura diferente de outros jovens autores em relação a Alceu Amoroso Lima: é mais altivo, discorda claramente das interpretações do crítico e afirma que seus livros “Escrevo-os com impulsos, sem cálculos, sem plano estabelecido, sem interesse algum de gratidão”.

Fica claro também o imenso espaço entre a crítica praticada no sudeste e o ambiente nordestino: ambos são antagônicos; e o autor de *Banguê* tenta explicar ao crítico o que era o sertão e suas dinâmicas, seu universo próprio e as leis e movimentos que o (des)organizavam. Assim, a troca missivista serve para elucidar e iluminar o trabalho do exegeta literário, abrindo-lhe possibilidades de interpretação, explicando termos e o vocabulário local e suas idiossincrasias. O mais importante: a correspondência também se vê numa perspectiva de investigação antropológica, na qual José Lins do Rego (assim como José Américo de Almeida também o fez) esclarece acerca das particularidades humanas do sertão e, principalmente, do sertanejo, este tipo brasileiro então muito desconhecido de boa parcela dos outros brasileiros.

Mas a correspondência entre Alceu e Zé Lins também serviu para pôr em prática alguns projetos culturais em comum, organizados através de uma verdadeira rede de sociabilidade que a epistolografia sempre ajudou a fomentar. Peguemos a carta enviada por Alceu, em 30/6/1952, em sua passagem pelos EUA, na qual lança a proposta de intercâmbio a Zé Lins: “Esta é uma revista que acabamos de aqui lançar, em quatro

idiomas, para levar a umas e outras nações alguma coisa do que do que se passa nelas de mais representativo em matéria cultural”.

Ou seja, a correspondência atravessa fronteiras e integra planos comuns de internacionalização da literatura brasileira, abrindo espaço para a divulgação dos nossos escritores e sua produção em outros idiomas e culturas, alcançando sonhos e objetivos comuns a remetente e a destinatário.

Conclusão

Acredito firmemente que não exista carta sem importância, afirmo isto pois muitos críticos costumam privilegiar as cartas maiores, densas, complexas e caudalosas, criando uma espécie de hierarquia epistolar de maior ou menor importância. Todas as missivas são importantes pois todas têm uma mensagem e foram escritas com uma intencionalidade, buscando alcançar algum tipo de objetivo caro ao seu remetente, tentando atingir o destinatário de alguma forma. Por isso, por menor que seja um epistolário, ele é necessário e deve ser levado em consideração, pois apenas o caráter dialógico da troca epistolar já é, em si próprio, um ato relevante.

Desta forma, as cartas trocadas entre José Lins do Rego e Alceu Amoroso Lima, aqui apresentadas em conjunto encontrado nos respectivos arquivos, ajudam a compreender um pouco mais a literatura brasileira, particularmente aquela parcela conhecida como o Romance de 30, com as todas as suas vicissitudes e particularidades. Tal fato se comprova, especialmente, por conta das importantes revelações críticas feitas por Zé Lins a Alceu, possibilitando-nos uma melhor compreensão das motivações criativas, dos porquês da sua criação literária.

Como Mário de Andrade muito bem advertiu Manuel Bandeira: “Carta de deveras carta é documento maior Manú, e matute bem nos que não conseguem escrever carta e muito menos sustentar uma correspondência”³¹. É isso: matutemos bem acerca do alcance e amplitude da troca missivista e de tudo que gira ao seu redor.

³¹ Carta de 7/4/1928.

Referências

- ARQUIVO JOSÉ LINS DO REGO. Fundação Espaço Cultural da Paraíba. João
- ARQUIVO TRISTÃO DE ATHAYDE. Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade. Petrópolis, RJ.
- ATHAYDE, T. de. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.
- BOPP, R. *Vida e morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.
- BRANDINI, L. T. “Roland e Antoine”. In: COMPAGNON, Antoine. *A era das cartas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- COMPAGNON, A. *A era das cartas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- COUTINHO, A. “Introdução Geral”. In: LIMA, J. de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1958.
- DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- FERREIRA, X. A. *Histórias de meu avô Tristão – a biografia de Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Azulsol Editora, 2015.
- GUIMARÃES, J. C. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Coleção Papéis Avulsos 47. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- HEMEROTECA NACIONAL. Biblioteca Nacional. [disponível on-line]
- ÍNDICE DA REVISTA A ORDEM (1921-1980). Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1987.
- KAUFMANN, V. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Éditions de Minuit, 1990.
- LIMA, A. A. *A vida sobrenatural e o mundo moderno*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.

- LIMA, A. A. *Cartas do Pai – De Alceu Amoroso Lima para sua filha Madre Teresa*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2006.
- LIMA, A. A. *Companheiros de Viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- LIMA, A. A. *Estudos – 3ª. série*. Rio de Janeiro: Edição de A Ordem, 1930.
- LIMA, A. A. *Estudos Literários [Obra completa]*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966.
- LIMA, A. A. *Memorando dos 90*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- LIMA, A. A. *Memórias Improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LIMA, A. A. *Notas para a história do Centro Dom Vital*. [Introdução e Organização de RiolandoAzzi]. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2001.
- LIMA, A. A. *O Crítico Literário*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1945.
- LIMA, A. A. *Obra Completa – Volume I*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- MORAES, M. A. de. *Orgulho de Jamais Aconselhar – A Epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.
- REGO, J. L. do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- REGO, J. L. do. *O moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.
- ROCHA, T. *Modernismo & Regionalismo*. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1964.
- RODRIGUES, L. G. (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: EDUSP/PUC-Rio, 2018.
- RODRIGUES, L. G. (org.). *Drummond & Alceu – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- RODRIGUES, L. G. *Alceu Amoroso Lima – Cultura, Religião e Vida Literária*. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANT'ANA, M. M. de. *Documentário do Modernismo*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1978.

SANT'ANA, M. M. de. *Jorge de Lima entre o real e o imaginário*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

SCHWARTZMAN, S. et alii. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP/Paz e Terra, 1984.

TELES, G. M. *A escrituração da escrita*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Data de submissão: 17/10/2023.

Data de aprovação: 18/10/2023.



Cartas entre escritores e suas relações com o Estado Novo brasileiro e o português: Cecília Meireles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre e José Osório de Oliveira

Letters between writers and their relations with the Brazilian and Portuguese Estado Novo: Cecília Meireles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre and José Osório de Oliveira

Luís Antônio Contatori Romano

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá, Pará/Brasil

contatori_romano@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-2646-5909>

Resumo: O objetivo deste estudo é compreender as relações entre autores brasileiros e intelectuais que dirigiram órgãos ligados à cultura nos regimes de Vargas e de Salazar. O método empregado é o estudo analítico de cartas entre os autores e de textos que os mencionam ou por eles escritos, publicados em revistas do DIP e do SPN. Concluiu-se que no Brasil e em Portugal os órgãos institucionais de cultura criaram políticas de mecenato com o objetivo de atrair intelectuais. Além disso, a *Atlântico: revista luso-brasileira* e outras iniciativas conjuntas do DIP e do SPN possibilitaram aproximações entre intelectuais do mundo lusófono.

Palavras-chave: cartas; Cecília Meireles; Mário de Andrade; Manuel Bandeira; Gilberto Freyre; José Osório de Oliveira.

Abstract: The aim of this study is to understand the relations between Brazilian authors and intellectuals who managed organs linked to culture in the Vargas and Salazar regimes. The method employed is the analytical study of letters between the authors and of texts that mention or were written by them, published in DIP and SPN magazines. It was concluded

that in Brazil and in Portugal the institutional organs of culture created patronage policies in order to attract intellectuals. In addition, *Atlântico: revista luso-brasileira* and other joint initiatives of the DIP and SPN brought together intellectuals from the Lusophone world.

Keywords: letters; Cecília Meireles; Mário de Andrade; Manuel Bandeira; Gilberto Freyre; José Osório de Oliveira.

1 Introdução

O Estado Novo brasileiro (1937-1945) desenvolveu políticas de aproximação com escritores e artistas, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), chefiado, até 1942, por Lourival Fontes (1899-1967), do Ministério de Educação e Saúde, cujo ministro era Gustavo Capanema (1900-1985), e do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969). Esses órgãos estimularam a publicação de coleções literárias, guias de turismo, livros e revistas ensaísticos. O DIP criou a revista *Travel in Brazil*, publicada em inglês, sob editoria de Cecília Meireles (1901-1964), que teve oito números entre 1941 e 1942. Essa revista visava fomentar o turismo estadunidense no Brasil, sendo instrumento para a difusão internacional de uma imagem positiva das realizações do Estado Novo brasileiro e de Getúlio Vargas (1882-1954). Publicou textos de autores como Mário de Andrade (1893-1945), Manuel Bandeira (1886-1968), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), José Lins do Rego (1901-1957), Rachel de Queiroz (1910-2003), Paulo Rónai (1907-1992), Tasso da Silveira (1895-1968), Basílio de Magalhães (1874-1957), Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981), Menotti Del Picchia (1892-1988), além da própria Cecília Meireles.

Durante o Estado Novo brasileiro houve tentativas de aproximação, no campo da cultura, com o regime nacionalista homônimo em vigor em Portugal (1933-1974), sob a liderança de António Oliveira Salazar (1889-1970). O Estado Novo português também desenvolveu políticas de aproximação com escritores e artistas, sobretudo durante o período em que António Ferro (1895-1956) esteve à frente do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), desde sua criação em 1933 até 1950, quando, a partir de 1945, já passara a se chamar Secretariado Nacional de

Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI). O SPN publicava revista semelhante à *Travel in Brazil*, intitulada *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, com edições de 1941 a 1973.

Quando viajou pela segunda vez ao Brasil¹, em 1941, António Ferro assinou, com Lourival Fontes, o Acordo Cultural Luso-Brasileiro, que previa a criação de uma revista conjunta, a *Atlântico: revista luso-brasileira*. Essa revista foi editada entre 1942 e 1950 e teve como secretário de redação José Osório de Oliveira (1900-1964), autor de ensaios sobre literatura brasileira, tendo residido em São Paulo entre 1911 e 1914 (Souza, 2015, p. 104).

O Acordo Cultural previa a criação de uma seção brasileira no SPN e de uma seção portuguesa no DIP. Esta realizava “a distribuição de suplementos literários de autores portugueses para os principais jornais do país” (Vieira, 2019, p. 163). Já a seção brasileira no SPN distribuía para a imprensa portuguesa textos de escritores brasileiros. Além disso, informa Heloísa Paulo (2002, p. 287), promoveu “uma série de conferências sobre o Brasil”, com a participação de José Osório de Oliveira e de Augusto de Castro (1883-1971), este relata sua passagem pelo Brasil, sob o título “*Juventude e o esplendor do Brasil*, versando sobre a existência de uma ‘raça brasileira’ com base nos pressupostos da teoria da miscigenação, em moda nos meios intelectuais devido à influência das obras de Gilberto Freyre”. O texto dessa conferência foi publicado no segundo número da revista *Atlântico* (1942, nº 2). Em 1943, o SPN criou o programa *Meia-Hora Brasileira*, transmitido pela rádio Emissora Nacional, o que é noticiado na revista *Atlântico* (1943, nº 3). Segundo Paulo (2002, p. 287), esse programa tinha “produção musical de Gastão de Bettencourt e produção literária de José Osório de Oliveira”, “divulgava os grandes nomes da Literatura Brasileira e os eventos patrocinados pela Secção Brasileira do SPN, tais como exposições de pintura, palestras e conferências”.

¹ A primeira viagem de António Ferro ao Brasil ocorreu entre 1922 e 1923. Ferro estreou a peça teatral *Mar Alto* no Rio de Janeiro e percorreu cidades brasileiras com a conferência *A Idade do Jazz Band*. De acordo com Victorino (2018, p. 202-203), Ferro foi “saudado por Menotti Del Picchia, Graça Aranha (1868-1931), Guilherme de Almeida (1890-1969), Ronald de Carvalho (1893-1935), e ainda por José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade, que lhe dedicaram artigos entusiásticos”.

Neste estudo, serão comentadas cartas entre escritores brasileiros, escritas entre 1937 e 1945. Parte-se de três fontes bibliográficas: *Cecília e Mário*, organizada por Tatiana Longo Figueiredo (1996), em que há menções diretas à revista *Travel in Brazil*; *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organizada por Marcos Antonio de Moraes (2001) e *Cartas provincianas – correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, organizada por Silvana Moreli Dias (2017). A transcrição de fragmentos das cartas e os respectivos comentários são apresentados por ordem cronológica, indica-se o autor da carta antes da citação e a referência bibliográfica é feita pelo sobrenome do organizador da obra. Também será comentado texto de José Osório de Oliveira, publicado na *Atlântico* (1945, nº 6), em memória de Mário de Andrade.

Objetiva-se compreender como ocorria a relação dos escritores missivistas e de outros citados por eles, com órgãos institucionais do regime de Vargas ligados à cultura e com personalidades portuguesas vinculadas ao SPN, especialmente José Osório de Oliveira. As cartas revelam detalhes e nuances dessas relações que nem sempre poderiam ser expressas publicamente, dada a censura existente durante o Estado Novo. Revelam também os trabalhos que os escritores executavam por encomenda desses órgãos. Em alguns casos mostram o pagamento que recebiam pelo mecenato estatal, as opiniões políticas que tinham, seus pontos de vista sobre a guerra em curso, as relações pessoais com funcionários do regime, o controle da censura etc.

2 Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Gilberto Freyre

Em carta de 13 de novembro de 1937 endereçada a Mário de Andrade, Manuel Bandeira revela satisfação com o fato de o novo regime haver mantido distância dos integralistas, fazendo alusão ao discurso de Vargas três dias antes, quando houve o golpe do Estado Novo:

Como vamos de regime novo? Aqui o pasmo é grande. Mas o nojo do integralismo era tão grande, que houve um verdadeiro desafogo de ver que eles não levam vantagem da situação. E muita gente reconhece que há na nova constituição coisas boas e margem para um presidente governar bem. A boateira é grande. (Moraes, 2001, p. 641).

Em seguida, Bandeira faz referência ao ministro Gustavo Capanema, mencionando-o por “Capa”, para quem preparava uma antologia de poesia brasileira, mostrando-se ainda receoso pela possibilidade de perder o trabalho já realizado se o ministro fosse trocado. O modo íntimo como Bandeira trata o ministro mostra o bom trânsito que muitos intelectuais tinham no governo Vargas: “Acabei minha antologia dos parnasianos. Se o Capa não ficar, terei perdido os meus três meses de trabalho...” (Moraes, 2001, p. 641).

No contexto das preocupações de Bandeira sobre a manutenção dos trabalhos que lhe encomendava Capanema está o pretexto que Vargas encontrou para dar o golpe sobre a Constituição de 1934, que previa a realização de eleições presidenciais em 1938. Segundo Lira Neto (2014, p. 304-305), o escritor Plínio Salgado (1895-1975), líder integralista, teria apresentado o fantasioso Plano Cohen, que supunha estratégias de tomada do poder pelos comunistas, ao Coronel Olympio Mourão Filho (1900-1972). O chamado Plano Cohen foi alardeado como verdadeiro, sendo divulgado pela imprensa e em transmissão radiofônica. Outrossim, Plínio Salgado foi recebido no Palácio do Catete por Vargas, encontro mediado pelo Ministro da Justiça, Francisco Campos, que já preparava a Constituição do Estado Novo. Vargas teria dado a entender a Salgado que lhe ofereceria o Ministério da Educação, pretendido pela Ação Integralista Brasileira (AIB). Lira Neto (2014, p. 308-309) conta que no dia seguinte a esse encontro, 1º de novembro de 1937, cerca de vinte mil militantes integralistas desfilaram em frente ao Catete em apoio a Vargas. Em 10 de novembro de 1937, também em transmissão radiofônica, Vargas decreta o Estado Novo. No mesmo dia, promulgou a nova Constituição, fundada na centralização do poder no Executivo. Não houve menção à participação de Salgado ou da AIB no novo regime. Esse vácuo em que Vargas deixa os integralistas é que faz com que Bandeira se sinta “desafogado”. No entanto, guardava receios sobre a permanência de Capanema no ministério, com quem mantinha boas relações.

Capelato (2009, p. 121-122) sustenta que “Capanema tinha especial preocupação com o desenvolvimento da cultura” e que “personalidades de diferentes tendências gravitavam em torno do Ministério da Educação”. O ministro teria conseguido erigir “uma espécie de território livre infenso às salvaguardas ideológicas do regime”. Não exigia dos intelectuais que trabalhavam para o Ministério, entre os quais Carlos Drummond de Andrade, seu chefe de gabinete, “fidelidade ideológica”.

Em carta escrita a Gilberto Freyre, em 03 de maio de 1938, Bandeira volta a tratar da antologia parnasiana que continuava preparando a pedido do Ministério da Educação, já “desafogado” com a permanência de Capanema. Por fim, fala com intimidade de Rodrigo Melo Franco de Andrade, “o nosso Rodrigo”², diretor do SPHAN, criado em 30 de novembro de 1937, que contaria com ele (Bandeira) para o Conselho Consultivo do órgão (Dias, 2017, p. 111).

A relação de proximidade com Rodrigo M. F. de Andrade, tratado pelo primeiro nome, continua a ser referida por Bandeira em nova carta a Freyre, datada de 08 de agosto de 1938, ao comentar o *Guia de Ouro Preto*, que escreveu por encomenda do SPHAN, e as ilustrações feitas por Luís Jardim (1901-1987): “O que vai ficar uma beleza é o *Guia de Ouro Preto*, graças à colaboração do nosso Jardim, que fez ótimo trabalho [...]. Anteontem eu e o Rodrigo estivemos fazendo a paginação. Dentro de dois meses sairá.” (Dias, 2017, p. 114).

Em 23 de outubro de 1938, Bandeira volta a mencionar as boas relações entre intelectuais e Capanema, a quem o missivista teria acesso direto. Diz que recebeu a carta com as conferências de Freyre, destinadas à publicação pelo ministério: “Levei estas imediatamente ao Capanema, a quem li as suas recomendações. Ele pediu-me que lhe agradecesse em nome dele e fez-lhe uma porção de elogios.” (Dias, 2017, p. 115).

Em 1937, Freyre viajou à Europa em missão oficial junto ao Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, cabendo-lhe a tarefa de realizar conferências em universidades europeias. Como teve de retornar antes do previsto ao Brasil, suas conferências foram lidas pelo político integralista português Manuel Múrias nas universidades de Coimbra, Porto e Lisboa e pelo embaixador brasileiro na Universidade de Londres, conforme relata o próprio Freyre (2010, p. 17). Essas são as conferências que Bandeira entrega pessoalmente a Capanema, publicadas pelo Ministério da Educação e Saúde em 1938, sob o título de *Conferências na Europa*. Em 1940, ganham nova edição, com introdução do próprio Freyre e recebem o título de *O mundo que o português criou*.

² A relação de amizade entre Manuel Bandeira, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Mário de Andrade data de antes da instauração do Estado Novo e da criação do SPHAN, como pode ser constatada em cartas escritas por Mário a Bandeira na década de 1930, em que Rodrigo é referido pelo primeiro nome, publicadas no volume *Mário de Andrade Cartas a Manuel Bandeira*, organizado por Bandeira (1958).

Bandeira volta a comentar os temores em relação à instabilidade política, que parece, no entanto, supor resolvida após o golpe do Estado Novo. Comenta também sobre as encomendas que recebia do ministério e sobre o *Guia de Ouro Preto*:

De volta de São Lourenço e Petrópolis, vi-me de novo envolvido numa porção de trabalhos: revisão de provas da *Antologia de [Alphonsus de] Guimarães* (edição do Ministério) e – o *Guia de Ouro Preto*! Eu tinha vindo adiando o início desse guia, porque não sabia em que parariam as coisas na política. (Dias, 2017, p. 115).

Como as *Conferências*, o *Guia de Ouro Preto* teve sua primeira edição publicada em 1938, pelo SPHAN, com as ilustrações de Luís Jardim.

3 Cecília e Mário

A correspondência entre Cecília Meireles e Mário de Andrade traz revelações sobre a revista *Travel in Brazil*, tais como os limites dos temas abordados e das ilustrações, o pagamento pelos artigos e as relações entre escritores e membros do regime. Em carta de Cecília para Mário, de 7 de março de 1941, ela pede ao amigo um segundo artigo para a revista de turismo do DIP e o informa que estão pagando 200\$ (mil réis) por um texto de duas folhas. O primeiro artigo de Mário saiu no número inaugural da *Travel in Brazil*, em 1941, com o título “Música Brasileira”. Pede-lhe também que indique “algumas pessoas de S. Paulo capazes de colaborar de vez em quando” (Figueiredo, 1996, p. 293-294). Em 21 de março de 1941, Mário responde que está chegando de Brodowski “com um assunto-mãe na mão”. Tratava-se da visita que fez à capela que Portinari decorou na propriedade da família: “Com a voga Portinari nos States e a admirável força do trabalho que ele acaba de realizar, acredito que se poderá fazer uma página legível para o *Travel in Brazil*” (Figueiredo, 1996, p. 294-295). Esse artigo sai no nº 3 de 1941, da *Travel in Brazil*, com o título de “A Capela decorada por Portinari”. Na mesma carta, Mário se lembra de que Cecília lhe havia pedido artigos sobre música e folclore, aproveita para tecer comentário sobre a nação brasileira imaginada como embranquecida pelo regime:

Folclore com fotografias e sem o indispensável comparecimento dos nossos irmãos em S. Benedito, é quase impossível e provavelmente *Travel in Brazil* obedece a essa lei diplomática que

afirma não haver negros no Brasil com z. Si tiver algum tempinho me esclareça sobre os projetos arianizadores do DIP e o limite dos meus assuntos. (Figueiredo, 1996, p. 295).

Em 25 de março de 1941, Cecília responde a Mário sobre a presença na revista de fotos e assuntos relacionados a pessoas negras:

Quanto à turma de S. Benedito, foi um custo, mas consegui metê-la nas ilustrações de uma coisa minha sobre Carnaval p^a o 2^o n^o. O chefe gosta mesmo é das senhoras sedosas que posam no Casino. Em todo caso, creio que admite a turma como “folclore”. Ai! ajude-me nesta África! (Figueiredo, 1996, p. 295).

Cecília insiste no pedido de novos artigos para Mário: “Depois, quando V. quiser escrever uma coisinha, não é preciso que eu lhe peça mais: mande sempre. V. sabe como revista come artigo.” Justifica sua insistência referindo-se a determinados colaboradores que desejava evitar, que, supõe-se, estariam alinhados à “linha dura” do regime: “E eu não queria que houvesse invasão de colaboradores. V. me entende, não é?” (Figueiredo, 1996, p. 295). A elipse no discurso de Cecília também faz supor os temores em relação a perseguições políticas e à censura que, como se verá adiante, parecia interpor-se às correspondências enviadas por Mário a amigos portugueses.

Cecília acrescenta que Mário não precisa se preocupar com as ilustrações, pois há facilidade em obtê-las: “Recebemos agora uma coleção maravilhosa do norte: igreja, flora, costumes... Só de olhar, a gente tem vontade de dar corda na pena.” (Figueiredo, 1996, p. 295-296). Essas fotos eram fornecidas pela Divisão de Divulgação do DIP, que dispunha de trabalhos de fotógrafos como Manzon, Hess, Kahan, Lange, Preising, Stille, entre outros.

Em janeiro de 1942, Cecília Meireles volta a pedir artigos sobre música e insiste que “pagam 200\$”. Argumenta que houve um relaxamento nas restrições do DIP à presença de pessoas negras e pardas nas matérias: “já se pode falar de assuntos de todas as ‘cores’ – preto, branco, marrom, etc.” (Figueiredo, 1996, p. 296).

Em 18 de janeiro de 1942, Mário escreve: “estou hoje de uma burrice macha verdadeiramente integralista, me perdoe!” (Figueiredo, 1996, p. 296). Ironiza, assim, as milícias integralistas, que estavam na clandestinidade desde o ataque ao Palácio Guanabara, em 11 de maio de 1938, devido ao descontentamento por não participarem do governo

ditatorial de Vargas. Após a repressão às hostilidades, militantes da AIB foram encarcerados ou exilados, como Plínio Salgado, que passara a viver em Portugal. Embora houvesse discretos integralistas no regime, como Lourival Fontes.

Mário de Andrade, em 26 de janeiro de 1942, sugere a Cecília que poderá escrever um artigo sobre pinturas em tetos de igrejas de São Paulo: “Já estou imaginando num sobre tetos pintados das igrejas paulistas, há coisas ótimas e vou ver si consigo fotos boas com o SPHAN.” (Figueiredo, 1996, p. 298). Mário participou do projeto de criação do SPHAN e permaneceu ligado ao órgão, a convite de Rodrigo M. F. de Andrade.

Em 18 de agosto de 1942, Cecília escreve sobre providências que tomou no DIP em relação ao pagamento por um artigo que Mário reclamava como não recebido:

Logo que cheguei aqui, procurei saber o que havia com o seu pagamento, pois o seu último artigo já apareceu há bastante tempo. Disseram-me que você costumava receber o artigo da *Travel in Brazil* juntamente com outros pagamentos que lhe faziam... Não entendi bem, mas creio que se trata de outras colaborações. Não achei conveniente procurar saber mais. Si, porém, quando me mandar seu artigo ainda não tiver recebido, peço-lhe que me avise, pois não há razão para atrasos, e, si eles ocorrem, é coisa burocrática, de funcionário esquecido ou resfriado... (Figueiredo, 1996, p. 299).

Apesar do livre trânsito que Cecília Meireles demonstra ter no DIP, ela não se imiscui nos pagamentos feitos pelo órgão para Mário de Andrade. Conforme diz, era incomum que os pagamentos aos escritores atrasassem, haveria, portanto, uma preocupação do regime em manter sua política de mecenato.

Cecília acrescenta em *post scriptum*: “Tenha cuidado com o material humano que apareça em alguma foto: voltamos ao regime exclusivamente ariano.” (Figueiredo, 1996, p. 300). O alerta seria motivado pela mudança de condução do DIP, que passou de Lourival Fontes ao militar Coelho dos Reis, em agosto de 1942, em decorrência das acomodações que Vargas fez entre militares e civis, motivadas pela decisão de o Brasil declarar guerra aos países do Eixo.

4 Cecília, Mário e Osório de Oliveira

Em 19 de agosto de 1942, Cecília escreve sobre um “aviso” de pagamento que Mário não teria recebido. Em *post scriptum* acrescenta: “À noite: Falei ao Visconde de Carmaxide [*sic*], que ficou de providenciar sobre seu caso. Si, mesmo com a promessa do Visconde houver demora, escreva. Apelaremos para outras hierarquias!!...” (Figueiredo, 1996, p. 301). O Visconde de Carnaxide, membro da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro, era o responsável pela seção portuguesa no DIP, criada com o Acordo Cultural Luso-Brasileiro. Em 1942, como fruto do Acordo, surgia a revista binacional *Atlântico*, editada em Portugal. No primeiro número dessa revista, datado de Primavera de 1942, há um artigo de Mário de Andrade, intitulado “O Gênio e a Obra de Aleijadinho”. É possível que o “aviso” fosse um pagamento não recebido por esse artigo e não por outro publicado na revista do DIP.

A carta de Mário, de 01 de março de 1943, é reveladora do bom trânsito que os escritores tinham no DIP e na seção portuguesa desse órgão e de como era rígido o controle, pela censura, de cartas e de remessas postais do Brasil. Mas a fiscalização parecia não ter o mesmo rigor com as correspondências que Mário de Andrade recebia de Portugal. Mário relata a Cecília que precisa contatar José Osório de Oliveira e lhe enviar o livro *Poesias*, mas “não há meios de conseguir”. “No entanto já mandei o livro até na mala do Ministério das Relações Exteriores! E por outro lado recebo tudo dele, livros que publica, cartas queixosas, o diabo.” (Figueiredo, 1996, p. 304).

Mário pede a Cecília que contate, por ele, a seção portuguesa do DIP e sutilmente aborda o problema da censura sobre sua correspondência enviada a Portugal: “O que pretendo mandar a ele é um, não, são dois volumes e um opúsculo. E uma carta, que irá aberta, que você fará o favor de ler, pura perfumaria em que me comprometo a não falar mal de ninguém nem de política.” (Figueiredo, 1996, p. 304).

Em 05 de março de 1943, Cecília responde dizendo a Mário que o envio dos livros pode ser feito pelo Livros de Portugal:

Logo que recebi seu bilhete, pensei num caminho talvez melhor que o Dip: o de “Livros de Portugal” – onde há uma gente simpática e mais eficiente. Falei logo para lá, e facilitam a remessa dos seus livros junto com os da casa, talvez por um navio espanhol – está, neste momento, na Argentina. Disse-me o sr. Souza Pinto

– a quem ficaria bem V. agradecer – que, por V. e por mim faria isso. (Figueiredo, 1996, p. 305).

De acordo com Reimao (2018, p. 47-48), António Augusto de Souza-Pinto (1901-1987) era um editor português que esteve empenhado no estreitamento das relações culturais entre Brasil e Portugal. Livros de Portugal era uma editora, de propriedade de Souza-Pinto, com sede no Rio de Janeiro. Em 1944, ele fundou a editora portuguesa Livros do Brasil, que publicava autores brasileiros em Portugal. A Livros do Brasil foi adquirida pela Editora Porto, em janeiro de 2015.

5 Bandeira, Mário e a guerra

Na correspondência entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade, há uma carta, de 12 de janeiro de 1944, em que Bandeira revela seu incômodo com as acusações entre simpatizantes de diferentes posições políticas no contexto do alinhamento do Brasil com os Aliados, a partir de 1942:

O que irrita neste momento é que quando um sujeito da esquerda não simpatiza com outro diz que ele é fascista ou pelo menos indiferente ou torre de marfim, etc. O Zé Lins, por ex., cuja obra tem toda enorme alcance social, que vive escrevendo nos jornais contra nazifascismo, etc., é atacado pelo Genolino só porque gosta de assistir às partidas de futebol: é um inocente do Leblon. Ele, Genolino, pode perder nos cassinos os contos de réis mensais que ganha na imprensa e no rádio. Para ele jogar é ajudar a ganhar a guerra; agora, gostar de futebol é quinta-colunismo. (Moraes, 2001, p. 668).

Bandeira desabafa seu incômodo com os preconceitos e as contradições que considera haver no discurso de Genolino, para quem jogar nos cassinos era “ajudar a ganhar a guerra”, em alusão aos impostos pagos que contribuiriam para financiar a participação do Brasil no conflito. Não se daria conta da posição elitista que assume com essa justificativa falaciosa. E, ao associar o futebol ao “quinta-colunismo”, Genolino aludiria aos clubes que tinham dirigentes, jogadores e torcedores provenientes de países do Eixo, ou descendentes deles, que, por isso, poderiam agir contra os interesses nacionais no contexto da guerra. Essa suposta opinião de Genolino carregaria o preconceito de estender a todos

os apreciadores de futebol, estrangeiros ou nacionais (e regionalistas, como Lins do Rego), a potencialidade de serem nazifascistas.

Bandeira também alude ao poema de Carlos Drummond de Andrade, “Os inocentes do Leblon”³, publicado em 1930, no livro *Alguma poesia*, em que o eu-lírico trata de pessoas que ignoram os acontecimentos sociais. No contexto em que escreve Bandeira, refere-se à II Guerra Mundial e emprega a alusão ao poema de modo ambíguo: tal como aparece na carta, faria referência à visão que Genolino tem de Lins do Rego por este apreciar futebol; porém, na visão de Bandeira, o “inocente do Leblon” talvez seja o próprio Genolino, por, supostamente, desfrutar de prazeres elitistas que mascara com preocupações com o avanço do nazifascismo.

Tanto o romancista José Lins do Rego (1901-1957), como o jornalista e cronista Genolino Amado (1902-1989) têm artigos publicados nas revistas do DIP e do SPN. Nos textos de Lins do Rego é possível notar certa consonância a princípios ideológicos de ambas as ditaduras nacionalistas. Na *Travel in Brazil* (1942, nº 2), publica o artigo “Bahia”, em que idealiza a vida de pescadores e vendedores ambulantes, a cujas vidas associa alegria, religiosidade e “cordialidade”:

Vemos as pessoas, com toda a doçura natural da terra, vendendo no mercado, enchendo as ruas, escalando estradas montanhosas, cantando nos barcos pesqueiros, dançando nos encontros de Macumba (vudu), rezando nas igrejas, exemplificando para todo o Brasil, essa característica verdadeiramente baiana, “a cordialidade do brasileiro”. (*Travel in Brazil*, 1942, nº 2, p. 3-4).

Lins do Rego introduz uma noção distorcida do “homem cordial”, de que trata Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, para quem a cordialidade não é necessariamente uma característica positiva, pois derivaria das relações moldadas no meio patriarcal rural. Introduz também uma linha vulgarizada de Gilberto Freyre sobre certo adoçamento da vida dos escravizados. Tais distorções agradariam aos ideólogos mais à direita do regime de Vargas.

³ Genolino Amado publicará, em 1946, um livro de crônicas sobre o Rio de Janeiro com o título de *Os inocentes do Leblon*. Em uma das crônicas comenta o poema homônimo de Drummond (Roiphe, 2014, p. 164-165).

Na *Atlântico* (1942, nº 2), Lins do Rego publica “O Bom e o Mau Fialho”, em que discute a obra do escritor português Fialho de Almeida (1857-1911). Em consonância com a política do SPN de idealizar o mundo rural português, o escritor brasileiro exalta a obra escrita por Fialho depois que ele se muda para o campo:

No Fialho de *Ceifeiros*, o português rústico, de coração grande, a terra fecunda, o sol, as árvores, as flores aparecem na sua prosa como elementos que são mais da vida do que da composição. Amei este Fialho derramado, impregnado dos cheiros das resinas, do cheiro do feno, das oliveiras, dos vinhedos, do suor, do amor das mulheres e da fecundidade dos homens. (*Atlântico*, 1942, nº 2, p. 62-63).

A estratégia de Osório de Oliveira, na *Atlântico*, ao publicar artigo de reconhecido romancista regionalista brasileiro sobre Fialho de Almeida, seria reabilitar a obra do escritor ruralista português, do agrado do SPN, que havia caído no esquecimento.

Genolino Amado, coerente com a crítica que faz a Lins do Rego por gostar de um esporte popular, dedica-se a tema de suposta erudição no artigo “O Prestígio dos Vulgarizadores”, em que tece críticas aos livros de divulgação filosófica:

É precisamente nessa aparência educadora, nessa máscara de culturismo aplicada aos seus propósitos de mera recreação, que reside a fonte de tamanho sucesso. Diverte, encanta os espíritos sem exigências, satisfaz à ociosidade intelectual, dando, porém, a confortável impressão de que ensina, ilustra, cuida das grandes coisas do mundo.” (*Atlântico*, 1945, nº 6, p. 189).

As cartas trocadas entre Bandeira e Mário revelam opiniões divergentes em relação à guerra e abordam a atuação da censura no final do Estado Novo. Em 20 de janeiro de 1944, Mário de Andrade explica seu distanciamento dos Estados Unidos com uma crítica ao racismo:

Numa sátira de combate, que aliás não publico porque não convém, pois sou “Nações-unidas”, eu esculhambo os EE.UU. por causa da linha-de-cor. A ideia nasceu da irritação que me causaram as várias recusas (que fui obrigado a explicar) escusas dolorosas aos convites de ir visitar os *States*. Pois não vou numa terra que tem a lei do Linch. (Moraes, 2001, p. 670).

Em resposta de 31 de março de 1944, Bandeira reclama da injustiça de Mário ao estender a todo o país (“EE.UU.”) o problema do linchamento de pessoas negras (“lei do Linch”): “Lembre-se que eles não são só aquilo de que você troça com razão: são os homens que lincham os negros, mas são esses negros também e ainda muitos brancos que lutam no mesmo sentido que nós.” (Moraes, 2001, p. 674).

6 José Osório de Oliveira e a homenagem a Mário de Andrade

Após o falecimento de Mário de Andrade, em 25 de fevereiro de 1945, Osório de Oliveira pronuncia conferência durante o programa radiofônico *Meia-Hora Brasileira*, acompanhado de Natércia Freire (1919-2004), que lê cinco poemas de Mário. O texto dessa conferência, intitulada “Mário de Andrade”, é publicado na revista *Atlântico* (1945, nº 6). Osório de Oliveira relembra a primeira vez em que encontrou Mário, em São Paulo:

A sua casa da rua Lopes Chaves, em meio da cidade fechada de São Paulo, era, não só um centro de efervescência intelectual, mas um lar de humana simpatia, de janelas abertas para o Mundo. Data de 1923 o meu encontro com Mário de Andrade e a minha entrada nessa casa. A Semana de Arte Moderna, que desencadara no Brasil a revolução modernista, realizara-se um ano antes, mas persistia o ruído à sua volta, o escândalo dos passadistas e o ardor combativo dos novos. (*Atlântico*, 1945, nº 6, p. 198).

O filtro memorialístico de Osório de Oliveira coloca a casa de Mário como uma janela de cosmopolitismo numa cidade em crescimento, mas ainda provinciana. Em 1933, ele volta a visitar Mário e assim relembra esse segundo encontro:

Dez anos depois, quando voltei à casa da rua Lopes Chaves, espécie de amêndoa do fruto que era São Paulo para a minha saudade, tinha diminuído a fervescência artística e literária, pois que o Modernismo triunfara. [...] As estantes pejudadas de livros, os quadros nas paredes, as esculturas, o piano – tudo, nessa casa, falava de outras paixões mais duradouras: a literatura, as artes plásticas e a música. Era a casa de um homem de letras possuidor de uma cultura vastíssima, de um amador inteligente de todas as formas de arte, de um musicólogo tão conhecedor das obras

clássicas como do folclore do seu país. (*Atlântico*, 1945, nº 6, p. 198).

Osório de Oliveira aborda a solidão intelectual que a II Guerra Mundial provocou em Mário de Andrade:

Não creio que outro homem, no Mundo, tenha sofrido mais, intelectualmente, com esta guerra, porque nenhum amava mais todos os povos, todas as culturas e todos os indivíduos, sem exclusões de raça ou de nacionalidade (*Atlântico*, 1945, nº 6, p. 199).

Em cartas de 1943, Mário queixava-se a Cecília Meireles de que as correspondências que enviava não chegavam aos amigos portugueses. Cecília consegue que o editor Souza-Pinto despache os livros e a carta de Mário para Osório de Oliveira, que dela cita um trecho:

Estou desesperado. Recebi os livros de vocês, recebo cartas de Portugal, mas ninguém me responde, se queixam de mim, vejo que não recebem o que mando, fico numa angústia irritada, parece que falta parte de minha boca, do meu respiro, vocês. (*Atlântico*, 1945, nº 6, p. 200).

Conclui a conferência citando a longa carta que Mário promete escrever para depois da guerra:

Quando a guerra terminar, e forem de novo possíveis as conversas por sobre o Oceano, Mário de Andrade não comparecerá ao encontro marcado. Pela primeira vez, deixará de cumprir uma promessa. [...] Nunca mais será possível repetir-se o encanto das reuniões na casa da rua Lopes Chaves. São Paulo terá perdido, a meus olhos, se lá voltar, grande parte do seu poder de atracção – o seu foco de mais irradiante simpatia intelectual e humana. (*Atlântico*, 1945, nº 6, p. 200)

Osório de Oliveira relata que a notícia da morte de Mário chegou ao seu conhecimento quando o número da revista *Atlântico* já estava quase pronto. A inserção do texto da conferência e de um desenho da artista plástica portuguesa Inês Guerreiro⁴ (1915-1998), intitulado “Mário

⁴ De acordo com a *Newsletter*, nº 152, de 14 de setembro de 2019, da Fundação António Quadros, Inês Guerreiro foi amiga da poeta Fernanda de Castro, esposa de António Ferro, e a única discípula da artista plástica Sarah Affonso, esposa de Almada Negreiros.

de Andrade (Interpretação de um Retrato)” demonstram o prestígio e as boas relações de que desfrutava Mário de Andrade entre intelectuais portugueses. A promessa impossível do “encontro marcado sobre o Oceano” continuará a ressoar em números posteriores da *Atlântico*. Embora não esteja no recorte temporal deste estudo, vale aqui mencionar que o segundo número de 1946, da *Atlântico*, traz, nas páginas iniciais, a reprodução fotográfica do rosto de Mário de Andrade esculpido por Bruno Giorgi (1905-1993) e, na sequência, a transcrição de cartas trocadas entre Mário e Osório de Oliveira.

7 Considerações finais

As cartas aqui analisadas mostram que DIP, SPHAN e Ministério da Educação e Saúde procuravam atrair escritores com a oferta de trabalhos remunerados, muitas vezes bem remunerados, como se percebe na recorrência com que Cecília Meireles acena com os 200\$ que o DIP pagava por artigo para a *Travel in Brazil*. Esse mecenato estatal também operava sobre a publicação de livros autorais, por vezes sob encomenda, como os citados *Conferências na Europa*, de Freyre, e *Guia de Ouro Preto*, de Bandeira. As cartas mostram que havia, nesses órgãos do regime, intelectuais que facilitavam e estimulavam a aproximação com escritores, tais como Rodrigo Melo Franco de Andrade e Gustavo Capanema, sem que deles se exigisse “fidelidade ideológica” (Capelato, 2009, p. 121-122). Havia, portanto, uma política de valorização dos escritores e espaços de relativa liberdade intelectual, desde que não confrontassem diretamente o regime.

O material estudado evidencia que existiam relações colaborativas e de respeito intelectual entre autores brasileiros e autores da antiga metrópole do *mundo que o português criou*. Pois, além da assídua interlocução de José Osório de Oliveira com Cecília Meireles e Mário de Andrade, havia um trabalho de divulgação mútua entre os escritores dos dois países, como exemplificam o texto de José Lins do Rego sobre Fialho de Almeida e a conferência de Osório de Oliveira sobre Mário de Andrade. Com a revista *Atlântico* e o programa radiofônico *Meia-Hora*

brasileira, António Ferro e Osório de Oliveira muito contribuíram para divulgar autores brasileiros e para intensificar as relações culturais no mundo lusófono.

Referências

ATLÂNTICO – revista luso-brasileira. Lisboa e Rio de Janeiro: de 1942 a 1950. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Atlantico_RevistaLusoBrasileira/Atlantico.htm. Acesso em: 23 mai. 2023.

BANDEIRA, M. (org.). *Mário de Andrade cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

BANDEIRA, M. *Guia de Ouro Preto*. São Paulo: Global, 2015.

CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DIAS, S. M. V. *Cartas provincianas* – correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. São Paulo: Global, 2017.

FIGUEIREDO, T. L. (org.). *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FREYRE, G. *O mundo que o português criou*. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LIRA NETO, J. *Getúlio 1930-1945* – Do governo provisório à ditadura do Estado Novo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MORAES, M. A. de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2001.

PANORAMA – revista portuguesa de arte e turismo. Lisboa, Portugal: Edição Mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, de 1941 a 1949. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm>. Acesso em: 22 maio 2023.

PAULO, H. Os tempos das trocas: os caminhos comuns de Portugal e Brasil (1922-1960). In: LESSA, C. (org.). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record-Faperj, 2002.

REIMAO, S. A editora portuguesa Livros do Brasil e suas obras eróticas na ditadura militar brasileira. *Signo*, Santa Cruz do Sul/RS, v. 43, n. 76, p. 46-54, jan./abr. 2018.

ROIPHE, A. Possíveis contribuições da teoria e da crítica literária para aulas de literature. *Pensares em revista*, São Gonçalo/RJ, n. 5, p. 157-170, jul./dez. 2014.

SOUZA, R. S. M. José Osório de Oliveira e suas reflexões sobre a “moderna” literatura brasileira. *Revista Desassossego*, São Paulo, n. 13, p. 100-108, jul. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/dessassossego/issue/view/7784>. Acesso em 15 dez. 2022.

TRAVEL IN BRAZIL. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, vol. 1, nº 1, 1941.

TRAVEL IN BRAZIL. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, vol. 1, nº 2, 1941.

TRAVEL IN BRAZIL. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, vol. 1, nº 3, 1941.

TRAVEL IN BRAZIL. Rio de Janeiro: The Press and Propagand Dept, vol. 2, nº 2, 1942.

VICTORINO, J. G. *Propaganda e turismo no Estado Novo: António Ferro e a revista Panorama (1941-1949)*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2018.

VIEIRA, A. P. L. O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945). 2018. 248 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

Data de submissão: 26/05/2023.

Data de aprovação: 27/09/2023.



Quixotismo e saudosismo na era dos modernismos: um epistolário *sombroso por terras de Portugal e de Espanha*

Quixotism and saudosismo in the Era of Modernisms: A Shadowy Epistolary across the Lands of Portugal and Spain

Ana Clara Magalhães de Medeiros

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal/Brasil

a.claramagalhaes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7218-2187>

Resumo: O presente artigo analisa a correspondência trocada entre Teixeira de Pascoaes e Miguel de Unamuno, no período de 1905 a 1934, publicada em 1957, posteriormente ao falecimento de ambos. O objetivo central do estudo é evidenciar como as ideias e as práticas artísticas de escritores situados na penumbra dos modernismos de seus países (respectivamente Portugal e Espanha) podem oferecer contributo dialógico à discussão sobre os *modernismos* do século XX, com ênfase para a experiência portuguesa. As noções de dialogismo, polifonia e grande tempo, de Mikhail Bakhtin (2006), constituem o sustentáculo teórico desta proposição, que recorre a textos críticos e literários dos próprios Pascoaes e Unamuno para identificar semelhanças ético-estéticas entre o “saudosismo” e o “quixotismo”. Os dois conceitos destacados são retomados, a partir do método crítico polifônico (de orientação bakhtiniana), para explicitar relações estruturantes entre o final dos anos 1800 (a partir da década de 1870) e os primeiros decênios do século XX, na Península Ibérica, que impactaram a fisionomia artística de autores em atividade no interlúdio que vai de 1905 aos anos 1930. Em conclusão, o epistolário de Unamuno e Pascoaes, registrando uma interlocução ativa no campo da recepção e crítica de obras e programas

artísticos/filosóficos frequentemente apartados dos estudos sobre os movimentos modernistas, permite uma atualização necessária, neste terceiro milênio, da multifacetada cena intelectual que abriu e marcou o breve, mas insepulto, século XX.

Palavras-chave: epistolário ibérico; Unamuno; Pascoaes; modernismos; dialogismo.

Abstract: The following article analyses the exchanged mailing between Teixeira de Pascoaes and Miguel de Unamuno, in the period from 1905 to 1934, published in 1957, after the death of both. The main goal of the study is to evidence how the ideas and artistic practices of writers located in the half-light of the modernisms and their countries (Portugal and Spain, respectively) can offer a dialogic contribution to the discussion on the *modernisms* from the 20th century, with emphasis on the Portuguese experience. The notions of dialogism, polyphony and great time, by Mikhail Bakhtin (2006), make the theoretical support of this proposition, which resorts to critical and literary texts by Pascoaes and Unamuno themselves to identify ethical-aesthetic similarities between “saudosismo” and the “quixotism”. The two highlighted concepts are retaken from the critical polyphonic method (of Bakhtinian orientation), to make explicit structuring relationships between the end of the years 1800 (from the decade of 1870) and the first decades of the 20th century, in the Iberian Peninsula, which impacted the artistic physiognomy from authors in activity in the years 1910 to 1930. In conclusion, the epistolary of Unamuno and Pascoaes, registering an active dialogue in the field of critical reception of works and artistic/philosophic programs often separated from the studies about Iberian modernist movements, makes possible a necessary update, in this third millennium, from the multifaceted intellectual scene that opened and marked the brief, yet unburied, 20th century.

Keywords: Iberian epistolary; Unamuno; Pascoaes; modernisms; dialogism.

Há um *Epistolário ibérico* que concomitantemente aproxima-se e afasta-se da noção de “correspondência modernista”, expressão tomada aqui no sentido de epistolografia produzida por autores situados no seio dos modernismos artísticos da primeira metade do século XX. Trata-se

do conjunto de cartas trocadas, nos primeiros decênios dos anos 1900, por duas figuras quixotescas da literatura ibérica: Teixeira de Pascoaes e Miguel de Unamuno. Buscaremos evidenciar como a leitura de sua troca epistolar, situada n'as *sombras* dos modernismos lusitano e espanhol, pode ser oportuna a uma compreensão mais dialógica da ideia de modernismo ou da ideia que dele fizeram seus contemporâneos ou ainda que nós dele fazemos até o presente.

As missivas que marcam tal interlocução situam-se, cronologicamente, entre 1905 (data em que se conheceram pessoalmente) e 1934, havendo, nesse interstício, um hiato de silêncio que vai de 1921 a 1933 (de 1924 a 1930, Unamuno viveu o exílio no arquipélago das Canárias e depois em Paris por contestação à ditadura de Primo de Rivera). O período histórico que abarca tais cartas coincide com uma, por assim dizer, conjuntura modernista. Entretanto, os seus autores (um que por vezes é chamado de “pré-modernista”, outro frequentemente tomado por “antimodernista”) são raramente associados aos movimentos modernistas de seus países. Assumindo esse problema teórico-crítico como aspecto motivador de reflexão sobre os alcances e os limites dos *modernismos* no contexto ibérico, especialmente lusitano, propomos estudo da correspondência publicada de Unamuno e Pascoaes a fim de lançar luz sobre homens e ideias que imprimiram rasgos nos modos e moldes poéticos e filosóficos praticados até o século XIX, sendo capazes, ainda, de visionar futuros outros para as *terras de Portugal e de Espanha* (Unamuno, 1911). Cumpre indicar que nosso esforço analítico prioriza a experiência portuguesa dos modernismos por dois motivos: pelo fascínio que tal país exercia sobre Unamuno – são palavras do mesmo em carta de 1909: “las cosas de Portugal son de las que más me interesan” (Unamuno, 1957, p. 39) – e por serem “as coisas de Portugal” dos anos 1905 a 1934 já suficientemente extensas para a discussão em um artigo como este, de curto fôlego.

O *Epistolário ibérico – cartas de Pascoaes e Unamuno*, reunido e publicado desde 1957, após o falecimento dos dois autores, permite deslindar uma fisionomia intelectual (e seguramente também afetiva) de Unamuno e Pascoaes, sobretudo no tocante ao tema “Portugal”. Ainda, possibilita observar a vivacidade de um vínculo dialógico que se tecia, sobretudo, pela recepção que um fazia da obra artística ou crítica do outro. O intuito maior desta nossa proposta, então, é evidenciar as leituras literárias comentadas e trocadas, assim como as reações leituras/críticas de

ambos os pensadores, no período em que se corresponderam (1905-1920; 1934), com vistas a registrar certo veio intelectual – menos empolgado com as tendências de vanguarda que culminariam nas expressões modernistas portuguesas dos anos 1910 – que, mesmo assim, oferece importantes elementos para se discutir a atmosfera modernista e o ímpeto modernizante, nas artes e na filosofia, que marca os primeiros começos do século XX na Península Ibérica.

Na abertura desta discussão, qualificamos *Don Miguel* e o poeta de Amarante como “figuras quixotescas”. Cumpre explicitar que o uso do termo “quixotesco” não representa uma desavisada força de expressão. Em vez disso, denota uma posição crítica particular, a de indicar que Unamuno – autor de *Vida de Don Quixote e Sancho* (1905) e, mais além, do quixotismo entendido como proposta filosófica e poética – e Pascoaes – aproximado ao quixotismo pelo que esse tem de *éthos* saudosista – compactuam do ideal de ver, no mundo moderno, “D. Quichote resuscitado”¹ (Pascoaes, 1957, p.1), conforme expressão do português na primeira missiva enviada ao de Salamanca. Tomamos, à maneira unamuniana, o quixotismo como “idealismo ético”, para usar expressão de Pedro Cerezo Galán (1996). Assim define Unamuno o “quijotismo” nas páginas derradeiras de seu *Do sentimento trágico da vida* (1912):

¿Qué ha dejado a la Kultura don Quijote?. Y diré: ¡El quijotismo y no es poco!. Todo un método, toda una epistemología, toda una estética, toda una lógica, toda una ética, toda una religión sobre todo, es decir toda una economía a lo eterno y a lo divino, toda una esperanza en lo absurdo racional (Unamuno, 1913, p. 316).

Considerando-se o “cambiante sentido del quijotismo unamuniano” (Entralgo, 1996, p. 13), compete advertir que a adoção, por nós, do termo “quixotesco” filia-se à perspectiva implementada pelo autor basco sobretudo a partir do terceiro centenário de publicação do primeiro volume de *Don Quixote de la Mancha*, data que coincide com o primeiro

¹ Mantivemos a grafia e a língua utilizada por Pascoaes e Unamuno na correspondência trocada, conforme registro no *Epistolário Ibérico* publicado em Nova Lisboa (atual Huambo) em Angola no ano de 1957, a partir da iniciativa de Joaquim de Carvalho (amigo de Unamuno e Pascoaes) e de seu filho, Joaquim de Montezuma de Carvalho. Em outras obras citadas dos dois poetas, também preferimos, sempre que possível, a grafia da época de sua redação. Tal opção visa contribuir para uma percepção mais acurada, em conteúdo e forma, do período histórico e literário que discutimos neste artigo.

encontro entre o filósofo e Teixeira de Pascoaes – 1905. De tal maneira, tomamos o quixotismo como “um método”, “toda uma estética”, “toda uma lógica”, “toda uma esperança no absurdo racional” que convoca o mito (frequentemente trágico) ao campo do exercício racional filosófico. Estamos dialogando com Pedro Galán: “el pensamiento de Miguel de Unamuno se inscribe en este giro histórico de la filosofía a la tragedia” (Galán, 1996, p. 20), que completa: “[Unamuno] llegó al reconocimiento del espíritu trágico a partir de la crisis histórica de la razón” (1996, p. 21). Tal crise histórica da razão representou o mal-estar finissecular do XIX sensivelmente experimentada pela *generación de 98* em Espanha e pela “geração de 70” em Portugal. Também nos interessa desvelar como Unamuno e Pascoaes cumprem, nos sistemas filosóficos e literários em que estão inseridos, um importante papel na passagem da desesperança (tantas vezes suicida) do crepúsculo dos anos 1800 ao ímpeto criador modernista dos anos 1910-1930. O mito emerge como a substância primordial da esperança unamuniana e pascoaliana, aquilo que lhes permitiu propor formas intelectuais e artísticas radicadas no ideal utópico, por mais que lhes pesasse o *sentimento trágico da vida* tipicamente finissecular. Mais um comentário filosófico e teremos repertório suficiente para avançar em nossa leitura “quixotesca” do *Epistolário ibérico*:

El mito [...] es el poder salvador de la ilusión, que permite a la vida soportar el secreto de la sabiduría trágica. No podía ser Unamuno un pensador trágico sin ser poeta. Poética fue su fe en el todepoderío de la palabra (Galán, 1996, p. 22).

Nas conferências sobre *os poetas lusíadas* realizadas por Pascoaes na Catalunha em 1918, observaremos como o integrante da Renascença Portuguesa pode ser o contraponto exato da definição de Pedro Cerezo para Miguel de Unamuno: do pensador trágico e poeta espanhol passamos ao poeta e pensador trágico português. Une-os a referida fé no “todopoder” da palavra – matéria enformadora dos mitos. Apresentando uma visão radicalmente trágica da história nacional, resta, na perspectiva pascoaliana, uma função redentora aos poetas lusíadas:

A Historia de Portugal é uma tragedia infundavel, escrita pela Loucura e pelo Fado [...]. A Historia de Portugal é uma tragedia infundavel, no mais belo escenario que Deus fez. Mas d’ahi a sua grandeza e o sonho de redempção [...]. Por isso, a Dôr, síntese do Amôr e da Morte, é a propria essencia da Poesia lusitana. As

lagrima d'uma Patria cáem sempre no coração dos seus poetas,
para que eles as redimam nos seus cantos (Pascoaes, 1919, p. 4-5).

Essa compreensão do poeta como um repositório restaurador das dores de um povo, interpretação excessivamente *lusiada* (no sentido camoniano do termo) e pateticamente trágica, se denuncia uma personalidade crítica e poética de Pascoaes pouco afeita ao cosmopolitismo em arte que marcaria as vanguardas europeias e as primeiras expressões modernistas em Portugal, também aponta para um modo ficcional e inventivo de compreender o curso da história e o sentido axiológico de seus atores (a exemplo dos poetas).

Precisamos indicar que tanto a acepção de “modernismo” como seus marcos temporais são bastante diversos cruzando-se as fronteiras nacionais da Ibéria. Isto é: para Espanha, o marco modernista radica na última década do século XIX e tem como principal expoente um poeta nicaraguense, Rubén Darío (cf. Poza, 2103). Para Portugal, 1915 é comumente aceite como o ano “inaugural” no modernismo, graças à publicação da Revista “Orpheu”, “por sinal com uma capa mais simbolista do que modernista” (Quadros, 1989, p. 123). No tocante à realidade portuguesa, o mesmo António Quadros adverte que

Falta-nos uma reflexão filosófica sobre o *modernismo*. A partir desta lacuna, o termo tem sido quase sempre utilizado entre nós na sua exclusiva dimensão histórico-cronológica, manifestamente insuficiente. [...]. De certo modo, logo no que depois veio a ser classificado como o nosso primeiro modernismo, o seu protagonista de génio que foi Fernando Pessoa satirizou o processo ao lançar, num período curtíssimo, sucessivas correntes estéticas: o paúlismo, o sensacionismo, o interseccionismo, o futurismo e o neopaganismo (Quadros, 1989, p. 17-19).

Nesse influxo, também nós propomos “satirizar o processo” de definição modernista (gesto, aliás, bastante quixotesco) incluindo na discussão sobre tal movimento (melhor dito: *movimentos*) um conjunto de posturas ético-estéticas gestadas desde as décadas derradeiras do século XIX, passando-se pelo encontro de Pascoaes e Unamuno em 1905, pela publicação de “Orpheu” em 1915, até a morte de Unamuno (e de Pessoa) na década de 1930. Esse interlúdio (aproximadamente 1870-1936) revela-se definitivo para o estabelecimento do que se entende por literatura e intelectualidade de Portugal e Espanha até os nossos dias.

Como optamos por percorrer tal período na companhia da dupla Pascoaes-Unamuno, voltemos a 1905. A 10 de outubro desse ano, tem início a sequência de cartas enviadas por Unamuno a Pascoaes. Na primeira missiva do *Epistolário ibérico*, o autor basco acusa recebimento de livros do amigo português e afirma que lhe envia seu *Vida de Don Quijote y Sancho* – “que es mi obra cardinal” (Unamuno, 1957, p. 31). No mesmo ano, Pascoaes responde ao outro com comentário que merece nossa análise mais minuciosa:

Meu querido mestre.

Quem escreveu *Vida de D. Quichote* é um verdadeiro mestre, entre os escriptores da Europa. Já li o grande livro de V. duas vezes; e o assombro que elle me causou jamais desaparecerá do meu espirito e do meu coração.

D. Miguel de Unamuno é o Cervantes moderno!

D. Quichote, atravez as paginas imortaes do livro de V., transfigura-se em divindade, é o verdadeiro Deus moderno, a mais bella aspiração de nossas almas! V. tenta resuscitar D. Quichote no Occidente, como Tolstoi, no Oriente, quer resuscitar Jesus. Que D. Quichote e Jesus resuscitem! Que o Reino de Deus baixe, de novo á terra.

Jesus e D. Quichote são, realmente, duas almas que se fundem, que, no interior do nosso coração, se esbatem na mesma claridade imortal. Barcelona, é, na verdade, a Jerusalém do Occidente. D. Quichote reinará no Occidente, Jesus, no Oriente.

D. Quichote é o nosso Deus e D. Miguel de Unamuno o seu Propheta.

Estou ansioso por tornar a vêr V. cia., quero vê-lo, agora, com estes olhos que já viram D. Quichote resuscitado.

[...]

(Pascoaes, 1957, p. 1).

Transcrevemos quase que integralmente a carta pascoaliana (à exceção do parágrafo final e da despedida), pois o texto permite descortinar vários aspectos concernentes tanto à troca afetiva e intelectual entre os dois correspondentes, quanto à atualização crítica sobre uma obra (*Vida de Dom Quixote e Sancho*) e um conceito (o quixotismo) seminais para o pensamento unamuniano e para as premissas da Renascença Portuguesa (grupo que tem em Pascoaes seu protagonista).

A (pouca) crítica que se ateve à interlocução entre os dois escritores usualmente destaca o tom de “discípulo” – muito devotado ao mestre – assumido pelo português em relação ao espanhol. Efetivamente, sete dentre as trinta e uma cartas enviadas (e levadas à posterior publicação) por Pascoaes a Unamuno iniciam-se por uma saudação em que o primeiro qualifica o outro como “Mestre”. “Querido Mestre”, no caso do documento agora analisado; “Querido e venerado Mestre” ou “Meu querido e inolvidável Mestre” e ainda “Queridíssimo Mestre” nas missivas enviadas a partir dos anos 1920. Em tese defendida na Universidade de Évora sobre os dois escritores, José Manuel de Barros Dias acrescenta:

A relação entre Unamuno e Pascoaes é peculiar, à semelhança da personalidade de ambos. Pascoaes nunca deixará de reconhecer Unamuno como mestre que marcou a sua formação e como um dos pensadores mais originais da Península Ibérica; Unamuno verá em Pascoaes um poeta com valor autêntico e um intelectual com capacidades para levar a bom porto a regeneração dos tecidos mentais português e humano (Dias, 1995, p. 18).

Não é despropositado enfatizar o caráter de “mestre” que o de Amarante confere ao de Salamanca, pois isso nos leva a refletir sobre o papel que o *quijotismo*, o iberismo e a “preocupação com Espanha”, tipicamente unamuniana na apreensão de Eduardo Lourenço (Lourenço 2016, p. 19), podem ter tido no amadurecimento das ideias da Renascença Portuguesa defendidas por Pascoaes. Como se sabe, Unamuno colaborou com “A Águia” – principal veículo de difusão das ideias do grupo de Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e António Sérgio. A 8 de dezembro de 1910, o “poeta lusíada” escreve ao basco pedindo-lhe uma “collaboração para uma Revista litteraria e artistica que appareceu no Porto, com o nome de *Águia*” (Pascoaes, 1957, p. 10). Trata-se da primeira menção, entre a dupla, à “Águia”, mas o tema retornará em várias conversações de ambos até 1920.

Por hora, ainda nos resta discutir a recepção de *Vida de Don Quijote y Sancho* por Pascoaes, na carta que ora citamos. O tipo de crítica muito efusiva – marca particular do pensador amarantino – não economiza em elogios à obra e a seu autor, alçando ambos (criador e criatura) aos patamares estético e histórico em que figuram Cervantes, Tolstói e Cristo. De todo o encômio, destacamos dois comentários curtos: “D. Miguel

de Unamuno é o Cervantes moderno!” e “quero vê-lo, agora, com estes olhos que já viram D. Quichote resuscitado”. Esses excertos chamam a atenção por serem como que sínteses das personalidades artísticas e dos perfis intelectuais de Unamuno e de Pascoaes, respectivamente. Se Cervantes é o autor do Quixote publicado no XVII, Unamuno pode ser o Cervantes da modernidade ibérica (assumida pela *generación española del 98* e pela geração de 70 lusitana) por criar o Quixote ressuscitado e o ideal quixotesco imorredouro, profundamente inventivo e mítico, capaz de aproximar os povos peninsulares. Já o desejo de ver, o apelo à visão como sentido sensacionista primordial (aquele mesmo que estruturaria a poética de Alberto Caeiro), bem como a disposição artístico-vital para contemplar e acreditar no “D. Quichote resuscitado” exprimem com precisão quem é e o que significou o autor de *Marânus* na cultura portuguesa. A primeira missiva de autoria de Pascoaes no *Epistolário ibérico*, portanto, exhibe duas feições intelectuais aproximadas no que têm de criativas e modernas, ao mesmo tempo que saudosistas e trágicas – quatro predicções que passarão a ser cada vez mais raramente encontradas de modo simultâneo em escritores do século XX em diante, seja na literatura portuguesa, seja na hispânica.

Em alguma medida, as ideias e as obras do amarantino e do basco atrelam-se pela concepção peculiar de *liberdade* que as erige e que elas conseguem disseminar. Dois brasileiros nossos contemporâneos, pensadores da literatura e da cultura ibérica, Erivelto da Rocha Carvalho e Isaque de Carvalho, recorrem a Pascoaes (e ainda a Eudoro de Sousa) para delinear uma concepção de liberdade que é ontologicamente poética e lusíada:

[...] Portugal esfuma-se em suas determinações e torna-se sinônimo de *poesia*. Sentir a sua *poesia* é saber Portugal com os sentidos... e para além deles. Sonhar. Fundamento mais arcaico e pujante da vida (e por isto toda ela Espírito) e da própria compreensão da *Alma lusíada*, como sugere Pascoaes... Um aspecto essencial de que não pode prescindir quem sonha a liberdade. [...] Assim, a demanda individual da liberdade converte-se em demanda supra-individual. Assim é a poética de Teixeira de Pascoaes... uma *poesia* metafísica. [...] Pascoaes concebeu a *poesia* como febre, lume, delírio, vida, enfim, a mais plena liberdade. É neste sentido que o poeta surge como o homem incumbido de uma missão transcendente, ou seja, chamar Deus e

toda a sua dor (as criaturas) à redenção por virtude do seu canto etéreo (Carvalho; De Carvalho; 2016, p. 60, grifos dos autores).

Tal “missão transcendente” do poeta, que redime pelo canto, coaduna, inequivocamente, com a perspectiva ensaística de Pascoaes, anteriormente reportada por nós em citação d’*Os poetas lusíadas* (1919). Já a percepção da poética pascoaliana como “febre, lume, delírio, vida, enfim, a mais plena liberdade” alinha-se com a noção apresentada por Unamuno em ensaio dedicado ao livro *As sombras* (1907):

a filosofia poética de Teixeira de Pascoaes é uma filosofia sombrosa – sombria não. As realidades diluem-se e dissolvem-se em sombra nelas e as sombras [...] consolidam-se em realidades [...] a vida converte-se em sonho e o sonho em vida (Unamuno, 1986, p. 30).

O excerto antes destacado d’*Os ibéricos* (2016) evidencia ao menos quatro apreensões filosóficas e estéticas comuns aos dois escritores peninsulares por nós revisitados: a ideia de Portugal como “sinônimo de poesia”; a proposta de “saber Portugal com os sentidos”; a “demanda individual da liberdade” convertida em anseio coletivo; a poesia entendida como “a mais plena liberdade”. A leitura de mais alguns fragmentos de cartas trocadas pelos poetas desnudará melhor tais aspectos. Em missiva datada de 19 de dezembro de 1905, Unamuno dirá ao “bom amigo” português:

Sobre el quijotismo tengo que escribir y predicar aún. Hay una ética quijotesca. La grandeza del quijotismo estriba en dos cosas: en que su héroe, D. Quijote, es un ente de ficción, y en que es cómico, ridículo. Cristo tiene el inconveniente de que el probable existiera como hombre de carne e hueso, lo cual le expone a la exégesis histórica, y que fué trágico. Hay que saber vivir de la ficción, haciéndola realidad, y arrostrar el ridículo (Unamuno, 1957, p. 32).

Queremos destacar o ímpeto responsivo de Unamuno, que não se furta de contestar (amigavelmente, por certo) a analogia tecida pelo amarantino entre Quixote e Cristo na carta anterior. O pensador de Salamanca termina por evitar a comparação defendendo que o personagem de Jesus possui o “inconveniente” de ter provavelmente existido como “homem de carne e osso, o que o expõe à exegese histórica”. Para compreender o processo dialógico que envolve as cartas dos dois autores

e um personagem literário central de sua discussão (Quixote), algumas palavras de Mikhail Bakhtin podem nos ser de grande valia:

um crítico literário discute (polemiza) com o autor ou o herói e ao mesmo tempo explica-o como inteiramente determinado em termos causais (sociais, psicológicos, biológicos). [...] Quanto melhor o homem compreende a sua determinidade (a sua materialidade), tanto mais se aproxima da compreensão e da realização de sua verdadeira liberdade (Bakhtin, 2006, p. 374-375).

Respondendo a Pascoaes, Unamuno consegue assumir o papel que o filósofo russo entendeu ser o do crítico literário. Um ponto a se ressaltar é que, como a dupla ibérica, Bakhtin (ainda que do outro lado da Europa e algumas décadas mais tarde – o fragmento destacado é de 1970) entende que a relação com o literário (relação inerente ao ofício do crítico literário) pode levar o homem à “realização de sua verdadeira liberdade”. Considerando-se que o autor d’*As sombras* e o de *Vida de Dom Quixote e Sancho* correspondem-se trocando suas obras e comentários a respeito delas, seu epistolário, conseqüentemente, desponta como matéria crítica viva e responsiva à atualidade intelectual e artística das primeiras décadas do último século. Retomando a última missiva citada de Unamuno para relacioná-la com a proposição bakhtiniana, pode-se notar que o espanhol “discute (polemiza)”, em um único parágrafo, com o autor do personagem “tradicional” do Quixote (Cervantes) e com o autor (Pascoaes) da carta sobre *Vida de D. Quixote e Sancho*. Arrastado pela temática comum às obras de Cervantes e dele mesmo (Unamuno), discute/controverte ainda com o personagem Dom Quixote, qualificando-o por cômico e ridículo. Se Paulo Bezerra, importante tradutor e intérprete de Bakhtin (e de Dostoiévski) no Brasil está correto ao definir “a polifonia como método discursivo do universo aberto em formação” (Bezerra, 2010, p. VI), podemos identificar, na carta de Unamuno e sobretudo no universo epistolar de ambos, uma realidade sumamente polifônica, na medida em que os interlocutores apresentam e debatem um universo literário ibérico “aberto em formação”, erigido pelo diálogo entre personagens literários e figuras históricas ocupadas em buscar a “verdadeira liberdade” – a que se referia o teórico russo.

A responsividade entre Unamuno e Pascoaes excede o universo das cartas. Ao final da discussão empreendida na epístola de 1905, o basco defende: “há que saber viver da ficção, fazendo dela realidade”. Depois,

no já mencionado ensaio (redigido em 1908 e publicado posteriormente no livro *Por terras de Portugal y Espanha*, de 1911) que dedicou ao livro *As sombras*, Unamuno exalta, no artista de Amarante, precisamente essa capacidade:

Para Teixeira de Pascoaes a obra do homem tem mais realidade que o próprio homem. Jean Valjean sobrevive a Vitor Hugo e Ofélia a Shakespeare. Doutrina esta várias vezes exposta – eu mesmo a desenvolvi na minha *Vida de Don Quijote y Sancho* –, mas que aqui o poeta converte em substância poética (Unamuno, 1986, p. 30).

A concepção de que a obra “tem mais realidade que o próprio homem”, atribuída a Pascoaes pelo reitor Salamanca, é profundamente unamuniana. Tal premissa já fora expressa em *Vida de Dom Quixote e Sancho*, em 1905, mas terá importante desdobramento literário em prosa com a publicação de *Névoa* (novela/romance ou *nivola*, como a quis chamar o próprio autor) em 1914 (posteriormente ao texto crítico dedicado ao livro de Pascoaes, portanto). Empreendendo um salto até 1920, encontramos, em carta a Pascoaes com data de 19 de junho de 1920, Unamuno reafirmando a impressão de que a arte sobrevive ou sobrepõe-se a seus autores: “el arte es más largo que la vida. [...] No hay realidad más que en el querer. Querer ser o querer no ser. (Hay también: “no querer ser” y “no querer no ser”)” (Unamuno, 1957, p. 54-55). O mundo da arte desponta, assim, como espaço primordial da vontade e da liberdade. Pedro Cerezo Galán reforçará esse aspecto como inerente a toda a obra do intelectual basco: “esta exaltación de la libertad, y juntamente con ella de la originalidad creadora, llega en él a convertirse en una verdadera religión de la libertad, o lo que es lo mismo, de la palabra en libertad, como la fuerza genuina de transformación del mundo” (Galán, 1996, p. 357).

Entendemos que, no lado lusitano da Península, o programa da Renascença Portuguesa e o ideal saudosista pascoaliano operaram de maneira análoga ao quixotismo pregado por Unamuno em Espanha. Tal apreensão não é precisamente nossa, senão do próprio Pascoaes. Em pelo menos duas cartas, investe em tal analogia. Em 1908, promete a Unamuno em missiva:

Tenciono publicar brevemente em Portugal um artigo sobre o Ideal Iberico moderno, que na Hespanha é a ressurreição e transfiguração de Dom Quixote feita pela sua penna genial; em Portugal a synthese

de Jesus e Pan, como relevação do genuíno, mas nunca lembrado, sentimento religioso da raça lusitana (Pascoaes, 1957, p. 6).

Mais de cinco anos após, em carta de 28 de abril de 1914, confessa ao amigo, seu interlocutor: “A Renascença P. atirou-me para a vida activa, eis-me a pregar a Saudade por várias terras do Paiz! E isto também é interessante, porque é quixotesco” (Pascoaes, 1957, p. 20). Erivelto Carvalho e Isaque de Carvalho oferecem definição enxuta, mas precisa sobre o saudosismo: “o que Pascoaes concebe como a essência da saudade... viver a presença na ausência” (Carvalho; De Carvalho, 2016, p. 50). Assumindo a perenidade do saudosismo enquanto conceito axiológico da cultura portuguesa (inclusive atualizado, ao longo do século XX, em diferentes momentos seus, por nomes como Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço), temos procurado evidenciar, no presente artigo, como *as sombras* do quixotismo ibérico e da Renascença Portuguesa são ausências presentes no modernismo português. A correspondência entre Pascoaes-Unamuno habita o tempo e o espaço que produziram os de “Orpheu” e, posteriormente, a geração da *Presença*. Esta última, aliás, albergará um escritor telúrico bastante sintomático das *presenças* antecedentes de Unamuno e Pascoaes no universo artístico ibérico – Miguel Torga.

Retomar a interlocução da dupla (de duplos?) auxilia-nos, assim, a observar, já um século depois, em que medida Unamuno e Pascoaes teceram um epistolário *sombroso* – não sombrio. Conjunto de cartas *sombroso* – para reavivar o termo unamuniano (Unamuno, 1986, p. 30) – porque testemunha realidades menos visíveis no contexto das vanguardas e dos modernismos futuristas. Realidades literárias e autognoses pátrias diluídas entre: o espírito modernizante de que se quis imbuir a Ibéria desde os anos 1870; a agitação modernista dos anos 1910-30 que em Portugal sempre converge para o radical fenômeno Fernando Pessoa; e o momento, em terras portuguesas, de “tradução poético-ideológica desse nacionalismo místico, tradução genial que representa a mais profunda e sublime metamorfose da nossa realidade vivida e concebida como irreal” (Lourenço, 2016, p. 35). A obra e a ação de Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes esfumaçam-se na *era modernista* porque, participando da metamorfose cultural a que se submetem os povos peninsulares quando da agonia trágica de seus impérios, propõem ficções para o futuro ancorados em ficções recolhidas no passado. Figuras eclipsadas, inclusive por vontade própria, dos modernismos de seus países, a dupla que forjou as noções de quixotismo e saudosismo não merece ser alijada do grupo que,

no alvorecer do último século, pensou e atuou em prol da modernização de suas culturas e do alcance, por elas, da liberdade. Pascoaes libertou a saudade da esfera subjetiva da condição humana e inseriu-a na *psicanálise mítica* de todo o povo português (Lourenço, 2016). Unamuno libertou Dom Quixote do sepulcro (Unamuno, 2014) onde os cervantistas de seu tempo e de gerações passadas tinham lançado o personagem. Restamos, agora, libertar os dois poetas-pensadores das prisões de sua época. Estamos dialogando outra vez com Bakhtin, especificamente com artigo seu intitulado “Os estudos literários hoje”, que oferece contributo teórico importante à ideia de *atualização* como tarefa do crítico literário:

O próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.

Do que acabamos de afirmar não se segue, absolutamente, que se possa ignorar inteiramente a época contemporânea do escritor, que a sua obra não possa ter irradiações no passado e projeções no futuro. A atualidade mantém o seu significado imenso e em muitos sentidos decisivo. [...] uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no *grande tempo* (Bakhtin, 2006, p. 364, grifos do autor).

Em gesto saudosista, as celebrações dos diversos primeiros centenários modernistas (no Brasil, em Portugal...) levam-nos a pensar nas variadas correntes de pensamento, como nas múltiplas formas de expressão literária que vicejaram nos decênios iniciais do último século em território peninsular. A despeito da preponderância que os autores de “Orpheu” (especialmente os criados por Pessoa) exercem sobre a ideia de modernismo em Portugal, não nos parece inoportuno focalizar, no contexto da reflexão sobre o ideário modernista, escritores que assumem posição *sombrosa* em relação *ao que quis Orpheu*: “criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço” (Pessoa, 1966). Indiferente ao grupo de Pessoa e Sá-Carneiro, o já maduro Unamuno parece ter recebido, mas jamais comentado, o exemplar do primeiro volume de “Orpheu” que lhe enviou Pessoa, conforme registro em carta enviada por este a Salamanca:

Por este correio enviamos a V. Exa.o primeiro número da nossa revista Orpheu. Como depreenderá de uma, ainda que rápida, leitura, esta revista representa a conjugação dos esforços da nova geração portuguesa para a formação duma corrente literária definida, contando e transcendendo as correntes que teem prevalecido nos grandes meios cultos da Europa (Pessoa, 1998, p. 158-159).

Retomando as palavras de Bakhtin, “os estudos literários têm a incumbência” de ajudar os autores a serem libertados das prisões de suas épocas. O Portugal que Unamuno conheceu, leu e experimentou foi o de Pascoaes, o de Oliveira Martins e Antero de Quental, o de Camilo Castelo Branco e Guerra Junqueiro, o de António Nobre e Manuel Laranjeira. As cartas trocadas com o amarantino de 1905 a 1914 são registros materiais inequívocos disso. A “nova geração portuguesa” para Unamuno foi a da Revista *Águia*, que contou com textos tanto do basco, como do futuro poeta da *Mensagem* (1934). O Portugal da abertura do século XX, permeado ainda pelo *vencidismo* do final do XIX e pelo sentido da decadência da geração de 70, é o outro-mesmo (*el otro*, para fazer menção à peça dramática de Unamuno dos anos 1930) que faz germinar ali o saudosismo, o futurismo, o *paulismo*, o interseccionismo, o sensacionismo...

Certo espírito quixotesco que paira sobre a cultura ibérica contamina as letras portuguesas a ponto de fazê-las converter o Ultimatum britânico de 1890 em *Ultimatum* manifestação poética revolucionária já em 1917, por Álvaro de Campos, na Revista *Portugal Futurista*. Ora: Unamuno fez da busca pelo sepulcro do Quixote o sentido da alma ibérica na passagem forçosamente empreendida pela Espanha do colonialismo à modernidade nos últimos anos do século XIX; o próprio Quixote transformara moinhos de vento em gigantes e uma mulher campesina em Dulcineia encantada; Pascoaes fez do Tâmega manancial poético capaz de traduzir “o sentimento saudoso da Natureza animada e inanimada” (Pascoaes, 1978, p. 95). Respondendo, postumamente, à carta pessoana, o fantasma de Unamuno (um dos tantos a que ele mesmo deu forma literária) poderia argumentar que um conjunto de vozes peninsulares, antes de “Orpheu”, transcendeu as correntes que prevaleciam “nos grandes meios cultos da Europa” e fundou ficções que marcaram e modernizaram o tempo *por tierras de Portugal y de Espanha* dando-lhe a imagem que, cem anos depois, fazemos do breve século XX (Hobsbawm, 2008).

Em carta já do último ano de sua correspondência, 1934, Pascoaes assevera: “O calvario é ibérico” (Pascoaes, 1957, p. 26). A distância de quase um século da dupla que mereceu nossa atenção neste estudo, concedendo-nos a visão clara de que Unamuno e Pascoaes assumiram tal calvário e, indo buscar o sepulcro do Quixote e dos poetas lusíadas, somaram-se aos modernistas na consolidação de um mito que o século XX não conseguiu sepultar: aquele nada que é tudo a que chamamos *liberdade*.

Dedicatória

Para Erivelto Carvalho, quixotista que me ensinou a buscar o sepulcro de Unamuno.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA, Paulo. Prefácio. Uma obra a prova do tempo. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. V-XXII.

CARVALHO, Erivelto; DE CARVALHO, Isaque. *Os ibéricos. História, liberdade e literatura: viagens pelo sublime*. São Paulo: Nankin, 2016.

DIAS, José Manuel Barros. Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes. Compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares. 1995. 1138f. f. Dissertação. (Doutoramento em Filosofia da Educação pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora). Universidade de Évora, 1995.

ENTRALGO, Pedro. Prólogo. In: GALÁN, Pedro Cerezo. *Las máscaras de lo trágico. Filosofía y tragedia en Miguel de Unamuno*. Madrid: Editorial Trotta, 1996, p. 11-16.

GALÁN, Pedro Cerezo. *Las máscaras de lo trágico. Filosofía y tragedia en Miguel de Unamuno*. Madrid: Editorial Trotta, 1996.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 2008

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino portugueses*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

PASCOAES, Teixeira de. *A arte de ser português*. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1978.

PASCOAES, Teixeira de. *Epistolário ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*. Nova Lisboa: Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957.

PASCOAES, Teixeira de. *Os poetas lusíadas*. Porto: Tipografia Costa Carregal, 1919.

PESSOA, Fernando. *Correspondência 1905-1922*. Ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio&Alvim, 1998.

PESSOA, Fernando. O que quer Orpheu? In: PESSOA, F. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1836>. Acesso em: 16 jan 2023.

POZA, José Alberto Miranda. O Modernismo nas letras hispânicas: Rubén Dario, Manuel Machado, Antonio Machado. *Interfaces*, Espírito Santo, n. 23, 179-221, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8250>. Acesso em: 20 jan 2023.

QUADROS, António. *O primeiro modernismo português. Vanguarda e tradição*. Sintra: Europa-América, 1989.

UNAMUNO, Miguel de. As Sombras, de Teixeira de Pascoaes. In: UNAMUNO M. *Portugal povo de suicidas*. Trad. Rui Caeiro. Lisboa: Publicações Culturais Engrenagem, 1986, p. 27-36.

UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento/Sociedad Anónima Editorial, 1913.

UNAMUNO, Miguel de. *Epistolário ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*. Nova Lisboa: Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957.

UNAMUNO, Miguel de. *Por tierras de Portugal y de España*. Madrid: Editorial Biblioteca Renacimiento, 1911.

Data de submissão: 30/04/2023.

Data de aprovação: 25/08/2023.



Uma carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino e a sua resposta

A Letter from Clarice Lispector to Fernando Sabino and Her Reply

Cristina Gonçalves Ferreira de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
cristinasouza2002@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2206-7172>

Resumo: O estudo da correspondência de escritores é um campo em expansão nas pesquisas literárias. Tal fenômeno ocorre, dentre outros motivos, porque as cartas de um escritor podem oferecer elementos para a melhor compreensão de sua obra literária. Apoiando-se em trabalhos de Galvão (2008) e Moraes (2005), este artigo apresenta a análise de duas cartas escritas na década de 1940, pertencentes à correspondência dos escritores Clarice Lispector e Fernando Sabino, e publicadas na obra *Cartas perto do coração*. Seu objetivo é contribuir para os estudos literários e para a divulgação da correspondência destes escritores. Nas cartas da juventude, além de encontrar elementos importantes para compreender a biografia dos autores, foi possível acompanhar discussões estéticas e conhecer as *personas* que os missivistas construíram nessa relação epistolar.

Palavras-chave: literatura; correspondência; Lispector; Sabino.

Abstract: The study of writers' correspondence is an expanding field in literary research. This phenomenon occurs, among other reasons, because a writer's letters can offer elements for a better understanding of his literary work. Based on works by Galvão (2008) and Moraes (2005), this article presents the analysis of two letters written in the 1940s, belonging to the correspondence of the writers Clarice Lispector and Fernando Sabino, and published in the book *Cartas perto do coração*. Its objective

is to contribute to literary studies and to promote the correspondence of these writers. In the youth letters, in addition to finding important elements to understand the biography of the authors, it was possible to follow aesthetic discussions and to get to know the *personas* that the letter writers built in this epistolary relationship.

Keywords: literature; correspondence; Lispector; Sabino.

1 Introdução

A carta, na sociedade atual, deixou de ser apenas uma ferramenta comunicativa para assumir a função de documento histórico. De acordo com Walnice Nogueira Galvão, em entrevista à *Revista Teresa* publicada em 2008, o estudo da correspondência de escritores ganhou fôlego nas últimas décadas, graças, em parte, à substituição do correio postal pelo correio eletrônico: “A disseminação do computador acabou com a carta e, na hora em que a matou, descobriram que era um objeto precioso” (Galvão, 2008, p. 15). Em “À margem da carta”, um ensaio publicado em 1998, Galvão lista as principais contribuições das cartas aos estudos literários.

- 1) Elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida;
- 2) Fontes de ideias e de teorias não comprometidas pela forma estética;
- 3) Em certos casos ainda, [...] um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita. (Galvão, 1998, p. 155-156)

Para a literatura, segundo Galvão (2008, p. 18), as cartas assumiriam, ainda, uma função *paratextual*, na medida em que apresentariam informações sobre o processo de escrita de determinadas obras, complementando-as. Marco Antônio de Moraes, no prefácio da obra *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*, publicada em 2005, destaca outra característica interessante das correspondências: a construção, pelo remetente, de *personas* diferentes de acordo com cada destinatário.

Também em nossas cartas elegemos particularidades de nossa psicologia e acabamos definindo espécie de “máscaras” [...] E assim, a cada um deles [destinatários] somos diferentes, mostrando

faces diversas da nossa personalidade, sempre adaptando a linguagem às nossas intenções. Até a maneira de contar um fato se modifica em face dos nossos destinatários, conforme nossas conveniências. (Moraes, 2005, p. 12)

De acordo Moraes (2005), na carta, a verdade mudaria de acordo com o destinatário: “Precisamos da nossa atenção constante, porque a carta traz sempre a verdade do indivíduo, em determinado momento, diante de um destinatário específico” (Moraes, 2005, p. 13). Logo, é preciso pensar as cartas de um escritor como um material que pode oferecer informações importantes para clarear aspectos de sua biografia, conceitos e obras, contudo, sem nos distanciarmos do fato de que, mesmo na carta, molda-se a verdade e são construídas *personas* sociais.

Neste artigo, analisaremos uma carta escrita por Clarice Lispector a Fernando Sabino e a sua resposta. O ano é 1946, momento em que os jovens escritores buscavam encontrar o lugar destinado a eles na literatura modernista brasileira. As missivas selecionadas pertencem à correspondência publicada por Sabino, em 2002, na obra intitulada *Cartas perto do coração*. Nela, temos reunidas cartas dos anos de 1946 a 1969, num total de cinquenta e uma. O subtítulo da obra (Dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação) nos dá indícios da importância da correspondência para compreendermos sua formação literária.

2 Duas cartas trocadas

Fernando Sabino e Clarice Lispector corresponderam-se intensamente durante vinte e três anos. Os escritores foram apresentados por Rubem Braga no início da década de 1940 no Rio, para onde Sabino, recém-casado, mudara-se. O interesse pela literatura resultou numa forte amizade consolidada em longas conversas. No livro biográfico *O tabuleiro de damas*, Sabino rememora como conheceu Clarice.

Em janeiro de 1944 recebi em Belo Horizonte um exemplar do romance “Perto do Coração Selvagem”, com dedicatória da autora chamada Clarice Lispector, que eu não sabia quem era. Também não sabia por recomendação de quem, talvez do Lúcio Cardoso. Fiquei deslumbrado com o livro.

Rubem Braga conheceu Clarice na Itália durante a guerra – Maury Gurgel Valente, seu marido servia em Nápoles como diplomata. Quando ela veio ao Brasil, Rubem nos apresentou.

Fiquei deslumbrado com ela.

Imediatamente nos tornamos amigos, de intenso convívio, enquanto ela esteve aqui. Passávamos horas de conversa diária numa confeitaria da cidade ou onde quer que nos encontrássemos. (Sabino, 1999, p. 115-116)

Em maio de 1946, Sabino mudou-se para os Estados Unidos para trabalhar na Representação Comercial brasileira. Apenas dois meses antes, Clarice havia se mudado com o marido para a Suíça. Distantes, os amigos iniciaram longa correspondência que somente foi suspensa quando ambos estavam no Brasil e que foi interrompida quando Clarice retornou definitivamente ao país no final da década de 1960. A correspondência da década de 1940 é especialmente interessante por registrar o início das carreiras desses escritores. As cartas serviam para o desabafo frente às dificuldades da carreira literária e para o apoio mútuo. Também eram espaço para experimentação, para discussão de conceitos estéticos e para trocas de impressões sobre suas próprias obras, sobre obras de escritores contemporâneos e sobre a recepção crítica das mesmas. De acordo com Sabino:

Trocávamos idéias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade. Era mais do que paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não declarada, que unia os dois jovens “perto do coração selvagem da vida”, é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, fazendo-nos solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores. (Sabino, 1999, p. 117)

Quando se conheceram, Clarice tinha 24 anos e Sabino, apenas 21. Nas cartas, é possível perceber a intensidade das angústias e das alegrias em torno das conquistas e derrotas do início das carreiras dos dois jovens autores. A carta de Clarice foi escrita em 19 de junho e ilustra bem a relação epistolar desenvolvida. Vejamos.

Berna, 19 de junho 1946 – quarta-feira¹

Fernando,

sua carta me surpreendeu tanto! Eu tive a impressão de ter caído numa coisa assim: de jogar verde para colher maduro ou de ir buscar lã e sair tosquiada, ou dois e dois são quatro – eu escrevi

¹ Mantive a grafia das cartas tal qual o original.

para vocês no Rio, na sua casa, e você me responde de Nova York. Eu sabia que vocês estavam lá por alguém que veio dos EEUU e passou por Paris – estive uns 15 dias em Paris – mas pensei que era a passeio. Não cesso de imaginar vocês em New York e não sei como. Como é que Heleninha fala no meio da cidade? E você trabalha de noite num arranha-céu? e os arquivos? Só agora é que vejo que vocês no Rio eram uma das garantias que eu procurava. Por que é que todo mundo quer sair do Brasil? E você é espírita, é, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Ou já falamos sobre isso? às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vêm seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega. Se o telefone toca eu dou um pulo e se me “convidam” eu pareço criança ou cachorrinho, saio correndo e enquanto corro digo: estou perdendo minha tarde.

Mas eu tenho ido de tarde à biblioteca pública. E por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais. Estivemos em Paris andando desde manhã até a noite. Aquela cidade é doida, é maravilhosa. Não consegui absorvê-la, ter uma idéia só. De volta, fomos diretamente para um apartamento novo, ainda novo, tudo encaixotado, estranho, desarrumado. Encontrei cartas de casa e vários recortes de jornal, artigo de Reinaldo Moura, nota de Lazineira Luiz Carlos de Caldas Brito..., várias notinhas, referências a você e a mim em Sérgio Millet, e em vários. E nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virgínia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é minha verdadeira moralidade.

Afinal arranjei emprestada uma empregada que em um dia deu ordem na desordem – ela era uma verdadeira mulher. Uma grande mulher, sem dúvida, chamada Rosa, italiana, que Deus a abençoe. Hoje passei o dia lendo; às três horas li de novo sua carta e o bilhete de Helena. Diga a Helena que na primeira vez em que nos encontrarmos ela ganha de mim uma caixinha de música. No mesmo dia em que recebi sua carta, recebi uma de Paulo. Carta pequena, cautelosa, quase silenciosa.

Fernando, procure em Nova York, no Consulado, Araújo Castro. Ele é ótimo. Vai lhe parecer calado e fechado, de início. Ele é muito, muito inteligente, bom, e de boa espécie.

São nove horas da noite, mas parece seis da tarde. E eu brilho, brilho sempre – isso deve ser brilho. Na verdade deve ser apenas adaptação ao novo apartamento. Não se pode deixar uma janela aberta, voa tudo; é um lugar onde ainda estão construindo, sem muitas casas. A rua chama-se Ostring e eu sou a pérola de Ostring, não vê? Vocês pretendem mandar buscar Eliana? como vão fazer? Quanto tempo na realidade vão ficar nos EEUU? Paulo diz que vocês ficarão seis meses apenas... Desejo muita felicidade a vocês. Sejam muito felizes: estou com vontade de dar conselhos grandiosos, dizendo: custa um pouco adaptar-se a um lugar novo etc. Fernando, você tem trabalhado? e Helena, o que é que faz? Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar. Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga. Desculpe esta carta tola. Respondam depressa e eu mandarei uma muito boa, muito calma – Quem tinha falado de Sagarana era o Escorel, elogiando. Não sei mais nada. E as notícias que recebo do Brasil são as piores. Até pão falta. Vocês devem estar experimentando agora a tristeza de estar num país onde mesmo lentamente tudo tende a melhorar e receber notícias constantes desse jeito. Dá vontade de ser um grande homem e fazer alguma coisa. Certamente teremos alguma revolução. Até o ar lá está precisando disso.

Fernando, Helena, um abraço grande. Me escrevam, agora que vocês sabem quanto pode valer uma carta e sobretudo certas cartas.

Dei um ar de tristeza? não, dei um ar de alegria.

Clarice

(Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20-23)

No início da carta, Clarice mostra-se surpreendida pela mudança repentina de Fernando para os Estados Unidos. Questiona: “Por que é que todo mundo quer sair do Brasil?” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20). E lamenta: “Só agora é que vejo que vocês no Rio eram uma das garantias que eu procurava” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20). Por ter morado por vários períodos fora do Brasil, a escritora parece atribuir a seus correspondentes a tarefa de atualizá-la e de amenizar sua saudade do país. Em sua nova condição de expatriado, Sabino, segundo Clarice, agora entenderia: “quanto pode valer uma carta e sobretudo certas cartas” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 23).

Aqui, chama-nos atenção a conversa sobre as três horas da tarde. Na carta de 10 de junho, Sabino divaga sobre as incertezas da vida em Nova Iorque. E em um dado momento, lança a seguinte pergunta: “O que é que você faz às três horas da tarde?” (Sabino, 2001, p. 18). A provocação suscita uma resposta enigmática que diz sobre a personalidade de Clarice, mas que acaba também por nos remeter à sua literatura, caracterizada por dramas psicológicos e pela presença de momentos epifânicos: “às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20). Segundo Nelson Vieira (1987, p. 84), Clarice era judia, mas não professava abertamente a religião. Sua prosa, porém, apresentava elementos claros da tradição judaica: “a prosa de Clarice Lispector reflete aquela perspectiva, oriunda da tradição bíblica e judaica, que visa comunicar, ao final de contas, uma mensagem espiritual” (Vieira, 1987, p. 84). O número três na Bíblia exprime totalidade. Três horas da tarde, na tradição judaico-cristã, é uma hora canônica chamada *Noa*, um momento de silêncio e oração.

O tema que domina a carta, entretanto, é reação de Clarice à recepção crítica da obra *O lustre*, recém-publicada. Ao longo da correspondência, é possível perceber que os missivistas acompanhavam avidamente tudo que a imprensa publicava sobre seus trabalhos. Segundo Silviano Santiago (2004), na década de 1940, havia um grupo de intelectuais: “formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de obras e autores” (Santiago, 2004, p. 162). Dentre eles, estavam Sérgio Milliet e Álvaro Lins, citados com recorrência pelos missivistas. Na carta-exemplo, é mencionada a nota de Álvaro Lins sobre *O lustre*. De

acordo com Clarice, o crítico teria associado sua obra à sua personalidade de modo negativo: “muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 21). De acordo com Neli Santos (2002), Lins, em artigo no “Correio da manhã” de maio de 1946, teria declarado sobre o livro que: “a colocação do espaço e do tempo no plano da descontinuidade causa desajuste e gera uma camada de nebulosidade, que impede a definição de suas formas e cenas” (Santos, 2002, p. 390). A avaliação aborrece a escritora, que, contudo, concorda: “Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 21).

Na vez de críticos, os missivistas avaliam a obra *Sagarana*, do então desconhecido Guimarães Rosa. Clarice parece titubear em dar sua opinião: “Quem tinha falado de Sagarana era o Escorel, elogiando” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 22). Na carta de 06 de maio, Sabino comenta a obra.

Outro dia saiu um novo livro que está fazendo furor, é o termo. Vocês até possivelmente já ouviram falar, pois é do Chefe do Gabinete do Itamarati, o Guimarães Rosa. Chama-se Sagarana, livro de contos, muito bem escrito, misto de Monteiro Lobato, Cyro dos Anjos, Euclides da Cunha e Mário de Andrade, entenda se possível. Todo mundo está deslumbrado, Álvaro Lins “descobriu-o” e “consagrou-o”. Gostei do que já li, é realmente uma perfeição de linguagem e expressões do interior de Minas, os diálogos principalmente muito bons, mas não é meu gênero e penso que você também não gostaria. (Sabino, 2001, p. 14)

É no mínimo curiosa a avaliação inicial de Sabino. Contudo, de acordo com Luís Bueno (2012, p. 18), a partir do romance de 30 no Brasil, distinguiram-se nos meios literários da terceira geração modernista dois movimentos conflitantes: o regionalismo e o intimismo. O primeiro caracterizado pelo foco em questões sociais e regionais e o segundo, pela ênfase na análise psicológica e de costumes. As obras de Clarice da época possuíam reconhecido traço intimista. Sabino, por sua vez, também se alinhava ao que se chamava “romance psicológico”. É preciso dizer, porém, que, uma década mais tarde, a leitura de *Grande Sertão* foi retomada por Sabino. E, na carta de 19 de julho de 1956, o escritor rende-se à obra de Guimarães Rosa, sobre a qual declara ser “obra de gênio”, com total concordância de Clarice: “O melhor de tudo, porém,

é o livro do Guimarães Rosa, não o Corpo de Baile, que não li, mas o Grande Sertão – Veredas, que estou na metade e é obra de gênio, não deixo por menos” (Sabino, 2001, p. 135).

Por fim, Clarice fala do seu processo criativo e declara-se em grande dificuldade: “Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tomar, não sei de nada” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 21). E conclui a carta com um pedido a Fernando: “Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 22). Apesar de, na frase final, Clarice afirmar ter dado um “ar de alegria”, na carta parecem predominar desânimo e desesperança.

Na carta-resposta a Clarice, de 06 de julho de 1946, Sabino busca principalmente dirimir suas inquietações. Trata-se de uma carta longa, plena de divagações sobre a vida e a literatura. Vejamos os trechos principais:

New York, 6 de julho de 1946

Clarice,

Sua carta chegou como uma ventania: eu estava organizando uns formulários, pilhas de papéis em cima da mesa, quando um contínuo se aproximou segurando uma carta para mim.

[...] Atravessei um período duro, Clarice. Também precisei muito de uma palavra amiga, e, afinal, o meu livro está ali, num canto, esperando uma resolução. Já nem sei mais nada, e às vezes tinha vontade de ir mais devagar. Viver devagar é que é bom, e entreviver-se, amando, desejando e sofrendo, avançando e recuando, tirando das coisas ao redor uma íntima compensação, recriando em si mesmo a reserva dos outros e vivendo em uníssono. Isso é que é viver, e viver afinal é questão de paciência. [...] A gente podia ser assim, Clarice, viver apenas, aceitar o momento como essencial e nascer de novo entre dois cigarros, entre o brinquedo e o edifício, entre a palavra e a curva. Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. [...] Viver é isso mesmo e afinal ser feliz é fácil como fechar os olhos. Mas o olho na parede existe, nos espreita sempre, como um buraco, um mistério, uma lembrança do mundo errado possibilitando a salvação. Alguns conceitos certos dão ilusão de calma, facilidade e vitória. Por exemplo: a renovação temporal é uma busca da eternidade das coisas. Mas na verdade não há calma nenhuma, tudo é muito difícil, e afinal as palavras estão precipitando a nossa derrota. Porque viver apenas não basta.

Não basta, não basta. É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela. [...] É possível que estejamos sempre querendo dizer as mesmas coisas em línguas diferentes. Você com seu livro, sofrendo com ele, você se desenvolvendo em círculos concêntricos, aprendendo a se dispor em andares. Sabe pregar selos nas cartas e não se vexa em ter de lambê-los. Espera por uma revolução no Brasil, e aprende a conhecer a topografia de Berna. Topograficamente você é admirável. Estou tão vago, meu Deus, tão vago, telúrico, inadmissível. Te respeito, admiro e invejo. [...] Como você vê, não posso te mandar nenhuma palavra animadora: sei que você deve estar se desesperando com o seu livro, que não vai, que não vai, pois também me desespero com o meu, tenho trabalhado a sério e sofrido muito. E todo esse desespero vem de não saber por quê; saber *como* a gente acaba sabendo, mas intimamente desconhece que a angústia e a expectativa deprimente vêm de não saber por quê. Se te mandam quebrar pedra ou fazer um móvel, a inteligência vai te angustiar na procura do meio mais certo, mais eficiente e mais perfeito de quebrar ou fazer. Mas a insaciedade que te faz artista vai te atirar numa procura muito mais afetiva, digna e criadora: saber o que é uma cadeira, e que proveito os outros tiraram da pedra que você vai quebrar. Só assim você estará sendo artista. Sem saber isso você será escravo. A gente se angustia com o livro que está sendo escrito, não é porque está difícil, ou porque esbarrou num beco sem saída, coisa assim: a gente se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo. Perde-se tempo, e há muita coisa de utilidade imediata atualmente, esperando o nosso esforço. Então é preciso descobrir antes *o que é* nosso livro. Um protesto? uma tristeza? Uma vida? um elefante? Se a gente descobre por exemplo que o livro da gente tem de ser um crime, então a gente sofre, se desespera, mas afinal o livro sai o crime que a gente queria. Se descobre que há de ser um passarinho, ele será um passarinho. Mas alguma coisa o livro tem de ser, certo ou errado, contra ou a favor da gente. É preferível que seja a favor, então temos de descobrir o que ele vai ser. Só o que vai ser – de descobriremos para o que vai servir ou que utilidade terá, avançamos demais e caímos na propaganda, na arte social e na literatice.

Por isso não te posso mandar nenhuma palavra animadora. Digo apenas que não concordo com você quando diz que faz arte porque “tem um temperamento infeliz e doidinho”. Tenho uma grande,

uma enorme esperança em você e já te disse que você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos. Apenas desejo intensamente que você não avance demais para não cair do outro lado. Tem de ser equilibrista até o final. E suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer – e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade. Tem de fazer isso todos os dias, para os outros como se na vida você não tivesse feito outra coisa, para você como se fosse a primeira vez, e a mais perigosa. Do contrário seu número será um fracasso.

Agora, espero mais intensamente ainda que você descubra o que é que esse seu livro vai ser. Porque o outro se descobriu por si mesmo, você nem percebeu o que ele se arriscou a ser nem por que abismos andou. Espero que você saiba apenas isso: estou escrevendo um livro sobre uma mulher que não queria ter filhos. Ou sobre uma mulher que só queria dançar. Ou sobre uma mulher que tem medo dos homens. Saber somente que está escrevendo um livro sobre uma mulher é muito pouco. E saber que não querer ter filhos é um absurdo, dançar apenas é futilidade e os homens fazem medo porque são muito brutos – é saber demais.

[...]

TÁ BEM, Clarice Lispector! Me mande notícias do seu livro, notícias detalhadas, estou ansioso por saber e quero fazer aqui minhas conjecturas quanto ao meu. O meu está parado, mas vai indo. O artigo do Álvaro Lins, já calculo o que ele terá dito. Fico revoltado, raivoso, parcialíssimo: Álvaro Lins é um cretino. [...] Me escreva, Clarice. Meu livro se chama “Os Movimentos Simulados”. Como é que se chama o seu?

Um abraço amigo do

Fernando

(Sabino, 2001, p. 24-31, grifos do autor)

Sabino inicia a carta com uma longa reflexão sobre o sentido da vida, na qual compartilha sua insatisfação. O escritor primeiro atribuiu à juventude e à pressa de viver a culpa por esse sentimento e afirma que é preciso paciência para realmente enxergar a realidade: “Isso é que é viver, e viver afinal é questão de paciência” (Sabino, 2001, p. 24). Em seguida, afirma que o problema está na impossibilidade do ser humano de se contentar em apenas viver: “Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. [...] Porque viver apenas não basta” (Sabino, 2001, p. 25). A solução seria, segundo ele, cada um encontrar a sua convicção

e trabalhar por ela e a partir dela: “É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela” (Sabino, 2001, p. 25).

Segundo o escritor, a angústia vem da falta de consciência: “a gente se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo” (Sabino, 2001, p. 27). Então, Sabino apresenta o que podemos chamar de “estatuto da criação literária”. Note que na carta há duas expressões destacadas: a primeira é “*como*”, a segunda é “*o que é*”. Sabino afirma que o “*como*” é a parte sabida da produção literária e que, mais importante do que saber *como*, é saber *o que* o livro será: “Então é preciso descobrir antes *o que é* nosso livro. Um protesto? uma tristeza? Uma vida? um elefante?” (Sabino, 2001, p. 27). A literatura seria o testemunho de um escritor e, se esse testemunho não é feito conscientemente, será feito arbitrariamente por outros: “Mas alguma coisa o livro tem de ser, certo ou errado, contra ou a favor da gente. É preferível que seja a favor, então temos de descobrir o que ele vai ser” (Sabino, 2001, p. 27). Sabino finaliza reafirmando a grande admiração que tem por Clarice e a confiança na sua habilidade literária: “você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos” (Sabino, 2001, p. 27). Para não fracassar, ela dever ser como uma equilibrista: “Suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer – e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade” (Sabino, 2001, p. 28). Sobre a crítica, aconselha que Clarice não se deixe abater pelas avaliações: “Álvaro Lins é um cretino” (Sabino, 2001, p. 29). E apresenta o livro que escrevia no momento, *Os movimentos simulados*, que seria publicado somente em 2004 em uma homenagem póstuma a Clarice: “Pois aqui vai, atendendo à minha amiga Clarice, quase 60 anos depois, o romance *Os movimentos simulados*” (Sabino, 2004, p. 6).

Quem tiver a oportunidade de conhecer o conjunto de correspondências publicadas por Sabino em três volumes no início dos anos 2000² poderá certamente perceber que os principais argumentos apresentados na carta-resposta são oriundos das discussões travadas na correspondência com Mário de Andrade. Publicada com título *Cartas a um jovem escritor e as suas respostas* (2003), a correspondência, trocada

² *Cartas a um jovem aprendiz e suas respostas, Cartas perto do coração, Cartas na mesa.*

entre 1942 e 1945, reúne discussões sobre vida e literatura, nas quais Mário orienta o amigo e escritor estreante. Segundo Betella (2008), “Nas cartas, o que mais se discutiam eram os problemas do processo criador, além das questões pessoais” (Betella, 2008, p. 339). Mário defende nas cartas que o artista tenha uma convicção e que use a literatura em prol dela. Note, nos excertos abaixo³, retirados de cartas de Mário de Andrade, a semelhança com as afirmativas feitas na carta-resposta a Clarice.

Sim, nós podemos fazer bem boazinha a nossa vida particular. Mas isso não basta. (Andrade *apud* Sabino, 2003, p. 163).

Praque imaginar si do outro lado do túnel faz dia ou faz noite? Só tem um jeito de saber: é ir até lá. (Andrade *apud* Sabino, 2003, p. 97).

Você pode não participar da vida, mas a sua obra, si não for um elemento do seu combate (o que é nobre), será elemento pro combate dos outros. (Andrade *apud* Sabino, 2003, p. 144).

Sabino escreveu a primeira carta a Mário de Andrade aos 18 anos, quando acabara de publicar seu livro de estreia e dava passos ainda titubeantes na carreira literária. A partir das noções de *personas* e de verdade do indivíduo apresentadas por Moraes (2005), podemos pensar que Sabino, “aprendiz” na correspondência com Mário, assume na carta-resposta o papel de “mestre” ao repassar a Clarice conceitos discutidos com Mário de Andrade. Assim como Mário, Sabino assume uma *persona* solidária e afetuosa, alguém que compartilha das dificuldades concernentes à produção literária, mas que mostra conhecer as soluções e as apresenta de acordo com a sua verdade. Clarice, por sua vez, assume uma *persona* que demonstra certa fragilidade e dúvida quanto à sua literatura: “Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço” (Clarice *apud* Sabino, 2001, p. 21). Essa suposta inadequação, porém, não convence Sabino que reafirma a fé na qualidade da literatura da escritora: “você avançou na frente de todos nós” (Sabino, 2001, p. 28). Por outro lado, a escritora mostra-se também receptiva e desejosa de aprimorar sua arte: “Trabalhar é minha verdadeira moralidade” (Clarice *apud* Sabino, 2001, p. 21).

³ A grafia foi mantida conforme o original.

3 Considerações finais

Para Galvão (1998, p. 155) a correspondência nos dias atuais assume uma função que ultrapassa o comunicativo, constituindo-se num registro importantes de informações biográficas, estéticas e literárias. Nas cartas-exemplo, foi possível visualizar, além dos relatos de vida que contribuem para a construção das biografias de Fernando Sabino e de Clarice Lispector, discussões que nos ajudaram a compreender suas escolhas estéticas, sua relação com a crítica e as dificuldades enfrentadas no início de suas carreiras.

Moraes (2005, p. 12) nos alerta que o missivista constrói *personas* e verdades conforme o destinatário. Nas cartas selecionadas, pudemos também conhecer as *personas* construídas por cada missivista para seu correspondente. O amadurecimento intelectual de Sabino fica aparente na construção de uma *persona* que, não mais apenas recebe ensinamentos, mas que apresenta contribuições a seu destinatário, numa troca mais igualitária do que na correspondência com Mário de Andrade. O desejo de aprimoramento de Clarice, por outro lado, transparece numa *persona* que apresenta e discute suas fragilidades com o interlocutor em busca de soluções. Esperamos ter podido demonstrar, nesta breve reflexão, um pouco da riqueza e da importância deste conjunto de cartas para os estudos literários dos escritores focalizados.

Referências

BETELLA, G. K. O papel das cartas e das confissões na ficção de Fernando Sabino. In: *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. n. 8/9. São Paulo: Ed. 34, p. 339, 2008.

BUENO, L. Divisão e unidade no romance de 30. In: WERKEMA, A. S. et. al. *Literatura Brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.18, 2012.

GALVÃO, W. N. À margem da carta. In: *Desconversa* (ensaios críticos). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 155-156, 1998.

GALVÃO, W. N. Entrevista concedida a Marcos Antônio de Moraes. In: *Teresa* revista de Literatura Brasileira. n. 8/9. São Paulo: Ed. 34, p. 18, 2008.

MORAES, M. A. (Org). *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna, p. 12, 2005.

ROCHA, F. C. D. A escrita de si na correspondência de Clarice Lispector. In: *Matraga: Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 168-190. 2006. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga18/matraga18a08.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SABINO, F. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SABINO, F. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SABINO, F. *O tabuleiro de damas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SABINO, F. *Os movimentos simulados*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

SANTIAGO, S. A crítica literária no jornal. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 162, 2004.

SANTOS, N. E. dos. A crítica jornalística sobre Clarice Lispector (1943-1997). In: *Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação – IEL*, p. 385-394. 2002. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6237/7038>. Acesso em: 31 ago. 2023.

VIEIRA, N. A linguagem espiritual de Clarice Lispector. In: *Travessia*. n. 14, p. 84, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17509>. Acesso em: 31 ago. 2023.

Data de recebimento: 29/04/2023.

Data de aprovação: 26/09/2023.

VARIA



A nota campestre na literatura portuguesa

The Country Note in Portuguese Literature

Edgard Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
edgardpreis1@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-9799-3055>

Resumo: Este artigo propõe pensar a fixação do espaço rural na obra de expressivos autores portugueses.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Poesia Portuguesa Contemporânea; Espaços rurais

Abstract: This article proposes think about the fixation of rural spaces in the work of expressive Portuguese authors.

Keywords: Portuguese Literature; Portuguese Contemporary Poetry; Rural Spaces

Em tempos recentes, a sociedade portuguesa tem dado importante passo no sentido de se modernizar, aproximando-se mais da Europa. A euforia pós abril de 1974 reflete profundas mudanças estruturais, envolvendo o processo de descolonização de domínios africanos, o termo de uma sangrenta guerra colonial e de uma ditadura que se manteve ao longo de quatro décadas. A marcante atuação militar no processo revolucionário de 1974 atenuou em parte o conflito entre militantes sociais e os setores conservadores, num quadro de violentos atentados e comoção social que vigora até abril de 1976, quando se realizam finalmente as eleições legislativas. José Hermano Saraiva, registrando

a “alegria pelo termo de um regime que tinha durado quatro décadas”, sintetiza os desdobramentos ocorridos no contexto:

E, enfim, todos se sentiam empolgados pelo magnetismo da palavra liberdade, embora o conteúdo do termo pudesse ser muito diferente para uns e para outros. E pode dizer-se que esses três valores – mudança, paz, liberdade – eram festejados por todos. Mas sob o calor dos sentimentos latejavam contradições irredutíveis (Saraiva, 1999, p. 367).

A inserção na Europa e a subsequente entrada na Comunidade Econômica Europeia, (atual União Europeia) a partir de 1985, com a assinatura do tratado no Mosteiro dos Jerônimos, não deixa de ser vista como compensação pela saída tumultuada de África. Rodrigo Tavares, em artigo publicado em revista semanal brasileira, assim se refere a Portugal, refletindo postura consensual entre intelectuais e jornalistas: “um país que há 30 anos era conhecido como taciturno, tradicionalista e agrário” (Tavares, 2016, p. 32). Os dois primeiros qualificativos poderiam avançar, expressando uma imagem ligada de forma estreita ao contexto salazarista: um país conservador, isolado, policialesco, colonialista. O último adjetivo, no entanto, “agrário”, parece colar-se radicalmente à imagem de um país, inesperadamente dividido diante do desafio de romper a debilidade e abrir-se à urgência de modernização.

Ninguém ignora o sopro renovador que nos dias recentes atravessa a nação lusa, uma lufada de vento incapaz, no entanto, de varrer de sua cultura o pendor agrário, típico de sociedade de capitalismo tardio, de escassa industrialização. Dentre outros arcaísmos temáticos, a presença da terra tornou-se um tema recorrente na poesia portuguesa, ao longo dos anos, através da vertente bucólica ou pastoril. A nota rural, o labor na terra, a vocação agrária vem a constituir obviamente um desígnio partilhado por vários escritores. Neste breve percurso, recortam-se um nome egresso do século XIX, ficcionistas de tendências distintas, dois poetas contemporâneos, Helder Moura Pereira e José Agostinho Baptista, renovadores de uma linguagem poética de linhagem discursiva, densamente subjetiva e evocadora. A constatação deste veio não ignora o forte condicionamento do espaço e a deriva urbana na produção poética de Cesário Verde e Helder Moura Pereira. De Cesário são sobejamente conhecidos e apreciados os poemas que tematizam a cidade moderna, com destaque para “O Sentimento dum Ocidental”. De Moura Pereira

releem-se as notações urbanas (*magasins, elevador, gare, pensão, hotel*) e as marcantes imagens da cidade noturna, flagradas em *Sedução pelo inimigo* (1983): “Nunca/ tinha visto Lisboa tão branca de noite/ nem um banco de táxi foi tanto repouso” (Pereira, 1990, p. 146).

No contexto da literatura realista, defrontamo-nos com os poemas de Cesário Verde, um dos mais importantes poetas surgidos no século XIX. Alberto Caeiro, heterônimo pessoano de tendência bucólica, portador de uma sabedoria ingênua, fez questão de ver Cesário como um poeta essencialmente do campo: “Ele era um camponês/ que andava preso em liberdade pela cidade” (Pessoa, 1986, p. 139). Autor lúcido, marcado pela atmosfera científica do seu tempo, Cesário produz uma obra selada pela ambiguidade entre os valores do campo e os da cidade, transferindo para aquele os nexos positivos: a liberdade amorosa, a vida saudável, o passado. Tais elementos equilibram-se, comenta Margarida Vieira Mendes, “como forças vitais, a fim de que o sujeito possa sair vitorioso da crise provocada pelo eterno retorno de um dos grandes recalcados de sempre: a morte” (Mendes, 1987, p. 29). A exaltação bucólica evidencia-se no poema “Nós”, discurso lírico focado na aliança entre memória e escrita, em que os eventos do passado evocados (“segundo o que me lembro”) sugerem uma identidade poética radicalmente forjada pelo contato direto com a natureza:

E o campo, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro.
(Verde *apud* Mendes, 1987, p. 124).

Para alguns são prosaicos, são banais
Estes versos de fibra succulenta;
Como se a polpa que nos dessedenta
Nem ao menos valesse uns madrigais!
(Verde *apud* Mendes, 1987, p. 130).

Combalido e frágil, num discurso repassado de notas sociais, o poeta que, em outras criações (“Esplêndida”, “Deslumbramentos”) externara a atração irresistível à beleza feminina, evidencia, no poema

“Cristalizações” a força bruta dos operários do campo, sem conseguir disfarçar uma exaltada e explícita admiração:

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo.
(Verde *apud* Mendes, 1987, p. 107).

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados
Como lajões. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias, dos montados:
Os das planícies, altos, aprumados;
Os das montanhas, baixos, trepadores!
(Verde *apud* Mendes, 1987, p. 108).

Nem por sombras, coletânea de 1995, de Helder Moura Pereira, abre-se com um poema que descreve um suposto operário rústico e, no qual, são emitidos informes relativos a escavações na terra, no esboço de uma cena de trabalho braçal:

De picareta na terra, descobrindo
a água, gosta de ficar por aqui
assim só a passar o tempo.
Não parece profunda a convicção
com que a tesoura vai aos nós!

Mas nascem bolhas nas mãos
e é mais pobre o pensar, ou não
será, que desdenha da poesia.
De pernas riscadas de silvas
há quem prometa dançar.

De cuspo em cabos de pás
são mãos de retratos físicos!
(Pereira, 1995, p. 11).

No pórtico do livro, ficam associados estreitamente dois ofícios – o do lavrador (o que abre valas na terra) e o do poeta (o que abre valas na

linguagem), numa evidente sugestão telúrica. Um trabalha, desbastando, a terra; o outro, operando com a palavra, trabalha a linguagem. A última estrofe, através do convite emitido, instaura, para ambos, (o enunciador e o operário difusamente retratado) a celebração de uma “prometida festa”, a possibilidade de uma integração através da dança, com os elementos típicos de uma oportuna celebração: “Adapta-te ao meu ritmo, vai / nos meus motes sinceros, dança / então a prometida festa, verifica / a pressão do ar, recebe / o meu imposto regular” (Pereira, 1995, p. 11).

O recorte das mãos (“Mas nascem bolhas nas mãos”) intersecciona os ofícios por elas operados: as que trabalham a terra, as que escrevem poemas. As notas intertextuais insinuam-se, nítidas, através da referência aos cuspos (presentes nos dois autores) e o foco nas mãos: as “bolhas nas mãos”, nos versos de Moura Pereira, dialogam com as “calosas mãos gretadas”, do poema de Cesário. A aproximação entre a atividade poética (ritmo, mote) e a atividade braçal (picareta, tesoura) anula as chances de confronto entre as duas esferas e delinea a atenção ao trabalho com a terra. Sintomático que o poema seja a abertura de um livro. Com a assinatura de Helder Moura Pereira, autor de deliberados versos discursivos, “o poeta que mais frontalmente contrariava a atenção predominantemente lexical herdada da geração de 60 (característica, aliás, largamente infirmada pelo trabalho recente dos poetas desta geração)” (Mexia, 1998, p. 340-341). Não falta, no segundo poema do livro, virando a página, uma alusão positiva endereçada à natureza: “Detive-me. Era manhã cerrada, / sim, mas dissipou-se. E mesmo o ar / é o ar puro à beira de cedros”. Na sequência, vai-se delineando, ao longo dos poemas, o desenho de um movimento pendular: o que, de início, portava uma aura campesina (um homem a cavar a terra), – “trabalhastes aí fora, abrindo a vala. / Pulmão livre, dilatado!” (Pereira, 1995, p. 12) – em outros poemas passa a disseminar indícios de morte: “Acasos, eu levo os paus e ponho / a arder fogos na fogueira, sei / que sou uma matéria que vai morrer” (Pereira, 1995, p. 17). Não seria despropositado lembrar o que refere Heidegger, no sentido de reforçar a estreita relação entre linguagem e ideia de morte:

Os mortais são os que podem fazer a experiência da morte como morte. O animal não o pode. Mas a fala também está vedada ao animal. Como num clarão repentino, salta aqui aos olhos a relação constitutiva entre a morte e a linguagem (Vattimo, 1987, p. 58-59).

A receptividade à cultura popular alarga-se com a disponibilidade à inscrição de provérbios, tidos tradicionalmente como vias de acesso ao saber. Temos alguns desses sinais: “Quem não tem a certeza/ do caminho traz consigo quem/ lho ensine” (Pereira, 1995, p. 23); “Dá-me azar quando passa/ um padre” (Pereira, 1995, p. 15); “Se o ninho no tijolo/ traz a morte eu culpo a chuva/ e os compradores de terras” (Pereira, 1995, p. 17), formas expressivas de sintetizar a experiência de um grupo social. A linguagem poética tem sido associada à experiência humana, chegando a ser compreendida pelo filósofo Gianni Vattimo como: “ato em que se institui um certo histórico-cultural, em que certa *humanidade* histórica vê definidos, de modo originário, os traços portadores da própria experiência do mundo” (Vattimo, 1987, p. 56).

Outro poeta contemporâneo, José Agostinho Baptista, reverbera de forma nítida o contato com a natureza, intensificado em *Caminharei pelo vale da sombra* (2011). Este autor tem desenvolvido uma obra consistente e de reconhecida unidade, em sua quase totalidade caudatária de vertentes e expedientes próprios do Romantismo, como o especial relevo ao estatuto da canção. O motivo da viagem, a exaltação do feminino, o retorno ao passado, a lírica de exaltado contorno subjetivo, a vulnerabilidade débil a aflições noturnas, o apelo à natureza, a melancolia finissecular formam uma constelação de recorrências e tópicos de extração neorromântica, presentes em estilos posteriores (Simbolismo e o Surrealismo) e que se mostram bastante produtivos em sua poética. Sua dicção retoma, com tonalidades singulares, acentos tradicionais, comuns a poetas lusos que publicaram em *Presença*, como Edmundo de Bettencourt, Alexandre D’Aragão, António Navarro e Afonso Duarte.

Neste livro, *Caminharei pelo vale das sombras*, extenso e laborioso poema que ultrapassa duzentas páginas, um sujeito mergulha por inteiro no passado, em busca de lembranças, ou recriando situações vividas no campo, em versos longos, espraiados e emotivos, de ritmo intenso e vertiginoso:

De ti e de mim fariamos as taças que transbordam,
gota a gota,
nas regiões incólumes da memória.
Hoje, nos teares de um pensamento, desfiamos o algodão
das plantações de outrora.
Por isso nos ressentimos,

como a corola perante as pétalas.
(Baptista, 2011, p. 65).

O título, num livro em que a memória desempenha um papel importante, enuncia não uma atividade mental, contemplativa, mas um investimento numa instância deambulatória, nômade e dinâmica (*caminharei*), a ser cumprida num espaço obscuro, de esgarçada nitidez (*vale da sombra*). O objeto do investimento, a busca das origens ou da dimensão futura, apenas resguarda o tom de profecia, de que se reveste a amarga e desiludida voz poética: “Se hoje pudesse,/ ao cortar a romã das terras frias,/ faria para ti uma grinalda de sangue vivo,/ e devagar,/ quase em surdina, dir-te-ia ao ouvido: tu és a senhora/ deste reino,/ tu encadeias os vales para que não se detenha a sombra” (Baptista, 2011, p. 17). Sentindo-se dividido num tempo presente inóspito, pelo que representa de ruptura com uma experiência anterior, em plano temporal distante, o sujeito recolhe vestígios, resíduos de uma época idealizada, a que não são estranhas as ressonâncias bíblicas: “Contorces-te, quando me aproximo,/ e benditos são os frutos do teu ventre, no oásis onde/ amadurecem” (Baptista, 2011, p. 134). Processo universal de recuperação do vivido, a memória presta-se, no caso, à partilha desesperada de um universo subjetivo, em que a figura materna, confluência do rol interminável de evocações, síntese maior de todas as perdas, delineia-se como eixo do conhecimento primordial do mundo:

Aroma incontido,
avencas brutais na tua mansão de horas insones, que
pouco a pouco se desprendem.
Prende-me na rotação dos teus braços,
nas pás do teu moinho,
onde trituras o cereal das descendências.
(Baptista, 2011, p. 28-29).

Se a matéria evocada, através da recuperação afetiva do passado, vem excessivamente tocada pela conformação subjetiva, nem por isso deixa de participar da herança universal, pelo teor de contingência que caracteriza os eventos humanos. A memória é individual, mas a contingência dos acontecimentos é realidade para todos:

Os meus perfumes são de giestas, de amarelos girassóis
cabisbaixos,

de plantas salgadas,
 de ofícios clandestinos,
 quando me apertas nos teus anéis de fogo.
 Sou o lado de dentro dos filhos que dormes,
 e durmo com eles
 (Baptista, 2011, p. 149).

A evocação delicada da infância, matizada por uma natureza diáfana, pequenos incidentes e tradições que remontam a um mundo idealizado, é entrecortada por lamentos e queixumes, motivados por golpes do destino e forças adversas. Matéria privilegiada de enunciação, o passado revisitado descortina forte teor melancólico: os seres e lugares selecionados pela memória se revestem de sinais de devastação e morte: “Por isso,/ não me reencontro noutras paragens sem este espectro/ de erosões e perdas,/ e vou para trás, através de ti, como quem vai por um/ beco sem saída” (Baptista, 2011, p. 53-54).

O fôlego privilegiado para o canto e voo estendidos, de emoções sempre renovadas, no uso de metáforas altissonantes e algum léxico precioso, no ritmo frenético de aliteraões, por vezes beirando o delírio, aproxima-o da grandiloquência do brasileiro Castro Alves, porta-voz de uma poesia designada como condoreira, no Romantismo: “Sim, eu fui o vento, e ao subir as penhas,/ vi uma águia” (Baptista, 2011, p. 107);

(...) talvez a música seja isto,/ um martelo nos tímpanos,/ um país distante onde alisam as penas dois albatrozes,/ indecisos, perplexos,/ sem outra razão que não seja um veloz esvoaçar,/ rasgando a nuvem,/ para que Deus saiba quanto é íngreme a sua obra. (Baptista, 2011, p. 116).

Se o arroubo solene e a sensibilidade desenfreada traem alguma nuance passadista, trata-se, porém, de efeito enganoso, uma vez que, nesse canto magoado que não se cansa de repassar os acordes fundos da elegia, o sujeito poético não se exila em paraísos artificiais, nem reduz as notas de desencanto em face do mundo real.

A floração da temática rural não se restringe ao território da poesia, expande-se também, e com notória desenvoltura, para a prosa. A ficção produzida no contexto do Romantismo reproduz de forma intensa a dimensão rural da sociedade lusa, como se pode apreender nas palavras exaltadoras do trabalho no campo, na pena de Júlio Dinis,

por muitos considerado um intérprete ingênuo da realidade: “Trabalhei muito, Sr. Jorge; não é só com água que se regam estas terras para as ter no ponto em que as vê; é com o suor do rosto de um homem” (Dinis, 1994, p. 65). Para além da rósea concepção bucólica que fundamenta as relações do homem com a natureza, não se podem ignorar os fatores socioeconômicos infiltrados, dos quais têm consciência alguns autores situados entre o Romantismo e o Realismo. A ficção de Júlio Diniz mostra-se eloquente no afã de revelar a íntima conexão entre os conceitos de prosperidade e os de labuta rural: “Vê as coisas como elas são. O trabalho é nobre por certo, mas a poesia dele nem sempre a percebe quem muito de perto lhe conhece as fadigas” (Dinis, 1994, p. 88). Muitas vezes o que se encarece é o conflito entre a aristocracia decadente e os novos proprietários rurais, em franco desenvolvimento, graças ao trabalho árduo:

Além de que – prosseguiu Jorge pensativo – naqueles tempos, as classes privilegiadas podiam entregar-se sem receio a uma vida de incúria e de dissipação, porque os privilégios velavam por elas e remediavam-lhes os desvarios; adormeceram nessa confiança e não sentiram que tinham mudado as condições sociais (Dinis, 1994, p. 65).

Neste quadro, a ideia de propriedade rural costuma misturar-se à de felicidade:

Meu! Eu não me fartava de repetir esta palavra! Meu! Estas árvores eram minhas, estas fontes eram minhas, até estes pássaros, que por aí cantavam, eram meus, porque enfim vinham fazer ninho e cantar no que me pertencia (Dinis, 1994, p. 71).

Em Camilo Castelo Branco, consolida-se uma certa aversão às promessas de progresso que, ao longo do desenvolvimento das civilizações, se atribuiu às cidades. A ideia de valorizar a vida no campo encontra no romancista de *Amor de Perdição* um declarado militante. Como afirma Adolfo Casais Monteiro: “Seria a recusa bucólica, rural, primitiva, a todas as formas de organização contra a natureza que têm na vida urbana a sua expressão mais característica” (Monteiro, 1964, p. 280). O mesmo crítico projeta a temática rural, presente na novelística camiliana, à categoria de valor perdurável, para além de conotações de atraso ou avanço:

E se nos lembrarmos que Portugal não chegou a realizar uma “civilização urbana própria”, que as maiores e mais verídicas expressões que revelam o homem português são essencialmente rurais, podemos então vislumbrar que talvez Camilo, em vez de atrasado, tenha tido mais autêntica consciência que qualquer outro nosso escritor, das linhas de vida que desenham o retrato do povo português (Monteiro, 1964, p. 281).

Uma particularidade da ficção camiliana, centrada no desejo de amar e nos sobressaltos daí decorrentes, confere-lhe uma importância capital: suas personagens, oriundas da camada popular, refletem os ideais e aspirações comuns da sociedade. É o que se infere de um comentário de Helena Carvalhão Buesco:

As personagens que os vivem não são seres de exceção ou de eleição trágica como os amantes a quem visita o amor – único e à primeira vista. São antes seres quase banais, correntes, um tanto arrastados por uma enxurrada de códigos culturais e comportamentos que imitam mas de que não entendem o porquê (Buescu, 1997, p. 84).

Cabe na altura uma breve aproximação às páginas finais de *A ilustre Casa de Ramires*. O processo de descolonização das terras africanas, ocorrido nas décadas de 70 e 80 do século XX, coloca um termo na imagem de aventuras que a África (para onde o protagonista acaba viajando) suscitava em Gonçalo: “Qual Lisboa!... O que eu necessito é uma viagem imensa, à Hungria, à Rússia, a terras onde haja aventuras” (Queirós, 1991, p. 231). Será na “estrada costumada dos Bravais”, que o fidalgo vai, extasiado, contemplar a natureza:

Ora enterrada entre valados, ora entre toscos muros de pedra solta, a vereda seguia sem beleza, e cansativa: mas as madressilvas nas sebes, por entre as amoras maduras, rescendiam: o fresco silêncio recebia mais frescura e graça dos frêmitos de asa que o roçavam; e tanto era o radiante azul nos céus serenos que um pouco do seu rebrilho e serenidade se instilava na alma. Gonçalo, mais desanuviado, não se apressava (Queirós, 1991, p. 231).

Na sequência de uma penosa e complexa aprendizagem, Gonçalo decide tomar conta de si, afasta-se do passado decadente e opressor (entulho de “lixo e saia suja”), reconhecendo a necessidade de mudança:

direcionar “a sua própria encaminhada enfim para uma ação vasta e fecunda, em que soberanamente gozasse o gozo do verdadeiro viver, e em torno de si criasse vida” (Queirós, 1991, p. 280). Eduardo Lourenço é incisivo, ao eleger Eça de Queirós o analista mais capacitado entre os intelectuais, o que significa repensar a dimensão de Tormes como a pátria ideal e de Fradique Mendes como um apelo à diversidade, matizado na dimensão de opositor ao colonialismo e de apelo ao descentramento:

De todas as interpretações da realidade nacional da Geração de 70 – e acaso do século e de sempre, à parte a não-patológica ainda de Garrett – a mais complexa, a mais obsessiva, ardente, fina e ao fim e ao cabo a mais bem sucedida, por mais adequada transposição mítica, sentido da realidade e criação de imagens e arquétipos ainda de pé, é sem dúvida a de Eça de Queirós (Lourenço, 1988, p. 95).

O conflito explorado em *A Cidade e as Serras* tem raízes profundas na cultura lusa; as (mais uma vez) páginas finais, bastante conhecidas, reforçam a ideia de felicidade alcançada no contato com a natureza e as coisas simples:

A tarde adoçava o seu esplendor de estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes das flores silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e reluzentes. Toda a passarinhada cantava, num alvoroço de alegria e de louvor. As águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa mais animada (...) (Queirós, 1997, p. 224).

A insistência em nomear a dimensão rústica, como espaço privilegiado em que é dado ao homem exercer sua vontade de afirmação, manifesta-se também, de forma marcante, na ficção de Aquilino Ribeiro. O conflito entre a configuração do ser individual e o ser social, representado em seus romances, reforça a ideia de que o homem não se caracteriza apenas como produto passivo do meio, mas como agente de transformação. Suas descrições detalhadas da natureza destacam-se pelos fortes apelos sensoriais, de alguém que não esconde seu fascínio pelo campo:

Fora do caminho emparedado dos quintais, a campina descobriu-se, descendo para o rio em socalcos, ora verdes ora loiros, consoante renovos ou messe. E, nela, as cerejeiras muito negras e

os castanheiros, cobertos de passamanaria de outro e esmeralda, tinham o relevo de belas e grandes coisas desincrustadas. No couto, à outra banda, a primavera acabava de passar, deixando ainda na onda do verde, como lumes inextintos, as lágrimas amarelas do tojo e dum ou de outro sargaço, e estas florinhas esponjosas, sem nome, dum roxo de chaga decomposto, que se erguem no cabo de altos e finos hastis e são um milagre de graça e de leveza. (Ribeiro, 1924, 50).

Aquilino substitui a concepção medieval de fidalguia ociosa pela nova consciência liberal que desafia o sistema de aparências, ao questionar o predomínio dos códigos sociais sobre a autonomia individual, ao relativizar o peso das soluções racionais diante da fúria dos instintos. Valoriza a vontade individual, no confronto com os códigos sociais, nomeando o esforço humano no sentido de potencializar a energia com que foi dotado pela natureza, reiterando a crença de que os camponeses potencializam a expansão dos grandes valores. Segundo assevera Nelly Novais Coelho:

a conquista da vida depende da dimensão de uma Vontade atuante... uma Vontade irreduzível e potente que marca afinal, todos os heróis rústicos, que vivem no mundo aquiliniano. É no rústico, e não no civilizado que vamos encontrar a mais alta afirmação dos valores humanos (Coelho, 1973, p. 30).

O primeiro escopo desta investigação era salientar, como instância fundamental da literatura portuguesa, a persistência do traço telúrico. O confronto entre campo e cidade, decorrente desta tendência, alcança em *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, sua realização emblemática. Procurou-se manter um cuidado para não se capitular a uma visão reducionista, abolindo, de imediato, as evanescentes suspeitas de equiparar a temática rural a um viés excessivamente arcaico, conservador. Outro esforço concentrou-se na preocupação de esgarçar os protocolos assumidos pelos sucessivos estilos de época, em especial aqueles que se alinham numa dimensão transformadora do tecido social, como o Neorrealismo. Sem ignorar o interesse de postular um flanco de autonomia à expressão literária, libertando-a de contingências ideológicas. A evolução da escrita romanesca passa a revelar, na segunda metade do século XX, uma rica diversidade temática, de estruturas, de complexos recursos narrativos (a alegoria,

o documento, o histórico, o duplo, o lúdico, o mágico, o fantástico). O diagnóstico de atitudes e posturas singulares diante do campo baliza o desenvolvimento argumentativo, geralmente numa visão positiva (Júlio Dinis, Camilo C. Branco, Eça).

O inverso (o rural com sinal negativo) também ocorre. Inúmeras instâncias narrativas, em *Memorial do convento*, de José Saramago, descrevem aglomerados humanos, vistos como rebotalhos, na cadeia social, com hábitos e costumes a um passo da barbárie, comprimidos em redutos insalubres e mal cheirosos – são operários da construção da basílica, vivendo em condições próximas à escravidão, em espaços análogos a um entrelugar fantasmático: nem ainda cidade, nem mais natureza, nem ainda civilização.

Foram as ordens, vieram os homens. De sua própria vontade alguns, aliciados pela promessa de bom salário, por gosto de aventura outros, por desprendimento de afectos também, à força quase todos. Deitava-se o pregão nas praças, e, sendo escasso o número de voluntários, ia o corregedor pelas ruas, acompanhado dos quadrilheiros, entrava nas casas, empurrava os cancelos dos quintais, saía ao campo a ver onde se escondiam os relapsos, ao fim do dia juntava dez, vinte, trinta homens, e quando eram mais que os carcereiros atavam-nos com cordas, variando o modo, ora presos pela cintura, uns aos outros, ora com improvisada pescoceira, ora ligados pelos tornozelos, como galés ou escravos. (Saramago, 1992, p. 291-292).

No romance *Alegria breve*, de Vergílio Ferreira, numa aldeia secular, isolada em ambiente inóspito de serras e rochas, raros moradores resistem, em sobrevivência custosa e anacrônica, entre hábitos arcaicos, envoltos pela recordação dos mortos. Assim descreve o narrador uma igreja em ruínas, após registrar o movimento de abandono, com a consequente deterioração e decadência, o êxodo rural em direção aos grandes centros, aos países europeus, ao Brasil:

Por toda a parte, aliás, se acumulava o lixo – nas toalhas dos altares já negras de pó e talvez de dejectos, no chão onde a calíça se ia amontoando. Cheira a ratos e cera velha, o tecto apodrece, verga em bojo. (...) Hirtos, nos altares, os santos assistem, do fundo do tempo escutam. Velados de sombra, imóveis espectros, pelos recantos, nos altares (Ferreira, 1973, p. 156).

A tentativa de esclarecer o título possibilita ao narrador um esboço de autoconhecimento:

O meu corpo o sabe, na humildade do seu cansaço, do seu fim. Alegria breve, este meu sabê-lo, esta posse de todo o milagre de eu ser e a deposição disso para o estrume da terra. Sento-me ao sol, aqueço. Estou só, terrivelmente povoado de mim. Valeu a pena viver? Matei a curiosidade, vim ver como isto era, valeu a pena. É engraçada a vida e a morte. Tem a sua piada, oh, se tem (Ferreira, 1973, p. 234).

A assertiva torna-se nítida, ainda que atravessada pela ironia, talvez por se ajustar ao conjunto de fatores relacionados ao contexto (o sol, a neve, a aldeia deserta), articulando o título ao processo do conhecimento: “o corpo o sabe”, “este meu sabê-lo”.

Observa-se, na postura diante do ambiente rural, o registro de uma matéria fortemente ligada à tentativa de compreensão e crítica da identidade portuguesa, de que resulta uma imagem multifacetada (idealizada e mítica no Romantismo; trágica, irônica e questionadora no Realismo e no Modernismo). Júlio Dinis, Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira e José Saramago, retomam, sob distintos matizes, esse filão diegético, sensíveis ao seu uso agregador e produtivo.

Referências

BAPTISTA, J. A. *Caminharei pelo vale da sombra*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.

BUESCU, H. C. *Dicionário do Romantismo literário português*. Lisboa: Caminho, 1997.

COELHO, N. N. *Escritores portugueses*. São Paulo: Quíron, 1973.

DINIS, J. *Os fidalgos da Casa Mourisca*. (S. l.): Ulisseia, 1994.

FERREIRA, V. *Alegria breve*. Lisboa: Arcádia, 1973.

LOURENÇO, E. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

MENDES, M. V. *Poesias de Cesário Verde*. Lisboa: Comunicação, 1987.

MEXIA, P. Recensão crítica a *Nem por sombras*, de Helder Moura Pereira. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 147/148, p. 340-341, jan. 1998.

MONTEIRO, A. C. *O Romance* (teoria e crítica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

PEREIRA, H. M. *Nem por sombras*. Porto: Afrontamento, 2005.

PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

QUEIRÓS, E. de. *A cidade e as serras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996; São Paulo: Publifolha, 1997.

QUEIRÓS, E. de. *A ilustre Casa de Ramires*. Mem Martins: Europa América, 1991.

RIBEIRO, A. *Estrada de Santiago*. Paris/Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1924.

SARAIVA, J. H. *História concisa de Portugal*. Mem Martins: Europa América, 1999.

SARAMAGO, J. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TAVARES, R. As vantagens de um ajuste fiscal. *Época*, São Paulo, n. 955, p. 32, 3 out. 2016.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade*. Trad. Maria de Fátima Boavida. Lisboa: Presença, 1987.

Data de submissão: 27/09/2023.

Data de aprovação: 09/11/2023.

TRADUÇÃO



O estilo tardio de Beethoven¹

Theodor W. Adorno

Tradução:

Roberto Bezerra de Menezes

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil

robertobmenezes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9504-5388>

A maturidade das obras tardias dos grandes artistas não se compara à de um fruto. Elas raramente são redondas e lisas, mas rugosas, até mesmo devastadas; destituídas de doçura, amargas e espinhosas, não se oferecem ao mero deleite; falta-lhes a harmonia que a estética neoclássica tem por hábito exigir de uma obra de arte e carregam mais a marca da História que a de um crescimento. Normalmente, a opinião geral as explica como produtos de uma subjetividade ou mesmo de uma “personalidade” que se manifestaria sem quaisquer escrúpulos e que, por submissão à expressividade, romperia a arredondada integridade da forma, transformando a harmonia em dissonância dolorosa e recusando o encanto sensorial em proveito da autossuficiência do espírito enfim

¹ As seguintes edições foram consultadas para a presente tradução:

ADORNO, Theodor W. Spätstil Beethovens. In: *Musikalische Schriften IV: moments musicaux · impromptus*. Frankfurt: Suhrkamp, 1997. v. 17. p. 13-17.

ADORNO, Theodor W. Late Style in Beethoven. In: *Essays on Music*. Introdução de Richard Leppert. Trad. Susan Gillespie. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2002. p. 564-568.

ADORNO, Theodor W. Le style tardif de Beethoven. In: *Moments musicaux*. Trad. Martin Kaltenecker. Genebra: Éditions Contrechamps, 2003. p. 9-12.

ADORNO, Theodor W. El estilo de madurez en Beethoven. In: *Reaccion y progreso y otros ensayos musicales*. Trad. José Casanovas. 2 ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1984. p. 21-25.

libertado. Dessa forma, as obras tardias são relegadas aos confins da arte, comparadas a um mero documento; e, de fato, raramente faltam nos comentários sobre o Beethoven tardio alusões à sua biografia e ao seu destino. É como se a teoria da arte, confrontada com a dignidade da morte humana, quisesse renunciar a seus direitos e abster-se perante a realidade.

Não saberíamos explicar de outro modo que alguém jamais tenha verdadeiramente questionado a insuficiência de tal visão, que se mostra patente quando consideramos a obra ela mesma e não suas origens psicológicas. Trata-se, pois, de conhecer sua lei formal — se se recusa a transpor a linha que separa a obra do documento, além da qual, é verdade, todo caderno de conversa² de Beethoven será mais importante do que o Quarteto em C-sharp Minor. Em todo caso, a lei formal das obras tardias é de tal modo elaborada que elas não podem ser resumidas à noção de expressão. Há, no Beethoven tardio, formas extremamente “inexpressivas”, distanciadas, de modo que se pode encontrar tanto novas construções objetivistas e polifônicas quanto uma subjetividade sem qualquer contenção. Esse caráter devastado da obra nem sempre evidencia uma resignação perante a morte ou um humor demoníaco, mas é frequentemente enigmático, de forma a ser perceptível mesmo em peças de tom sereno, quase idílicas. Este espírito incorpóreo não arrefece perante formas como *Cantabile e compiacevole* ou *Andante amabile*. Não se pode imputar diretamente o clichê do “subjetivismo” nesta atitude; de maneira geral, a subjetividade opera na música de Beethoven como em Kant, não quebrando a forma, mas produzindo-a. *A Appassionata* forneceria aqui o exemplo perfeito: sem dúvida mais densa, mais bem-acabada e “harmoniosa” que os últimos quartetos, é, porém, ainda mais subjetiva, autônoma e espontânea. No entanto, as últimas obras são superiores pelo seu mistério. Onde o encontramos?

Somente uma análise técnica das obras em questão poderia nos ajudar a rever a visão corrente do estilo tardio. Ela deveria se ater sobretudo a uma particularidade que a opinião comum ignora obstinadamente: o papel das convenções. Isto já foi bem identificado no

² Adorno aqui deve se referir aos cadernos de anotações que Beethoven utilizava, já no final da vida e em decorrência de sua surdez, para estabelecer conversas com os parentes e amigos que lhe visitavam. Há uma edição desses cadernos de 2015: *Cahiers de conversations de Beethoven*, traduzido do alemão para o francês por J.-G. Prod’homme e publicado pelas Éditions Buchet/Chastel. (N. do T.)

último Goethe ou no último Stifter, mas o encontramos do mesmo modo em Beethoven, suposto representante de uma atitude radicalmente pessoal. A questão ganha, então, rigor, uma vez que o primeiro mandamento de toda atitude “subjetivista” é não aceitar as convenções e remodelar as que são incontornáveis segundo os impulsos da expressão. Ora, é precisamente o Beethoven da segunda maneira que aproxima as figuras de acompanhamento tradicionais de uma dinâmica subjetiva, formando vozes intermediárias latentes, jogando com o ritmo ou com a tensão, entre outros meios, para dobrá-los a suas intenções, e mesmo – como no primeiro movimento da *Quinta Sinfonia* – retirando-os de sua substância temática para afastá-los da convenção graças a essa singularização. Totalmente diferente do Beethoven do fim da vida. Mesmo aí, em que se serve de uma sintaxe tão singular quanto a das cinco últimas sonatas para piano, encontramos em toda parte, encadeadas na linguagem formal, as fórmulas e as frases feitas da convenção. Elas estão repletas de sucessões de trinados decorativos, cadências e fiorituras; frequentemente, a convenção aparece sem adornos, sem transformações, sem disfarces. O primeiro tema da *Sonata* opus 110 mostra sem dificuldade um acompanhamento rudimentar em colcheias duplas que o Beethoven da segunda maneira não teria tolerado; a última *Bagatela* contém medidas de introdução e de conclusão que lembram um confuso prelúdio de uma ária de ópera – e tudo isso misturado com as camadas minerais mais duras da paisagem polifônica e com os movimentos mais sutis de um lirismo hermético. Nenhuma exegese de Beethoven, nem de nenhum outro estilo tardio, nos satisfaria se explicasse esses fragmentos convencionais somente pela via psicológica, como uma indiferença à aparência. Pois a arte encontra sempre sua essência unicamente na aparência. A relação entre as convenções e a subjetividade deve ser compreendida como a lei formal da qual emerge o conteúdo das obras tardias, na medida em que devem realmente significar mais do que relíquias tangíveis.

Ora, essa lei formal se manifesta precisamente no pensamento da morte. Se os direitos da arte definham face à realidade da morte, esta não pode seguramente ser absorvida de imediato na obra como seu “sujeito”. Imposta aos seres vivos e não às obras, a morte aparece desde sempre na arte de maneira refratada, como alegoria. A interpretação psicológica se perde nisto: ao declarar que a subjetividade mortal é a substância da obra tardia, ela espera poder apreender sem demora a morte na obra de arte; eis a coroação enganosa de sua metafísica. Ela constata certamente

a violência explosiva da subjetividade no cerne da obra tardia, mas a procura na direção oposta àquela em que se move: na própria expressão da subjetividade. Em verdade, porém, mortal em si mesma e em nome da morte, a subjetividade desaparece da obra. Nas obras tardias, a violência da subjetividade é este gesto de sobressalto com o qual ela se retira das obras. Ela irrompe não para exprimir-se, mas para se desfazer de maneira inexpressiva da ilusória aparência da arte. Nas obras, ela deixa atrás de si somente fragmentos; ela se comunica apenas por meio de lacunas, como à maneira de um código. Tocada pela morte, a mão do mestre desnuda a massa de materiais sobre os quais ela trabalhava antes; suas fissuras e fendas, testemunhas da impotência final do Eu perante o Ser, constituem sua obra última. Daí a superabundância de materiais no último *Fausto* e em *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*; daí ainda as convenções que a subjetividade não mais penetra e domina, mas, ao contrário, simplesmente deixa passar. Quando a subjetividade se evade, os estilhaços da convenção despencam: como detritos, arruinados e abandonados, se transformam finalmente em expressão, não indicando doravante o eu isolado, mas a essência mítica da criatura e de sua queda, cujas etapas marcam simbolicamente as obras tardias em distintas fases momentâneas.

Assim, as convenções tornam-se expressivas no último Beethoven enquanto representação desnudada de si mesmas. A nova concisão de seu estilo, muitas vezes notada, preenche esta função: ela não quer tanto purificar a linguagem musical de fórmulas feitas, mas liberá-las da ilusão de que o sujeito as dominaria: a fórmula liberada, desagrilhoada dessa dinâmica, fala por si mesma – mas isso apenas no instante em que a subjetividade, a ponto de escapar, a atravesse e a ilumine repentinamente de sua intenção; daí o *crescendi* e o *diminuendi* que, aparentemente independentes da construção musical, se agitam no último Beethoven.

Ele não mais sintetiza a paisagem, agora desamparada e alienada, em uma imagem. Ele a ilumina com o fogo que inflamou a subjetividade, que colide na fuga com as paredes da obra, obediente à sua própria dinâmica. Sua obra tardia permanece em processo – não como um desenvolvimento, mas uma faísca que corre entre os dois extremos, não tolerando mais nenhum centro seguro, nenhuma harmonia espontânea. Extremos que devemos compreender estritamente no sentido técnico: entre, de um lado, a homofonia, o uníssono, a fórmula significativa, e, de outro, a polifonia que se eleva imediatamente acima dela. É a

subjetividade que em um instante unifica pela força esses extremos; é ela que carrega a polifonia comprimida de tensões, que a quebra no uníssono e depois escapa, deixando para trás o som exposto; é ela ainda que converte a fórmula convencional em monumento ao que já foi, no qual a subjetividade petrificada se conservará tal qual era. As cesuras, essas súbitas descontinuidades que caracterizam tão particularmente o último Beethoven, são os momentos de fuga – a obra silencia no instante em que é abandonada e exhibe todo seu vazio interior. É somente então que surge o novo fragmento, afixado ao lugar imposto pela subjetividade explosiva e imune à ação benéfica ou maléfica de qualquer ordem. Pois o segredo repousa entre dois fragmentos e só pode ser invocado pela figura que formam juntos. Isso esclarece a incoerência de uma terceira maneira de Beethoven qualificada de “objetiva e subjetiva ao mesmo tempo”. Objetiva é a paisagem fraturada; subjetiva é a luz única dentro da qual ela resplandece. Beethoven não realiza a síntese harmônica de ambas. Sua potência dissociativa as dilacera no tempo para, quem sabe, preservá-las para a eternidade. Na história da arte, as obras tardias são as catástrofes.

1937.

Data de submissão: 16/07/2023.

Data de aprovação: 22/08/2023.

RESENHA



LOPES, Adília. *Pardais*. Porto: Assírio & Alvim, 2022.

Maria Cristina Oliveira Fonte Boa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

mariacristinafonteboa@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0002-5933-8826>

Pardais é um dos últimos livros publicados por Adília Lopes, em 2022. Esta é uma obra muito propícia para pensar a relação da poesia com as outras artes, uma vez que contém vários elementos gráficos na sua composição: na capa a reprodução de um quadro pintado pelo avô da autora, na folha de rosto uma fotografia de sua casa, fac-símiles de desenhos feitos por ela e na contracapa um dos poemas que constitui o livro e que faz menção ao quadro do avô e ao célebre *Ceci n'est pas une pipe*.

A reunião dos poemas com a fotografia, o quadro e os desenhos insere o livro *Pardais* numa sequência da obra da autora que progride rumo a um estilo próprio de texto que parece cada vez mais voltar-se a si, a assuntos de uma individualidade, assemelhando-se progressivamente a uma escrita intimista.

É claro que em relação ao texto íntimo, *Pardais* e outras obras anteriores têm um diferencial expressivo: se os primeiros são pessoais, os segundos foram publicados pela própria autora. Além disso, outra questão se interpõe: por mais que se aproxime de uma individualidade e pessoalidade em seu conteúdo, naquilo que uma escrita pessoal pode ter de mais individual, a obra de Adília se diverge: a assinatura; pois, como é sabido, Adília Lopes é um pseudônimo de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira. Portanto, aproximando-se de uma escrita de si, o texto trabalha com um duplo fingimento, na esfera da produção, por assumir um pseudônimo, e na da recepção, por fabricar um texto

íntimo, que se torna “o teatro das formas do discurso”¹ (Calle-Gruber, 1984, p. 2, tradução minha).

O fingimento é a maneira pela qual Lopes traz ênfase sobre o próprio fazer poético e sobre questões diversas da contemporaneidade. Com uma poética que se debruça sobre o “segundo grau”, ela “retira a trava de segurança (da razão, da ciência, da moral) [põe] a enunciação em roda livre, [abre] então caminho para um desligamento sem fim, [eliminando] a boa consciência da linguagem.” (Barthes, 2017, p. 80). Adentrar na obra da poeta portuguesa é deparar-se com um infinito questionar-se da enunciação, e é essa a sensação que nos traz as imagens visuais incluídas no livro, em especial a fotografia e os desenhos.

Nos últimos livros, diversas fotos pessoais da autora foram incluídas, algumas com legendas que se referem ao pseudônimo, outras enunciadas por um “eu” (*Bandolim*, 2016). Mas em *Pardais* apenas uma foto pessoal está presente e acompanha a legenda: “Fotografia da casa da autora”.

Para Barthes, a fotografia aponta sem intermédios a um referente, atestando sua existência no mundo: é “a prova-segundo-são-Tomé-aquerer-tocar-o-Cristo-ressuscitado.” (Barthes, 2018, p. 69). Diante da foto da casa, o leitor é levado a acreditar que em algum canto de Lisboa de fato uma casa se configura exatamente como esta que a fotografia mostra. No entanto, é interessante que essa foto aparentemente tão simples tenha sido incluída em uma obra lançada em 2022, uma época em que, como se tem visto, as ferramentas de manipulação e edição de imagens atingiram um grau assustador, ameaçando profundamente sistemas sociopolíticos do mundo inteiro (“Sem democracia não há alegria” (Lopes, 2022, p. 21)). Em *Pardais*, vê-se uma curiosa denúncia de inversão: num livro de poesia, um espaço de ficção como a tradição pessoana bem ressaltou, um suposto real se interpõe por meio de uma fotografia; enquanto no contexto político e social contemporâneo gerador de tal obra assiste-se à ficcionalização, ao fingimento sem limites e sem precedentes. A obra de Adília nesse sentido dá possibilidade de discutir os limites entre real e ficção.

A fotografia da folha de rosto do livro mostra a bagunça labiríntica da autora: são estantes e caixas entulhadas de objetos, velhos jornais e livros. Para Susan Sontag, “Enquanto uma pintura ou uma descrição em prosa nunca é mais que uma estreita interpretação seletiva, uma

¹ “L’intime, curieusement, y devient le théâtre des formes du discours [...]”.

fotografia pode ser tratada como uma estreita transparência seletiva”² (Sontag, 1990, p. 6, tradução minha). Certamente o que impressiona nessa fotografia é justamente a sua transparência, como objeto referencial, mas é interessante também pensar a seletividade que ela mostra: um fotógrafo, bem como um pintor, um poeta ou um romancista, pode escolher o que retirar de seu recorte; no entanto a escolha de Adília é justamente de uma parte da casa desorganizada. Ela poderia ter escolhido retratar algum motivo mais sublime por meio do qual o leitor pudesse idealizar uma bela casa. Mas, pelo contrário, Adília mostra aquilo que se esperaria estar escondido; expõe algo que se parece mais um quatinho dos fundos, uma despensa.

Este projeto de enfatizar aspectos tidos como minoritários, escondidos ou esquecidos é mantido na série de “Desenhos feitos com a mão esquerda”: 12 páginas ocupadas por fac-símiles integrais de rabiscos em uma caderneta, e que acompanham repetidamente uma data e a inscrição “penso, logo existo”. Lê-se nessas inscrições, mais que a referência à máxima de Descartes, a inabilidade motora da poeta com a escrita da mão esquerda: uma caligrafia (arte da escrita) da mão esquerda.

Os fac-símiles mostram uma caderneta de uso pessoal que constitui o retrato da intimidade de um autor, de seu espaço de criação. Num texto íntimo, um rabisco (supostamente) despropositado como este é tolerado, porém, em um livro de poesia, o mesmo gesto não tem a mesma recepção: espera-se tradicionalmente uma intenção, uma mensagem ou um ensinamento. O que Adília parece fazer é apenas um treino, um passatempo para um membro pouco hábil, e que não suscitaria nenhum interesse se não fosse um gesto que joga luz sobre uma parte do corpo humano que reside silenciada, pois na obra de um artista destro, a mão esquerda é coadjuvante e não tem um papel ativo e criativo, ainda que seu trabalho subsidie o da mão direita. Neste sentido, expor os rabiscos da mão esquerda é como expor a bagunça na casa da autora: é mostrar o invisível.

As artes gráficas têm um protagonismo evidente em *Pardais* e concedem originalidade à obra de Adília Lopes; expande-se por meio delas o conceito de poesia. É por isso que esta breve resenha se concentra principalmente nesse aspecto do livro, ainda que diversos poemas escritos também constituam a obra e mereçam oportunamente uma mais profunda

² “While a painting or a prose description can never be other than a narrowly selective interpretation, a photograph can be treated as a narrowly selective transparency”.

análise. Sem dúvidas, todos esses elementos se unem num propósito continuado da poeta de problematizar o fazer poético e a enunciação.

Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

CALLE-GRUBER, Mireille. Journal intime et destinataire textuel. *Poétique*. Revue de Théorie et d'Analyses Littéraires, Paris, n. 59, p. 389-391, 1984.

LOPES, Adília. *Bandolim*. Porto: Assírio & Alvim, 2016.

LOPES, Adília. *Pardais*. Porto: Assírio & Alvim, 2022.

SONTAG, Susan. *On Photography*. Nova Iorque: Picador, 1990.

Data de submissão: 07/08/2023.

Data de aprovação: 18/08/2023.